

Concurso Dez Anos Depois Atribuídos os três primeiros prémios

Como noticiámos na nossa edição de ontem, os escritores Maria Judite de Carvalho, Jorge Reis e Baptista-Bastos, constituíram o júri que classificou os trabalhos que tomaram parte no nosso concurso enviando-nos textos em que responderam à pergunta: «Dez anos depois; que significa para si o 25 de Abril?»

Como é sabido os concorrentes não podiam ter mais de 30 anos. Os 3 textos premiados e os outros 10 seleccionados para publicação exprimem, portanto, as vivências e as opiniões de jovens que não conheceram, ou conheceram mal, a vida portuguesa no período do anterior regime, jovens que se formaram, adquiriram consciência cívica, após a libertação em 25 de Abril de 1974.

São testemunhos impressionantes e que revelam uma consciência cultural e política. São sinais de mudança. Sinais de uma mudança na atitude dos

mais novos perante a vida portuguesa que não é falha de sentido crítico.

Esperamos que os leitores do «DL» partilhem connosco da agradável surpresa que as respostas dos concorrentes oferecem: valeu a pena o 25 de Abril por ter dado a estes jovens esta consciência cultural e crítica. O concurso «DL» mostra bem que o «25 de Abril» foi um acto cultural.

Autor de um texto intitulado «Lembro-me da Bandeira...», João Saldanha Matias, morador nos Olivais, Rua Vila Catão, obteve o 1.º Prémio, (25 000\$00). Nasceu a 1 de Junho de 1963, em S. Pedro do Sul.

Autora de um texto intitulado «Carta a um Pai Militar», Natalina Maria dos Reis Borges Ferreira, moradora em Queluz, Rua Paulo Reis Gil, 7, 4.º dt.º, obteve o 2.º Prémio, (15 000\$00). Nasceu a 25 de Dezembro de 1968, na Vila

Continua na pág. 24

1.º Prémio



João Saldanha Matias

2.º Prémio



Natalina Maria dos Reis Borges Ferreira

3.º Prémio



António José Guerreiro Caeiro



Blanqui Teixeira
(PCP) ao «DL»

Remodelação governamental é uma artimanha

«O Governo (e, com ele, os dirigentes dos partidos da coligação), já entendeu que ninguém quer, que está condenado», afirma Blanqui Teixeira numa entrevista ao «DL» em que classifica a anunciada remodelação governamental como uma «qualquer artimanha para prolongar a existência» da actual coligação.

Pág. 7



Satisfação nas autarquias

Parlamento criou oito novas cidades

● Nas págs. 4 e 5: reacções e entrevista com o presidente da Câmara de Vila Franca de Xira

Hoje «DL Ler/Escriver»

A nossa edição de hoje de «Ler/Escriver» insere um artigo sobre Sagan, uma apreciação crítica sobre «O Navio Grande de Tebas» de Mariana, de Mario de Carvalho, um poema de Franco Alexandre (ultimamente distinguido com o Prémio de Poesia do Pen-Club), etc.



FNAC

Somos o
ar condicionado

Concurso Dez Anos Depois Atribuídos os três primeiros prémios

Como noticiamos na nossa edição de ontem, os escritores Maria Judite de Carvalho, Jorge Reis e Baptista-Bastos, constituíram o júri que classificou os trabalhos que tomaram parte no nosso concurso enviando-nos textos em que responderam à pergunta: «Dez anos depois; que significa para si o 25 de Abril?»

Como é sabido os concorrentes não podiam ter mais de 30 anos. Os 3 textos premiados e os outros 10 seleccionados para publicação exprimem, portanto, as vivências e as opiniões de jovens que não conheceram, ou conheceram mal, a vida portuguesa no período do anterior regime, jovens que se formaram, adquiriram consciência cívica, após a libertação em 25 de Abril de 1974.

São testemunhos impressionantes e que revelam uma consciência cultural e política. São sinais de mudança. Sinais de uma mudança na atitude dos

mais novos perante a vida portuguesa que não é falta de sentido crítico.

Esperamos que os leitores do «DL» partilhem connosco da agradável surpresa que as respostas dos concorrentes oferecem: valeu a pena o 25 de Abril por ter dado a estes jovens esta consciência cultural e crítica. O concurso «DL» mostra bem que o «25 de Abril» foi um acto cultural.

Autor de um texto intitulado «Lembro-me da Bandeira...», João Saldanha Matias, morador nos Olivais, Rua Vila Catão, obteve o 1.º Prémio, (25 000\$00). Nasceu a 1 de Junho de 1963, em S. Pedro do Sul.

Autora de um texto intitulado «Carta a um Pai Militar», Natalina Maria dos Reis Borges Ferreira, moradora em Queluz, Rua Paulo Reis Gil, 7, 4.º dt.º, obteve o 2.º Prémio, (15 000\$00). Nasceu a 25 de Dezembro de 1968, na Vila

Continua na pág. 24

1.º Prémio



João Saldanha Matias

2.º Prémio



Natalina Maria dos Reis Borges Ferreira

3.º Prémio



António José Guerreiro Caeiro



Blanqui Teixeira
(PCP) ao «DL»

Remodelação governamental é uma artimanha

«O Governo (e, com ele, os dirigentes dos partidos da coligação), já entendeu que ninguém quer, que está condenado», afirma Blanqui Teixeira numa entrevista ao «DL» em que classifica a anunciada remodelação governamental como uma «qualquer artimanha para prolongar a existência» da actual coligação.

Pág. 7

Melhor futebol não chegou para a Taça

«Vimos todos», na televisão: a turma do FC Porto jogou melhor que a credenciada Juventus e por essa razão linear merecia trazer na bagagem a «Taça dos Vencedores das Taças». Só que o futebol é mesmo assim, não se compadece com este tipo de raciocínios. Foi o que pensaram os largos milhares de adeptos, que ontem à noite, na baixa portuense, festejaram ruidosamente o comportamento brilhante dos seus ídolos. Para o ano, a sorte poderá mudar de rumo, porque o futebol de alto nível, esse, já mora nas Antas.

(Nas fotos NP/DL: a euforia dos italianos e o contestado gol de Boniek)

Pág. 17



Satisfação nas autarquias

Parlamento criou oito novas cidades

● Nas págs. 4 e 5: reacções e entrevista com o presidente da Câmara de Vila Franca de Xira

Hoje «DL Ler/Escriver»

A nossa edição de hoje de «Ler/Escriver» insere um artigo sobre Sagan, uma apreciação crítica sobre «O Navio Grande de Tebas, Navio e Mariana», de Mario de Carvalho, um poema de Franco Alexandre (ultimamente distinguido com o Prémio de Poesia do Pen-Club), etc.



FNAC

Somos o ar condicionado

Desemprego feminino tenderá a agravar-se em Itália

O desemprego e o subemprego femininos tenderão a agravar-se em Itália durante os próximos anos, em consequência da crise económica e da automatização imposta pelos «robots».

O ISFOL, Centro de Estudos Especializados do Ministério do Trabalho, acaba de divulgar um relatório elaborado na base de uma sondagem-investigação iniciada em 1983, no qual põe em relevo que dois terços dos desempregados de amanhã serão mulheres.

Segundo o estudo, o princípio da paridade dos sexos é ainda utópico, apesar de ter sido sancionado pela Constituição e ratificado pela Lei 903, aprovada em 1977 pelo Parlamento italiano.

Existe actualmente uma discriminação real no Mercado do Trabalho motivada pela importância da mulher na família, pela situação económica do país, pela recessão e diminuição dos gastos públicos em alguns serviços oficiais, e pela introdução de novas tecnologias, como os «robots», que parecem condenar as mulheres a permanecer em casa.

A investigação do ISFOL foi levada a cabo num total de cinco mil famílias nas quais havia 7310 mulheres, com idades oscilando entre os 14 e os 65 anos.

Lea Battistoni, uma das peritas que levou a cabo a investigação, afirmou que «estudamos diversas circunstâncias da vida feminina, o fluxo de entradas e saídas das mulheres no mundo do trabalho, e averiguamos a situação familiar de cada uma».

Lea Battistoni indicou que a relação anual que deveria ser apresentada ao Parlamento sobre a situação da Lei 903 e o seu eventual cumprimento, não é feita desde 1978.

«Do relatório surgiram dados interessantes — expressou — como, por exemplo, que 60 por cento das mulheres pretendem um regime de trabalho em «part-time», não para se dedicarem à família, mas para levarem uma vida melhor».

Outro aspecto do inquérito é que, apesar do alto nível de instrução de grande número de mulheres, a escolha da carreira não esteve condicionada a um objectivo concreto laboral de futuro.

Igualmente posto em relevo foi o facto de a qualificação profissional se registar apenas nos altos níveis directivos, não sendo em absoluto tomada em conta nos ditos «quadros ou níveis intermédios».

O estudo suscitou reacções do mesmo teor entre as representações parlamentares dos diferentes grupos políticos: as deputadas Alessandra Codazzi (democrata-cristã), Marisa Rodano (comunista) e Elena Maricucci (socialista), insistiram em que se devem individualizar os instrumentos que permitam aplicar a lei sobre a paridade de sexos, sem proceder à sua reforma.

Actualmente, a força laboral feminina eleva-se a cerca de dez milhões de mulheres distribuídas pela indústria, pelo sector terciário, serviços e agricultura, sobretudo no sul do país.

Segundo a deputada Codazzi, para salvaguardar a possibilidade de emprego das mulheres, poderia ser válido renunciar às chamadas «discriminações positivas», como por exemplo, não excluir as mulheres dos trabalhos nocturnos.

Lea Battistoni, afirmou que se torna necessário «prever o futuro», pois que as novas tecnologias e a iminente automatização das indústrias e escritórios repercutir-se-á, decididamente, na força laboral feminina.

Edoardo da Forno — IPS

A toxi-inflação

Beja Santos

O Instituto Nacional de Estatística acaba de divulgar a inflação referente ao primeiro trimestre de 84: 30,8%. A gravidade da subida de preços, contrariando declarações optimistas e bombásticas dos mais proeminentes membros do Governo, o saber-se que esta inflação anda descontrolada, o facto de se intuir que este segundo trimestre não chegará ao fim sem um forte disparo de preços num conjunto de bens essenciais que a estratégia política convidou a amordar nos meses de Abril e Maio, pode conduzir-nos sumariamente a duas reflexões: que fez ou devia ter feito o Governo e quais as consequências de uma inflação violenta no consumidor.

O Governo cumpriu alguns dos objectivos determinantes a que se propusera na estabilização financeira. Não só se verificou uma drástica diminuição do défice externo como é considerável a redução do défice orçamental. Ou seja, o programa de gestão conjuntural de emergência tem sido um êxito, mesmo desarticulado do programa de recuperação financeira e económica e do programa de modernização da economia portuguesa, previstos no programa do Governo desde Junho de 83, mas cujas coordenadas são ainda do desconhecimento da opinião pública. Só que nos êxitos contabilísticos não faz a Primavera.

Se o quadro financeiro era e é o da restrição, previa-se na esfera das políticas social e económica um conjunto de actuações que visavam atenuar não só desequilíbrios como amortecer a degradação das condições de vida. Porém, essas compen-

sações confinaram-se a uma modesta participação da Segurança Social e da política da Saúde, e como o Governo falhou estrondosamente nas políticas de emprego e inflação, agravou-se a vulnerabilidade, a insatisfação das necessidades básicas e a estabilidade do rendimento familiar. Ou seja, um quadro pouco lisonjeiro para se promover uma política pró-consumidor.

Não importa aqui pormenorizar as parcelas da taxa de desemprego. O que se sabe é que a partir de meados de 83, aumentou o número de chefes de família desempregados, a par das taxas volumosas do desemprego feminino e de qualquer resposta positiva ao primeiro emprego. Ademais, os esquemas de Segurança Social revelaram-se não ter flexibilidade nem dimensão para responder às novas solicitações da penúria. Os próprios milhões de contos de dívidas à Previdência dão provas duma rigidez inultrapassável no tocante a novas alternativas de urgência social. Acresceu a instabilidade social graças à instauração de não pagamento de salários e dívidas, contrariando-se a Bíblia, a Constituição e as próprias doutrinas de Milton Friedman.

Como se tudo isto não chegasse, subestimou-se irresponsavelmente os efeitos induzidos pela redução de subsídios, da desvalorização do escudo e da liberalização de preços e margens de comercialização. Adoptou-se a fórmula de que «os preços quanto mais livres menos sobem» e os resultados estão à vista. Os acréscimos em alimentação e bebidas foram na ordem de 34,4%, e as despesas de habitação 33,2%. Ficou demonstrado que o Governo não ponde-



O que se sabe é que aumentou o número de desempregados...

rou experiências anteriores onde se registaram desvalorizações e cortes nos subsídios sem efeitos tão nefastos; agiu com levianidade quando se propôs intensificar as regras concorrenciais, desaperando os controlos e as intervenções visto que não era humanamente possível, sabendo-se, como se sabe, que a procura de bens de consumo generalizados teria tendência numa primeira fase a não diminuir e que a oferta utilizaria os processos mais prepotentes para impor os seus preços, como aliás aconteceu.

Quando se vai ouvindo por parte de governantes credenciados a preocupação abrupta pela componente da inflação no actual estado económico-financeiro do País, o comentário, em síntese, que se pode formular é que o Governo não apreciou com a devida seriedade as experiências anteriores de circunstâncias equivalentes noutras conjunturas económico-financeiras. Certamente se o tivesse feito, ter-se-ia chegado à conclusão que a descompressão súbita da economia (a chamada desestabilização) só poderia ter dado os

resultados calamitosos que conhecemos: especulação, prepotência do fabricante sobre o consumidor, degradação da qualidade, estrangulamento do abastecimento, o estado económico do consumidor como vítima das miasmas dos aprendizes de feiteiro.

A realidade vingava-se de quem a ignora. O restritivismo sem nenhuma contrapartida no actualamento de índice de preços ao consumidor, o descaro público de um punhado de fabricantes controlarem as actividades económicas, impondo os seus preços, dão como triste resultado os ministros anunciarem televisivamente a sua versão risonha das coisas, que o mundo das hortaliças e da batata, do peixe e da carne, da prepotência e da especulação dos lucros ilícitos, etc., se encarrega, meses depois, de destapar o manto diáfano da vigarice e do impudor político.

Certo e seguro, por muitas acrobacias e alguma consertação que ainda seja possível suscitar nas relações entre o Estado, as empresas e os consumidores, vamos conhecer uma inflação em fins de 84 muito vizinha dos 30%. Uma toxi-infeção social e económica completamente evitável. Agora, há que escolher entre a passividade e a tolerância de uma inflação à beira do abismo ou arrear o caminho antes de que a realidade se vingue de quem andou a fazer jeitinhos a algumas empresas, esquecendo-se que o universo da política também comporta o Estado e os consumidores.

Se o «deixa andar, não te ralles» se prolongar, ao invés de uma toxi-infeção nacional vamos conhecer uma nova modalidade de cataclismo: a toxi-inflação.

(*) Sindicalista

CEE, 10-Países Ibéricos, 0

João Meira (*)

Adivinha quem não vem jantar

Escrevia Augusto Gil num célebre poema: «Batem leve, levemente/Como quem chama por mim...» Naquela época as formas de chamamento mais usuais eram: as campainhas de mão, usadas pelas classes abastadas da burguesia e da aristocracia para chamar a obediente criada; os barulhentos batedores de metal, que ainda hoje podemos admirar em alguns decrepitos edifícios da nossa decrepita-cidade, dia a dia corroídos por irreversível esclerose; os pequenos sinos colocados no exterior das vivendas e palacetes; e como forma mais arcaica o ancestral (mas actual) «toque-toque», com que de mão fechada alguns batem às portas, para de seguida, então de mão já estendida, esmolarem lamuriamente a caridade dos localitários... Encurvados ao peso da crise fomos bater às portas trancadas do Parténon, onde o sr. Papandreou, ilustre sucessor de Péricles, recebia como anfitrião cordato os governantes dos países que constituem a CEE. Fizemos uma primeira tentativa. Voltámos a insistir. Ameaçámos ir bater a outras portas. Foi então que se abriu uma pequena fresta, através da qual contemplámos expectantes um quadro de muitos sorrisos e ouvimos lindas palavras de encorajamento: «... Há que ter calma...» «... Temos muito gosto, mas...» «... Sem dúvida que... Talvez em breve...»

Saimos como o pobre que só cheirou o apetitoso menu, como no tempo das velhas goleadas futebolísticas mais uma vez ganhámos moralmente. Nós e os nossos vizinhos.

Após a cordialíssima «tampa» de Atenas impõe-se um momento de reflexão. Sabemos tirar dos ventos hostis que nos fustigam os ensinamentos adequados, não esquecendo que da «Europa unida» sonhada pelo Tratado de Roma poderemos (se certos membros se comportarem como se comportam) a breve prazo estar perante simples folhas de papel varridas pelo vento da adversa realidade financeira actual.

O frugal jantar de Atenas mal chegou para 10. Que acontecerá quando se sentarem à mesa mais 2, que de tão pobres que são nem com os aperitivos podem contribuir?

As vinhas da ira

Não foi necessário aos vinhateiros serem os vinhateiros homicidas. Bastou-lhes aliarem-se aos contestatários do alargamento (os seus conterrâneos franceses produtores horticolas e frutícolas) para que a França não «arrancasse» com a nossa integração, mas antes continuasse a trabalhar ao «ralenti».

E para quem julga que é difícil deparar com situações paradoxais, lembramos que ao lado dos vinhateiros franceses se colocaram os leiteiros da Holanda, Irlanda e Itália, que se fizeram transportar até Atenas, onde gritaram a plenos pulmões que querem protecção para o seu saudável leiteiro.

Entalados entre vinhateiros e leiteiros os 10 preferiram atirar para as calendas gregas com a entrada a curto prazo dos 2 teimosos ibéricos.

Não restam dúvidas de que o vinho e o leite (embora por motivos antagónicos) continuam a andar indissolivelmente ligados a uma parte considerável do nosso povo. Desde o «dar de comer a 1 milhão» às famigeradas «sopas de vinho» que adultos e crianças (!) comem em cer-

tas regiões, passando pelo escasso consumo de leite, temos de concluir que «leiteira» não é connosco. Já lá vai para 800 anos!

O pão que o diabo amassou

Adaptar as nossas estruturas às da CEE tem sido o «slogan» posto há algum tempo a circular. Andamos a tirar as «medidas» quando apenas nos prometeram o «fato». Que tal se começarmos por adaptar as estruturas que temos, e que são as mesmas da era do império colonial, àquilo que somos hoje?

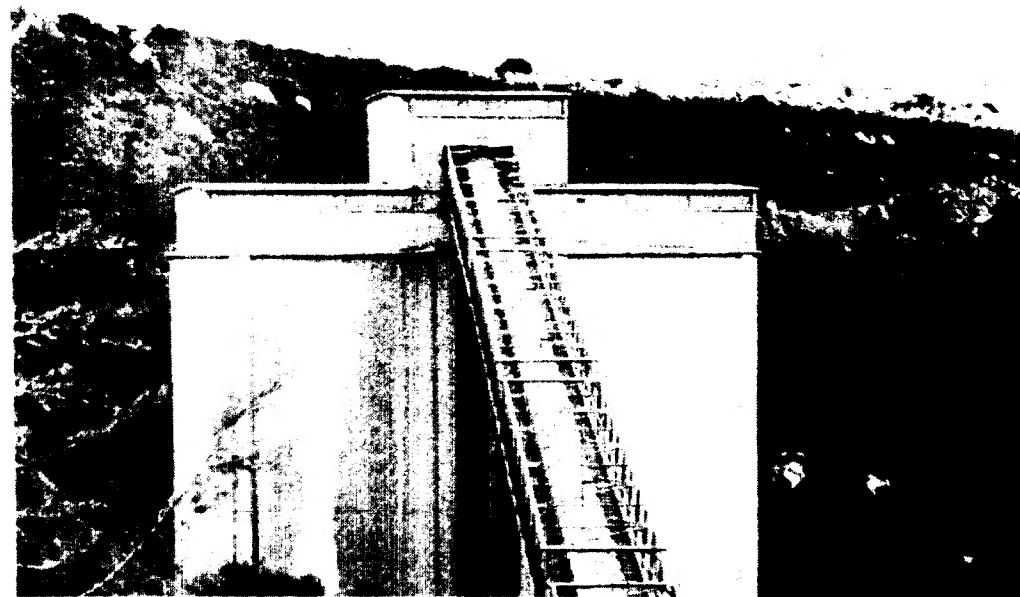
Um dos sectores da economia que desde sempre tem merecido a atenção dos governos é o sector nevrálgico dos cereais. Isto porque pode um cidadão não ser

utente da rodoviária ou da CP, porque tem bicicleta, moto ou automóvel, ou mesmo da EDP, porque não tem luz eléctrica, mas dado que todos consumimos cereais somos utentes da EPAC, empresa pública que vem prestando um inegável serviço de ordem social.

Ora sendo a agricultura um dos «dossiers» polémicos com a CEE, aguardamos os efeitos que a liberalização do trigo nos trará em breve, com o inevitável agravamento do custo do pão.

Uma luz no fundo do túnel

Que há túnel todos sabemos. Que é escuro como breu também sabemos. O que não vislumbramos é a redentora luzinha no seu término. Cegueira momentá-



«Aguardamos os efeitos que a liberalização do comércio de cereais nos trará em breve, com o inevitável agravamento do custo do pão». (Na foto, silos da EPAC em Vila Franca de Xira)

neia, ou apenas falta de alcance visual? Sabemos que há quem já tenha visto a luz milagrosa lá no fundo, como farol berlengueiro lançando mensagens coloridas de notas (musicais...) capaz de nos fazer sonhar com um país remozado e maravilhoso. Mas será mesmo realidade? Ou será mais um sonho natalício, com renas e sacos com prendas fictícias transportados às costas de 10 pais natais que prometem prendas em natais distantes?

Então o melhor é pensarmos em África, países árabes e América Latina. Para cá dos Pirenéus temos que caminhar lado a lado pela estrada oceânica liberta de «tubarões» que levará a bom porto dois países immanados no mesmo destino ibérico. Saibamos ser dignos dos novos tempos que se aproximam.

(*) Sindicalista

política de A a Z

Um discurso que falta fazer

S E a Europa, preocupada com o orçamento comunitário e com as contradições das economias dos países que se constituíram em artificial comunidade, não tem pressa na integração dos países da península Ibérica, a «coligação PS-PSD» não tem pressa no que concerne uma vaga promocional de autarquias que implicará umas sete dezenas de eleições para os órgãos autárquicos das respectivas freguesias. Assim, a «coligação», no plano das negociações europeias e no plano interno, revela-se em perda de velocidade. O «voluntarismo» que a tem orientado na política de integração europeia fica reduzido a um irrealismo político; pelo contrário é o maior realismo político que leva a «coligação PS-PSD» a procurar eximir-se a novos testes eleitorais.

As eleições autárquicas recentes têm constituído preocupantes avisos para os dirigentes do Partido Socialista. Parece ser este o partido da «coligação» que tem sofrido mais severamente o desgaste de ser Governo. Nas fileiras socialistas há quem pense que a política de «Bloco central» só tem sido vantajosa para os «camaradas» instalados, mas que o partido a tem pago por um preço demasiado alto. As eleições autárquicas, que se tornarão imprescindíveis pela criação de novas freguesias em diversas áreas do País, irão proporcionar uma amostragem, estatisticamente significativa, do desgaste governativo da «coligação» e do Partido Socialista.

Com efeito, declarações recentes de Mário Soares e o que vem constando das discussões no seio do PS — as das «Jornadas Parlamentares» de Lagos, as do alto «conclave» de Sintra —, mostram que o maior partido parlamentar está descontente consigo próprio e com o País.

O Primeiro-Ministro ofereceu festejos musicais por ocasião do 25 de Abril e, embalado por uma música antiga, num desafio aos militares de Abril, foi arrancar à silenciosa compensação de um marechalato um idoso chefe de tropas, António Ribeiro de Spínola, para presidir às «comemorações oficiais». O insensato desafio teve uma resposta democrática que ultrapassou as previsões mais optimistas. Mas, em vez de tirar da lição política que recebeu as consequências lógicas e úteis, mal aconselhado como anda, rodeado de aúlicos e de «amenistas», dividido entre as várias funções nacionais e internacionais que aceitou exercer, lança-se numa fuga para a frente e inventa o fantasma (demagógico e mitológico) do «neogonçalvismo».

Limitar-se-ia o fantasma do «neogonçalvismo» a ser um susto pregado aos parceiros da «coligação», destinado, com boa dose de simplismo, a facilitar a «estabilidade» e a assegurar a «continuidade», se a «Direita» não estivesse inclinada a disputar a Mário Soares a condução da política interna e externa.

A garantia, repetida aliás na conferência pronunciada, a

convite da SEDES, no grande auditório da Fundação Calouste Gulbenkian, de que sempre lhe fora pessoalmente estranha uma hipótese de «maioria de esquerda», colocou o secretário-geral do Partido Socialista, ontem, nas mãos dos negociadores da «coligação», hoje, nas mãos dos negociadores da «remodelação».

Muitos militantes socialistas e muitíssimos eleitores socialistas pensam que o partido não encontrou uma alternativa política à «Aliança Democrática (AD)», criando com o partido que assumiu a liderança governativa da «AD» uma coligação parlamentar e governativa. O «Bloco Central» não produziu uma política alternativa, deu continuidade, sob vários aspectos, à política restauracionista. Apresenta-se à consciência democrática como uma continuidade. E se a alternativa não é, necessariamente, uma ruptura, o descalabro a que nos remeteu a política da «AD», para ser remediado, exigia um esforço de renovação, uma capacidade de mobilização, uma coragem de ruptura.

O eleitorado, votando à Esquerda, pronunciou-se por essa ruptura. Tendo-se enredado e comprometido, na continuidade, o Partido Socialista dá indícios, eleição após eleição, que está a pagar essa política de «coligação» e de «continuidade».

Por outro lado, como exclui, à partida, a «maioria de esquerda», o Partido Socialista não tem alternativa para uma política de «Bloco Central», e está atado, dependente, inferiorizado, para negociar com o PSD uma «remodelação ministerial». Remodelação que é exigida pelo desgoverno de alguns governantes, pela sua manifesta incapacidade, pela paralisação de alguns departamentos, pelas contradições no seio da «coligação» e pelas contradições no seio dos «partidos».

Os desmentidos eventuais não podem afastar as nuvens e as apertências sobre ministérios dos Estrangeiros, da Justiça, da Reforma Administrativa, do Equipamento Social, da Indústria. Nem há confiança política que possa cobrir, e encobrir, a situação na Educação e no Trabalho, com particular relevo para a fantasia que é a Secretaria do Trabalho sediada no Porto. Não há desmentido nem silêncio que possam iludir a inexistência de política no que respeita à Agricultura ou de eficácia no que se refere ao normal abastecimento e à comercialização dos produtos agrícolas e pecuários. As queixas dos empresários e dos comerciantes sobem de tom. O número das falências declaradas e latentes é altíssimo. A crise aprofunda-se.

Nem a Constituição nem o «gonçalvismo», velho ou novo, poderão ser chamados para justificar a crise política, económica e financeira. A «coligação PS-PSD» evitou que o PSD assumisse perante o país as responsabilidades na crise, as responsabilidades do «Governo AD». Não foi feito o «discurso sobre o estado da Nação» — queixa-se Mário Soares. Reconheça-se que, neste ponto, tem alguma razão.

Falta-lhe, porém, razão, quando se furta a fazer o discurso sobre o estado a que chegou a «coligação» e a política de «Bloco Central».

ponto a ponto



SÉRGIO Aires Sacadura Cabral, embaixador extraordinário e plenipotenciário de Portugal na URSS, entregou no Kremlin as suas credenciais. A entrega foi feita a Vassili Kuznetsov, membro suplente do Bureau político do Comité Central do PCUS e primeiro vice-presidente do Presidium do Soviete Supremo da URSS. Até agora embaixador português em Bucareste, Sacadura Cabral, de 55 anos, é natural de Lisboa e licenciado em Direito pela Universidade de Lisboa.

O Primeiro-Ministro português, **Mário Soares**, enviou uma carta ao seu homólogo soviético, Nikolai Tikhonov, apelando ao governo para pôr termo ao exílio de Sakharov, informou o seu gabinete. Na carta, Soares pede que seja permitido a Andrei Sakharov fixar-se em Moscovo «ou em outro local à sua escolha, onde possa receber os necessários cuidados médicos que o seu grave estado de saúde aconselha. Na missiva, o chefe do executivo português solicita «a melhor atenção do governo soviético para a situação da mulher daquele cientista». Esta iniciativa do Primeiro-Ministro foi tomada na sequência de «apelos que lhe foram dirigidos pela secção portuguesa da Comissão Internacional de Justiça e pela Liga Internacional dos Direitos do Homem».



A Organização de Unidade Africana enviou aos governos de Portugal e de outros sete países cartas de protesto pela próxima visita à Europa do primeiro-ministro sul-africano, Pieter Botha, revelou uma fonte da OUA. As cartas do presidente em exercício da OUA, o Chefe de Estado etíope, Mengistu Haile Mariam, foram endereçadas aos governos de Portugal, República Federal da Alemanha, Grã-Bretanha, França, Holanda, Espanha, Bélgica e Suíça. O presidente da OUA diz que as anunciadas visitas de Pieter Botha a países europeus tem como objectivo fazer aceitar internacionalmente a política racista da África do Sul, denunciada e condenada pelas Nações Unidas, pela Organização de Unidade Africana e pelo Movimento dos Países Não-Alinhados.

Marcelo Rebelo de Sousa disse à Anop ter defendido, junto de Rui Machete, «uma remodelação muito profunda do Governo, se pretende dar ao executivo um novo fôlego». Embora não considere essa «condição suficiente», acha-a, «pelo menos, absolutamente necessária», pois há sinais preocupantes da paragem do Governo e da sua incapacidade. Num encontro com o vice-presidente da Comissão Política do PSD e ministro da Justiça, a solicitação do mesmo, Rebelo de Sousa defendeu «as grandes linhas» desta sua opção, acrescentando que «tentar uma remodelação superficial não adianta e mais vale ficar quieto, pois não vai significar rigorosamente nada».

Marcelo Rebelo de Sousa revelou ainda ter saído do encontro «mais preocupado do que entrara».

O presidente do Governo dos Açores, Mota Amaral, homenageou em **Angra do Heroísmo**, com um almoço de despedida, o comandante do destacamento norte-americano da Base das Lajes, general Donald Smith. Donald Smith deixa o cargo de comandante norte-americano das Lajes, em que vai ser substituído por Donald Rigg, dia 21. No almoço de despedida participaram também o presidente do Parlamento açoriano, Alvaro Monjardino, deputados regionais e outras autoridades da Região Autónoma.



O Conselho de Estado de **Cuba** designou Armando Torres Santrayll embaixador cubano em Portugal. No momento da sua designação para estas funções, Torres Santrayll desempenhava o cargo de embaixador cubano na República Popular da Guiné-Bissau. O novo embaixador em Lisboa foi um dos autores da Constituição de Cuba e seu ministro da Justiça.

No I Simpósio dos Escritores Ibéricos

Mário Dionísio

ESTE encontro de espanhóis e portugueses, que ficamos devendo à Rádio Nacional de Espanha este encontro de dois irmãos estranhamente sempre voltados de costas para o outro, é naturalmente uma festa. E essa festa, antes de tudo significa que algo de novo e precioso existe hoje na vida política dos nossos dois países, ou seja, a liberdade, ou seja, a possibilidade de nos reunirmos sem ser por via política oficial e de dizer em voz alta o que nos aflige e entusiasma.

Para mim muito pessoalmente, estamos aqui é particularmente comovente, particularmente festa, porque a minha descoberta da minha poesia, não digo da poesia mas da minha poesia, se fez sob a influência deslumbrada que em mim exerceu a leitura quase clandestina que nos anos trinta fiz, por circunstâncias meramente fortuitas — sabem de quem? —, de Manuel Altolaguirre, de Vicente Aleixandre, de Lorca (naturalmente), de Emilio Prados («Hay voces libres/ y voces con cadenas»; «Ligero el mundo amanecer...») e sobretudo, mais que de todos, de Rafael Alberti («Venus en ascensor», «Cita triste de Charlot», «Un fantasma recorre Europa/ el mundo/ Nosotros le llamamos camarada...»). Desse Alberti que, na introdução «a sua antologia das edições «del arbol — cruz y raya», de 34, escrevera: «A partir de 1931, a minha obra e a minha vida estão ao serviço da revolução espanhola e do proletariado internacional». Desse Alberti que, com o ouvido colado ao aparelho de rádio e através da ba-

cias provocadas, ouvi ler, num corulheira raivosa das interferências nocturnas, quando as tropas franquistas estavam mesmo às portas da capital da esperança de todo o mundo, o seu célebre romance Defesa de Madrid. Ouço ainda a sua voz (vai lá quase meio século): «Madrid, corazón de España»...

Irmãos somos ou assim nos dizemos sempre. E, no entanto, tudo se passa como se o não fôssemos ou nos fosse indiferente sê-lo. Salvo raras excepções, para lá dos Cervantes ou dos Unamunos, que sabemos da cultura viva de Espanha? Para lá dos Camões ou dos Pessoa, que sabe a Espanha da nossa cultura viva? E que provoca esta distância entre vizinhos? Descubri-lo seria bem interessante.

Sempre me espantou a imensa dificuldade não de estabelecer o contacto — que esse é pronto e franco —, mas a de conseguir mantê-lo. Actividade incansável de intelectuais como Angel Crespo e Felix Cucurull que não quero esquecer neste momento, terá produzido, apesar de tão meritória, o resultado desejado? Certas simpáticas antologias e algumas traduções não se perderão no mar do grande desconhecimento?

Há um facto em que não deixo de pensar porque nunca conseguí encontrar para ele explicação que de longe ou de perto me satisfizesse. É uma experiência pessoal, decerto, mas não será muito provavelmente só minha. Tenho tido, através dos anos e em circunstâncias diversas, a feliz possibilidade de convívio mais ou menos estreito, rápido ou relativamente prolongado, com inte-

lectuais espanhóis ou de língua espanhola, como José Maria Castellet, como Carlos Barral, Ana María Matute, Jesus López Pacheco, Fernando Morán, Jorge Semprun, Mário Vargas Llosa, os saudosos Max Aub e Juan Petit... Porque não falaríamos nas nossas próprias línguas — qualquer delas em espanhol e eu em português já que assim nos entenderíamos muito bem? Assim resolvermos sempre, claro, nem outra coisa seria admissível! A verdade, porém, é que passados os dez primeiros minutos de conversa, sem se saber como nem qual o primeiro infractor, essa conversa continuava invariavelmente em francês! Isto explica-se? Quero eu dizer: pode aceitar-se? A uma, diremos que não. Resta saber como evitá-lo.

No seu livro **Do latim ao português**, Edwin Williams, pergunta-se por que se terá desenvolvido uma língua autónoma na extremidade da Península Ibérica. Interroga-se sobre como se explicará a existência nesta faixa ocidental da Península duma língua perfeitamente diferenciada. E admite várias hipóteses explicativas, entre elas a de ter havido em Portugal insulamento geográfico por altos planaltos e terras ermas, a de a nossa independência política se ter dado logo em meados do Século XII, a de se ter verificado entre nós uma forte influência do francês.

Mas isto que, entre outras causas possíveis (menor influência germânica no período da formação, espírito crítico dum Século XVI que fazia os portugueses crearem a sua língua digna de preservação como idioma autónomo),

explicará um longínquo passado, se acaso o explica, mas muito pouco ou nada diz dum presente em que o problema de perigo para a autonomia linguística portuguesa não tem evidentemente sentido. Ou tê-lo-á, sem que nós mesmos nos apercebéssamos disso? Mas, se, por absurdo, o tem (terá, teria) do nosso lado por razões óbvias, que explicação forjar para o lado espanhol?

Simples conjecturas, como é evidente que só a situação na verdade paradoxal poderá explicar ou desculpar.

Certo, porém, é que, se tudo devemos fazer «para levar os Estados Portugueses e Espanhóis a privilegiarem as trocas culturais» que o tema deste simpósio muito bem exemplifica e especifica se tudo deve fazer-se para acabar com a «inexistência de uma ponte cultural entre Portugal e Espanha», a verdade é que, simultaneamente, se

a figura indispensável pesquisar minuciosamente o que, em domínios mais profundos e por isso invisíveis, por erros seculares ou preconceitos ainda recentes, porventura afasta o que quisera ver-se próximo. Pois, mais do que razões oficiais ou comerciais, isso mesmo poderá (de preferência, poderia) tornar menos sólidas as bases onde cravar a «ponte» com que sonhamos.

Porque ser irmão é bom mas não é tudo. Há irmãos que se dão bem, outros que se dão mal, outros que nem se dão. E nós todos aqui, que somos quase dos últimos, queremos ser de os primeiros, dos que se dão, não apenas nos convénios mas na prática cultural, na verdade muito bem.

Quer chamar a si a portagem de Sacavém

Vila Franca de Xira passa a cidade mas os problemas continuam por resolver

— afirmou-nos o presidente da Câmara

A elevação de Vila Franca de Xira a cidade não beneficia, à partida, a resolução dos grandes problemas da vila e do concelho. Nem beneficia nem prejudica. Mas poderá vir a proporcionar condições — admitiu o presidente da Câmara Municipal ao «DL» — que obriguem o Poder Central a satisfazer as exigências das populações nas áreas que tutela, desde a saúde ao ensino.

Área de transição entre as zonas rural e urbanas, concelho que luta por não ser mais um «dormitório de Lisboa», Vila Franca de Xira, tem a desvantagem dessa transição e pretenderá, com a sua passagem a cidade, tornar-se zona, mais urbana, enclavada na extremidade do Ribatejo, mas de fácil acesso (pela auto-estrada) à capital. Liga o Ribatejo ao Alentejo, através da ponte outrora designada por «Carmona» e hoje apenas «ponte de Vila Franca», onde já não se cobra portagem porque Lurdes Pintasilgo anulou há cinco anos esse «ônus» aos automobilistas.

Marginal ao Tejo como alternativa

Por essa mesma ponte passam todos os nortenhos e outros que a caminho do Algarve, sobretudo no Verão, evitam passar por Lisboa...

E é por causa da portagem de Sacavém que Vila Franca de Xira é hoje uma vila de tráfego caótico. Lurdes Pintasilgo acabou com a portagem na ponte de Vila Franca, mas nenhum governante deu, até hoje, ouvidos às reclamações da Câmara Municipal que, sem o apoio do Poder Central, jamais terá a possibilidade de pôr o tráfego em ordem. Para atravessarem a vila, sobretudo nas horas de ponta, há automobilistas que demoram tanto tempo como a percorrer a dis-

tância (cerca de trinta quilómetros) que a separa de Lisboa.

«O problema do tráfego é um dos que mais nos apoquentam. Sem a colaboração do Poder Central é impossível regularizá-lo. A solução mais viável, quanto a nós, passa pela transferência da portagem da auto-estrada do Norte, de Sacavém para Vila Franca, a norte da vila. Isto é: a auto-estrada do Norte começa a acabar, para efeitos de portagem, aqui.» — disse ao nosso jornal o presidente da Câmara Municipal, Daniel Branco.

A promoção de Vila Franca de Xira a cidade não terá reflexos no tráfego: um dos maiores problemas da vila e até do concelho. De há muito que ele é intenso, porque tem a ver com a capacidade económica da região, que é enorme. Daí a justiça da sua subida a cidade.

Antes do Verão, anunciou Daniel Branco, estará pronto o novo Regulamento de Trânsito, com conjugado, a seu tempo, com o Plano de Urbanização Geral de Vila Franca (o qual contém a proposta de mudança da portagem de Sacavém para Vila Franca e, em alternativa, a construção de uma variante, marginal ao Tejo, entre este e o caminho-de-ferro), poderá «travar» um dos maiores problemas da terra.

No dia em que a portagem de Sacavém foi mudada para o extremo norte de Vila Franca, serão menos os camiões, e até os automóveis que, a caminho de Lisboa, ou vindos da capital, atravessarão a vila. A CM tem indicações de que será um alívio para a vila. A nova postura do trânsito, já este Verão, desorganizará uma boa parte da circulação — mas não a maioria. Mas o forasteiro e todo aquele que não está acostumado a Vila



Franca, muito embora tenham aqui vindo pelo «Colete Encarnado» (todos os anos em Julho) ou pela Feira Anual (sempre em Outubro), só se aperceberão da real dimensão do pandemónio que o trânsito é nesta agora cidade de Vila Franca de Xira, quando a ambulância buzina ruidosamente para chegar ao hospital.

Faltam camas ao hospital

Ao «novo» hospital, com a categoria de distrital, chegamos nós, sem fazer muito barulho. Dizem que o hospital é novo, mas não é verdade: foi ampliado, passou por uma «operação cosmética» apresenta novo rosto, mas está ainda longe de corresponder às necessidades do concelho (de cerca de cem mil habitantes) e das terras limítrofes (concelhos que enviam para Vila Franca mais os seus 80 mil habitantes, quando há um acidente ou a doença aconselha a internamento).

Para internamento, a situação não é fácil: o hospital continua

com pouco mais de 120 camas, quando todas as regras, num estabelecimento deste tipo, prevêm meio milhar. Há quem defenda o acrescento, depois das obras da ampliação por que passou, de dois ou três pisos, para atingir as trezentas camas. O presidente do Município, contudo, vai mais longe: «chegou a haver um programa que contemplava Vila Franca com um hospital com 500 camas. Foi mesmo aprovado, por constituir primeira prioridade. Mas desapareceu, porque há verbas para outros domínios, mas não para a saúde».

«Ficou com uma boca muito grande para um estômago muito pequeno», eis como Daniel Branco define o «novo» hospital, com (novo banco este, sim), consultas externas, laboratório (que funcionarão dentro de dias), ao passo que a sala de operações só à tarde está de serviço uma vez que não há anestesista (como não há obstetra). Com 25 mil contos de receitas próprias o ano passado, o hospital pagou,

só em vencimentos, no mesmo período, dezoito mil, e este ano deverá gastar 22 mil contos.

Não há casas do tipo social

De duas das suas principais dificuldades, saúde (um hospital que não tem nem pessoal nem camas em número suficiente) e tráfego, falamos acima. O concelho tem mais. Ao contrário do que muitos julgarão, quanto a ensino está bem servido: a CM tem construído e adaptadas escolas primárias em número suficiente, enquanto a nível preparatório e secundário, neste momento, não há problemas. Só Alhandra espera que o Ciclo Preparatório avance...

Casas não faltam, quer na vila quer no concelho. E aqui está o paradoxo: não faltam, mas há quem não as tenha. Há muitas para venda, para cima de mil esperando comprador. Mas não há casas do tipo social. «Há, pois, uma desadequação neste aspecto», acentua Daniel Branco. «E casas do tipo social são a

nossa primeira prioridade. A segunda, como já disse, é o novo hospital. A terceira, o trânsito. Tudo prioridades que dependem muito do Poder Central», acrescenta.

Com pouco mais de quinze mil habitantes em 1900 e cerca de 90 mil em 1981, o concelho de Vila Franca de Xira terá hoje cerca de cem mil, um terço dos quais em Alverca do Ribatejo, freguesia com maior densidade populacional que a própria vila. O concelho reparte-se por nove freguesias, a maioria das quais ainda hoje ostenta as «chagas» das cheias de Novembro último. Mais de cem famílias ficaram desalojadas, o total de famílias sinistradas atingiu as 700, os prejuízos ao património nacional foram superiores a 250 mil contos, em 36 empresas industriais houve danos de mais de meio milhão de contos, e há 94 firmas comerciais que se queixam de prejuízos totais à volta de 136 mil contos.

Texto: Júlio Rodrigues
Fotos: José Tavares

notícia foi recebida nas novas cidades

vada à categoria de cidade».

A notícia foi recebida na nova cidade com entusiasmo e euforia. Ao mesmo tempo que a população recebia a notícia com intenso foguetório, as fábricas da zona industrial de São João da Madeira fizeram tocar as respectivas sirenes com grande alarido.

O presidente da Câmara, Manuel de Almeida Cambrá, que também já foi presidente da Sanjoanense, vincou que, «neste momento, a nossa principal preocupação é a Saúde».

Sublinhou que «o actual hospital carece de uma ampliação de instalações e da criação de serviços especializados que permitam a prestação de um serviço de Saúde de melhor qualidade à população da zona».

São João da Madeira tem uma população de cerca de 20 mil pessoas e constitui uma das áreas limítrofes da zona do Porto.

Oliveira de Azeméis: não há desemprego

António de Almeida Gomes, vice-presidente da Câmara Municipal de Oliveira de Azeméis, disse à ANOP que «a elevação da cidade impõe-se por força do desenvolvimento natural de Oliveira de Azeméis».

«O acontecimento é o corolário lógico de um processo iniciado há três anos e que corresponde ao desejo de todos os oliveirenses».

afirmou ainda.

A notícia foi recebida em Oliveira de Azeméis com grande alegria e, desde logo, foi nomeada uma comissão encarregada de elaborar o programa oficial dos festejos comemorativos.

Oliveira de Azeméis tem 15 mil habitantes e é a capital de um concelho com 170 quilómetros quadrados e uma população de 80 mil pessoas, e fica a treze quilómetros de S. João da Madeira e 15 de Ovar.

É uma zona de grande concentração industrial, acompanhada de um acentuado desenvolvimento comercial e agrícola que permite a António Almeida Gomes afirmar que «o problema do desemprego ainda não se fez sentir em Oliveira de Azeméis».

Apontou como principais objectivos para o futuro a criação de um centro de formação para a indústria de moldes plásticos.

Vila Nova de Gaia: centro do «Porto»

O presidente da Câmara de Gaia considerou, por seu turno, que a elevação da vila à categoria de cidade constitui o «reconhecimento por parte da Assembleia da República de uma realidade existente há muito tempo».

Coutinho da Fonseca justificou a afirmação dizendo que Vila Nova de Gaia «era já uma cidade por excelência dentro dos concelhos modernos». Considerou que

esta promoção não trará para Vila Nova de Gaia vantagens imediatas de ordem económica e financeira, nem outros benefícios de qualquer tipo.

Coutinho da Fonseca referiu-se ainda às desvantagens que Gaia tem em ser vizinha da cidade do Porto e a propósito, disse que o crescimento demográfico em Gaia «é difícil de acompanhar a nível de infra-estruturas».

Vila Nova de Gaia é um concelho com 270 mil habitantes, compreende 24 freguesias, ocupa uma área de 170 mil quilómetros quadrados e fica situado na sub-região agrícola denominada Douro Litoral. A sede do concelho, fronteira à cidade do Porto, na margem esquerda do Douro, é o maior centro exportador de Vinho do Porto.

Recebeu foral em 1225. Entre os seus monumentos estão de realçar o monumento dominicano dos Corpus Christi e o Convento da Serra do Pilar.

Matosinhos: aumentar a qualidade de vida

Narciso Miranda, presidente da CM de Matosinhos, afirmou por seu turno que a elevação da vila a cidade seja acompanhada pela «implementação de projectos que permitam aumentar a qualidade de vida das populações».

«Como é natural, existe uma satisfação total com a passagem de Matosinhos a cidade. Mas é,

agora, necessário que, na conjuntura nacional este concelho passe a ter um peso à sua altura» referiu.

O presidente da cidade de Matosinhos observou que o seu concelho tem «um peso económico no País, superior à maioria das cidades de Portugal», designadamente através do porto de Leixões, «principal pólo de desenvolvimento da Região Norte».

A vila de Matosinhos foi elevada à categoria de cidade «pela sua importância e pela sua economia, através de um processo natural que se impôs desde há muito e que agora se tornou inevitável» — prosseguiu o autarca.

No concelho de Matosinhos, que compreende 10 freguesias, fica localizado o primeiro porto mundial de pesca da sardinha e o segundo mais importante porto marítimo comercial de Portugal.

Com uma população que ultrapassa os 110 mil habitantes, Matosinhos foi o herdeiro do antigo concelho de Bouças, recebeu foral manuelino em 1514 e passou à categoria administrativa de concelho em 1867.

Ovar: grandes empreendimentos

O presidente da Câmara de Ovar disse que «a elevação de Ovar à categoria de cidade é a satisfação de uma aspiração máxima da comunidade vareira».

Sublinhou que, «com o objec-

tivo de fazer com que esse facto não represente apenas uma situação de direito, criámos determinadas estruturas sociais, económicas, culturais e turísticas que o traduzem numa realidade inegável».

Fernando Rodrigues salientou ainda que, «neste momento, o volume de empreendimentos em curso nas áreas referidas ultrapassa os 200 mil contos».

«Nesse sentido, o actual Executivo pretende continuar a senda destas realizações em ritmo de desenvolvimento e progresso», sublinhou o presidente da Câmara de Ovar.

A área da saúde foi também apontada por Fernando Rodrigues como outro campo em que, muito embora seja da competência do Poder Central, a Câmara de Ovar, por intermédio do actual executivo, irá encetar esforços no sentido de atingir níveis mais aceitáveis de serviços.

A notícia foi recebida em Ovar com foguetório e a população veio para a rua celebrar o acontecimento com champagne.

A Câmara já elaborou um programa de festejos para comemorar a elevação de Ovar a cidade, que culmina no dia 25 de Julho com o Congresso Internacional do Emigrante Vareiro, para o qual foi convidado o Presidente da República.

Mirandela: «parece mentira»

A população do concelho de

Mirandela recebeu com júbilo a notícia da passagem à categoria de cidade da sede do seu concelho.

Forças vivas, organismos oficiais e instituições particulares e povo anónimo, com banda e bombeiros, organizaram um longo cortejo que percorreu as principais ruas da cidade, terminando junto ao município, onde foi recebido pelo executivo camarário.

Em declarações à ANOP, o presidente da Câmara, Marcelo Lago, referiu parecer-lhe «ainda mentira que tal tenha acontecido», realçando, contudo, que a passagem de Mirandela a cidade «vem trazer mais responsabilidades» ao município.

«Penso que deverá haver um esforço maior na resolução dos problemas que ainda afligem as populações do concelho» — disse, adiantando que essa responsabilidade «pertence, agora, também a todas as forças vivas e serviços instalados nesta jovem cidade, por forma a melhorar as condições de qualidade de vida da sua população».

O concelho de Mirandela tem 660 quilómetros quadrados e representa dez por cento da área do distrito de Bragança. A sua população acusou o maior crescimento verificado na década de 1970 a 1981 em todo o distrito, passando de 23 658 para 29 674 habitantes. Economicamente, é o segundo maior concelho do distrito de Bragança.

As eleições na freguesia de Santo André (Montalegre)

Nada impediu de me ligar a gente boa e trabalhadora

— disse o novo presidente eleito pela APU

«Vê-se primeiro um mar de pedra. Vagas e vagas sideradas, tristes e hostis... Tudo parado e mudo. Apenas se move e se faz ouvir o coração no peito, inquieto, a anunciar o começo duma grande hora».

Miguel Torga

SANTO André de Vilar de Perdizes é uma das 35 freguesias do concelho de Montalegre. Este estende-se numa área de 800 quilómetros quadrados ocupados por 132 aldeias. Essencialmente agrícola, pre-

— Já as conhecia?
— Conhecia aqui o meu amigo Vides e outras pessoas. Gente boa e trabalhadora nada me impediu de me ligar a eles. Aliás, os meus colegas do PS na Junta o que queriam era derrubar-me a

que foram os elementos do PS. Também houve 6 votos brancos de pessoas do PS e que foram votar só para fazer fita...

Ao lado, Albino Vides, dá a sua achega: «Aqui as pessoas não gostam de fazer alianças à direita como o dr. Mário Soares. O nosso socialismo é outro. Sou APU. Já votei nele (Mário Soares). Enganou-me uma vez e chegou. Por isso me liguei à APU que tem gente trabalhadora e não capitalistas.

Nós aqui não gostamos de ser enganados mas há 9 anos que nos enganam. Até um professor que é do PS e faz a vida dele em Montalegre no Ciclo teve a nossa confiança. Agora já não tem porque não gostamos de estar aqui e as aldeias todas a rirem-se de nós.

Rastilho

Na nossa ronda por Santo André ouvimos várias pessoas. Descrentes umas, cépticas outras, fugindo ao diálogo algumas, há, no entanto, em todas elas, uma verdade em comum: Santo André, à semelhança de tantas freguesias e aldeias do concelho, é votada ao esquecimento pelos governantes do país. Sem vias razoáveis de comunicação, sem transportes que liguem e sirvam com maior eficiência as povoações, sem saneamento, sem médico, sofre, ainda, de outras



O local onde o pontão será construído. Falta apenas a «luz verde» da Câmara de Montalegre



João Barros Monteiro (à esquerda) com Albino Vides

domina a cultura da batata e do centeio, além da pecuária.

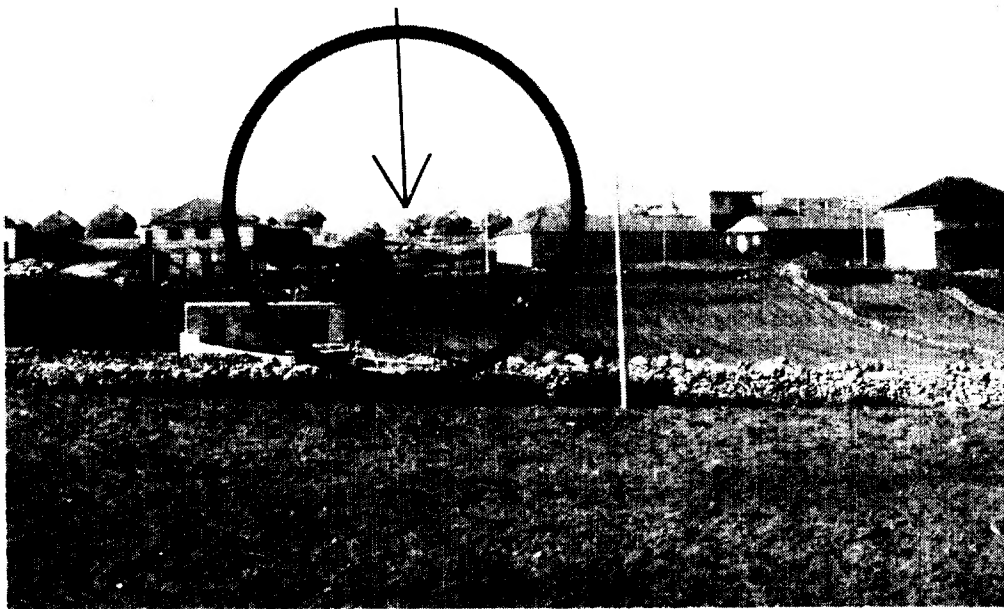
Votado ao esquecimento o povo transmontano sofreu e continua a sofrer. Sofreu com as invasões francesas, sofreu com o fascismo e sofre hoje, em democracia. Possui, no entanto, a riqueza de ser transmontano.

Concorrendo pela primeira vez às eleições para a Junta de Freguesia de Santo André, a Aliança Povo Unido venceu as eleições intercalares que ali se realizaram no passado dia 6. A lista da APU foi encabeçada por um ex-cabeça de lista do Partido Socialista, o sr. João Barros Monteiro, figura prestigiada localmente. Por quê a sua integração na lista da APU?

O «DL» esteve em Santo André e ouviu o sr. João Barros Monteiro, homem de 30 anos, que exerce a profissão de construtor civil. Com ele estava também o sr. Albino Vides, secretário da nova Junta. A pergunta foi colocada.

— Nunca fui um mascarado. Estávamos três elementos do PS na Junta. Dois deles desistiram antes do mandato acabar. Não queriam trabalhar. Eu por meu lado não estava disposto a abandonar. Não queria sair da Junta como um cachorro, queria ser um homem e cumprir o meu mandato. Pensei, então, fazer uma nova lista. Foi nessa altura que fui contactado por pessoas ligadas à APU.

mim e ficarem eles. Por isso fizemos com que a Junta caísse antes de o mandato ter sido cumprido. Enganaram-se. Não sou homem para desanimar. E os resultados estão aí à vista de todos. Ganhámos as eleições por 13 votos e houve uma grande abstenção, cerca de 40 por cento



O local onde os autarcas agora eleitos pretendem construir um parque infantil

carências. Pequenas coisas que fazem muita falta: poços, tanques para lavar, torneiras, lâmpadas, enfim...

Segundo nos disseram, mesmo quando a população, através da Junta, quer de «motu próprio», fazer algum benefício há sempre quem ponha obstáculos, como é o caso, dizem do presidente da Câmara.

Daí que a vitória da nova Junta seja encarada, pela maioria, como o rastilho que fará com que as pessoas se movam e se façam ouvir.

«A nossa ideia agora é trabalhar para mostrar ao povo que confiou em nós que não é enganado», diz-nos o sr. João Barros Monteiro. Acerca dos projectos da nova Junta dá-nos conta do

Pontão que querem construir e dum Parque Infantil, já com local reservado, para cerca de 30 crianças. Segundo o presidente da Junta «a Câmara não nos vai deixar fazer o Pontão». É uma obra que está para se fazer há 9 anos. Promessas e mais promessas mas o projecto não vai para a frente. O presidente da Câmara faz muitas promessas só que não as cumpre e põe sempre obstáculos quando se trata de melhoramentos para Santo André».

Outro exemplo: «Uma vez estive, por causa de um picheleiro, quatro horas de pé na Câmara à espera que me atendesse. Quando apareceu disse-me: nem que estivesse oito horas. Como lhe mostrei má cara sempre acabou por mandar o picheleiro. De outra vez foi por causa de uma torneira para o forno do povo que custou mil escudos e que me fez ir a Montalegre duas vezes».

Subsídios

«A Câmara deu-nos 44 contos em Novembro ou Dezembro do ano passado. Isto é conforme o número de eleitores. Claro que não chega a nada. Por exemplo, a obra do Pontão que nos trazia grandes benefícios, anda à volta de mil contos. Mas fazia-se por menos, com a gente daqui a tra-

balhar. Seria uma grande riqueza para Santo André, pois ficávamos mais próximos de Solveira, Gralhas, Vilar de Perdizes, Montalegre e Chaves. A carreira (camioneta) passaria a vir aqui e todos ganhavam com isso. Já não era preciso alugar um carro que fica muito caro. E também as crianças que andam na escola em Montalegre podiam vir todos os dias a casa em vez de lá ficarem e pagarem a pensão».

Sobre o projecto de saneamento em Santo André «Nós já o tínhamos, mas o presidente cortou-nos».

E, ainda, o sr. João Barros Monteiro que nos confidenciou: «Depois da vitória da lista da APU recebi logo muitos telefonemas e um telegrama de democratas do Barroso que vivem na Póvoa de Varzim. Médicos de Chaves já se ofereceram para vir consultar todas as semanas. Temos também prometida uma «marquise». Agora é só arranjar uma casa para eles darem as consultas».

Pelo que ouvimos vontade e determinação não faltam aos homens que estão à frente da nova Junta de Freguesia de Santo André de Vilar de Perdizes. Ali a vida passava sem as pessoas sentirem. Agora já a sentem.

António Machado

O Cardoso

Dizem os que o conheceram veio de Fafe. Bateu no Barroso, numa das suas aldeias. Mendigo de estradas, fugitivo, talvez fosse um sem-família. Nunca contou a sua história a ninguém. Educado, respeitador, conquistou a simpatia dos barrosões. Sabia ler e escrever. Tinha estudos, disseram-me. Dormiu muitas noites no forno do povo (hotel como hoje lhe chamam, ironizando). Foi acolhido em casa de um homem bom da aldeia. Ensinou as primeiras letras aos seus filhos. Um deles tirou um curso superior.

O Cardoso foi professor desejado numa aldeia que não tinha mestre-escola. Foi confidente daqueles que lhe pediram para ler ou escrever cartas. Sonhou. Ninguém sabe ao certo onde veio aquele homem-mendigo-professor. Dizem que de Fafe.

Cardoso, um homem, um nome, uma mão, cinco dedos: A, E, I, O, U.

A. M.

VIAGENS'84

FAÇA TAMBÉM UMA GRANDE VIAJEM PELO PREÇO DE UMA VIAJEM PEQUENA

- CÁUCASO
- ÁSIA CENTRAL
- ESCANDINÁVIA
- BÁLTICO
- MAR NEGRO
- SIBÉRIA
- HUNGRIA
- BULGÁRIA
- UCRÂNIA
- MOSCOVO e LENINGRADO
- outros destinos

• Compare preços... • viaje connosco

AGITURISMO

Agiturismo
Rua da Glória, 43
(aos Restauradores)
1200 Lisboa
Telef. 373110/1
Alv. Op. 414

URSS 1984

• Em Junho, uma experiência inesquecível

As noites brancas

- Moscovo, Leningrado e ainda Novgorod e Minsk
- Pensão completa, espectáculo, visitas sociais 84 500\$00
- Aproveite o desconto familiar (10 000\$00)
- A maior variedade de destinos:
Cáucaso - Ásia Central - Sibéria - Báltico
Mar Negro - Ucrânia - Moscovo e Leningrado
- Compare preços... e viaje connosco
- Peça programas detalhados



AGITURISMO

Agiturismo
Rua da Glória, 43
(aos Restauradores)
1200 Lisboa
Telef. 373110/1
Alv. Op. 414

Caminhos de Ferro Portugueses Informação

COZINHEIRAS

AJUDANTES DE COZINHEIRAS

Os Caminhos de Ferro Portugueses, EP, pretendem contratar para o período de 30 de Junho a 17 de Agosto:

- 2 Cozinheiras (vencimento mensal de 22.850\$00).
— 1 para o Centro de Férias da Praia das Maças.
- 1 para o Centro de Férias da Praia de Valadares.
- 2 Ajudantes de Cozinha (vencimento mensal de 18.900\$00).
— 1 para o Centro de Férias da Praia das Maças.
- 1 para o Centro de Férias da Praia de Valadares.

Terão preferência as candidatas que possuam as respectivas carteiras profissionais.

As interessadas, com idade inferior a 55 anos, poderão contactar, directamente ou por escrito, até 17 de Maio próximo, o Serviço de Recrutamento, Reclassificação e Integração — Calçada do Duque, n.º 20 — 1294 Lisboa Codex.

Blanqui Teixeira (PCP):

“Onde Mário Soares já vai...”

«No final de 1948, o salazarismo espalhou que o general Norton de Matos, candidato da oposição a Presidente da República, era comunista. Mário Soares deve lembrar-se disso.»

A evocação é de Blanqui Teixeira, membro da Comissão Política do CC do PCP, em declaração ao «DL» e ao responder, concretamente, à afirmação de Mário Soares, segundo a qual a Associação 25 de Abril estaria ligada ao PCP. Noutro ponto das suas respostas, Blanqui Teixeira considera que «o que há de mais importante, nas últimas semanas, ligado às comemorações do 25 de Abril e do 1.º de Maio, é que muita gente «viu», finalmente, que a alternativa existe e que as forças de Abril são suficientemente numerosas e combativas».

«O pior governo»

«DL» — Como caracterizaria em breves palavras a acção do Governo PS-PSD?

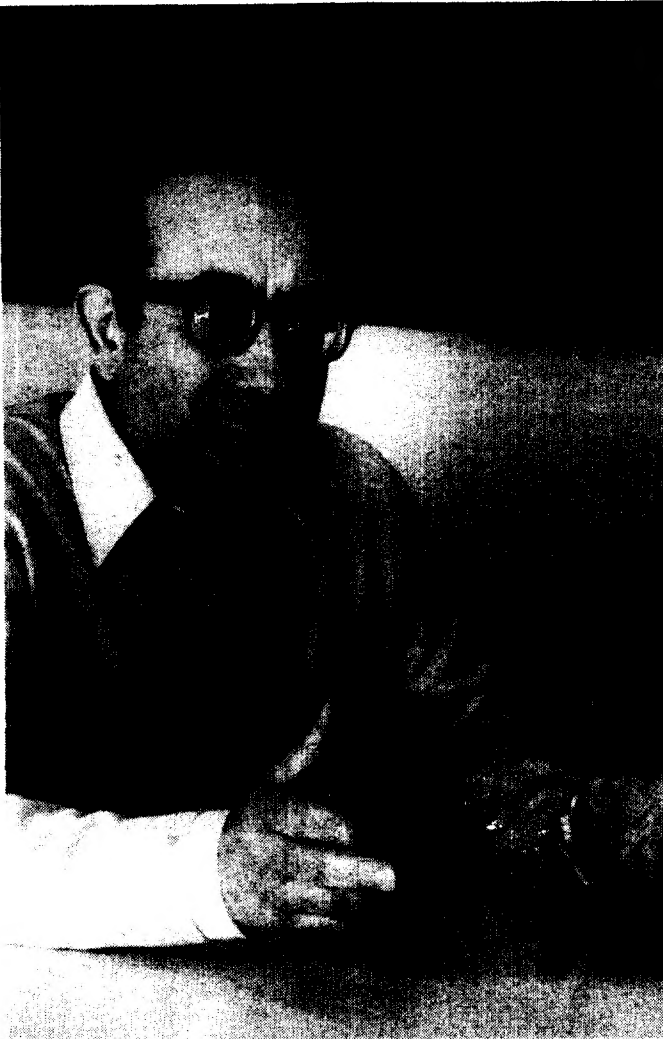
B.T. — Nas mais breves palavras, diria o que por todo o lado se ouve: é o pior governo depois do 25 de Abril.

E poderia acrescentar que ser «o pior governo» nem era tarefa simples, pois que, pouco depois da Revolução que abriu tantas esperanças às camadas mais desfavorecidas — que são a grande maioria do nosso povo —, já houve uma série de governos que apostaram em governar contra o que se esperava no nosso país.

Caracterizaria este Governo pela orientação que tem defendido e as medidas que tem levado à prática, principalmente contra o emprego, o pagamento de salários, a manutenção do salário real e os direitos individuais e colectivos dos que trabalham, a reforma agrária e as nacionalizações, a economia portuguesa em geral, o poder local, o pluralismo na comunicação social, os direitos democráticos conquistados após Abril, o espírito e a própria letra da Constituição.

Destaco ainda, para dar relevo, à política de subordinação dos interesses nacionais, particularmente económicos e políticos, ante a orientação agressiva e perigosa dos Estados Unidos. O povo português está a pagar um preço muito elevado pelo cognome que Reagan atribuiu a Mário Soares: seu «amigo muito especial».

Ainda de outra maneira, diria que o Governo actual se caracteriza, de forma clara, por esmagar (ou tentar esmagar) os direitos e interesses dos que labutam na nossa terra e por defender os interesses dos que vivem à custa daqueles. É necessário que se vá compreendendo que, no fundo, se trata sempre da defesa de uns interesses ou de outros, que lhes são antagónicos. Não é possível ter atenção pelas ca-



mas mais desfavorecidas e, ao mesmo tempo, estar ao serviço das mais favorecidas.

«Artimanha»

«DL» — Fala-se agora com muita insistência de uma, há muito anunciada, remodelação governamental. Que pensa dessa remodelação?

B.T. — O Governo (e, com ele, os dirigentes dos partidos da coligação) já entendeu que nin-

guém o quer, que está condenado. É compreensível que lance mão de qualquer artimanha para prolongar a sua existência. Mas a política continuará a mesma. Como diria o nosso povo: a única dúvida é se há moscas que permitam que pareça ter havido alguma mudança.

«DL» — Como interpreta a reacção do Primeiro-Ministro ao êxito das comemorações populares do 25 de Abril falando mesmo num renasci-

mento? Quanto à classificação a que Mário Soares recorreu, não me admira. Na negra noite porque passámos, os dirigentes de então, quando se sentiam mais aflitos, também criavam fantasmas e deles se serviam, depois, para tentar assustar.

«Convém lembrar...»

«DL» — E a acusação feita por Mário Soares ao jornal italiano «La Repubblica» de que a Associação 25 de Abril está ligada ao PCP e que é um movimento político que divide as Forças Armadas Portuguesas?

B.T. — Convém lembrar um exemplo, entre muitos: no final de 1948, o salazarismo espalhou que o general Norton de Matos, candidato da oposição a Presidente da República, era comunista. Mário Soares deve lembrar-se disso.

O que penso da acusação agora feita pelo Primeiro-Ministro deste Portugal de Abril em relação à Associação 25 de Abril não deve ser muito diferente do que Mário Soares terá pensado então da citada mentira salazarista. E posso ainda pensar uma outra coisa: onde ele já vai...

«DL» — Acha, na verdade, que houve alguma modificação no ambiente político dos últimos tempos?

B.T. — Evidentemente que sim, que houve modificações. É uma constatação que foi feita por todos os quadrantes políticos, uns, como se viu, temerosos dessas modificações, outros, decerto esperançosos.

Por todos os meios, e são muitos, tem sido propalado que este Governo é o único que pode ser formado. Trata-se de uma mentira mas, como é conhecido, quando uma mentira é muito repetida, por vezes colhe aceitação.

O Partido Comunista Português tem dito sempre que há uma alternativa, uma alternativa democrática e que as forças de Abril são capazes de conquistar essa alternativa.

O que há de mais importante, nas últimas semanas, ligado às comemorações do 25 de Abril e do 1.º de Maio, é que muita gente «viu», finalmente, que a alternativa existe e que as forças de Abril são suficientemente numerosas e combativas.

É preciso agora, continuar, avançar no reforço da actuação, do diálogo, da concertação, para uma saída que resolva os problemas do povo e do país, que de novo anime as esperanças de Abril.

mento de um frentismo neogonçalvista?

B.T. — A reacção é natural. É a confirmação de que o secretário-geral do PS percebeu que aqueles que se opõem à sua desastrosa política estão procurando unir os seus esforços em defesa dos interesses mais profundos da nação. É verdade que a sua calamitosa actuação tem contribuído para as aproximações e convergências que se têm dado.

Soares no colóquio da SEDES

O inimigo principal é o «frentismo neogonçalvista»

Um ataque quase obsessivo ao PCP, à CGTP, ao Presidente da República e ao «frentismo neogonçalvista»; algumas curiosas autocriticas e uma interessante receita sobre a arte de bem governar foram alguns dos mais significativos aspectos do discurso proferido por Mário Soares, a convite da SEDES, no grande auditório da Gulbenkian. Encerrando um ciclo por onde passaram os ex-primeiros-ministros de todos os governos constitucionais e que tinha como principal objectivo reflectir sobre as políticas económicas e sociais por que foram responsáveis, Soares dedicou parte do seu tempo, na noite de terça-feira, à análise dos êxitos e dos erros que marcaram essas suas primeiras experiências governativas. A situação actual e as perspectivas que se lhe abrem foram no entanto largamente abordadas e objecto de um curto debate no final da sessão.

Começando por assinalar que talvez não seja fácil encontrar governos que sejam considerados maus por aqueles que os chefiaram, Mário Soares acabou por comprovar que essa é uma verdade inofensiva, ao enumerar uma lista de uma dezena de aspectos positivos desses seus dois governos, ficando-se apenas por dois erros «então cometidos pelo PS».

O período revolucionário anarco-populista

Quanto às linhas condutoras de uma acção que veio a ser retomada pelo actual Governo, o Primeiro-Ministro sublinhou a tentativa de «eliminar, no plano legal e de facto, as sequelas do gonçalvismo»; a introdução da racionalidade no sistema económico; a clarificação das regras do jogo económico, nomeadamente com a desintervenção das primeiras empresas privadas; o desenvolvimento das autonomias regionais; o início das negociações para a adesão à CEE; o acordo com o FMI; a mobilização de grandes ajudas internacionais; o lançamento das primeiras grandes obras do regime como o porto da Nazaré e o recomeço da construção de auto-estradas; o relançamento do turismo; a reabsorção de cerca de um milhão de retornados; e, finalmente, o enterramento do «período revolucionário anarco-populista».

Por outro lado, e ainda durante esses dois Governos, frisou o Primeiro-Ministro, «apesar do utopismo demagógico então ainda à solta» criou-se o cabaz de compras e lançaram-se importantes políticas de carácter social.

Dois «enormes erros»

Quanto aos erros cometidos pelo seu Partido — que não pelos seus Governos — durante os dois períodos de governação em referência, o orador disse que houve dois e «enormes». Foram eles o facto de o PS ter aceitado ser Governo minoritário e ter feito o acordo com o CDS, que levou à constituição do segundo executivo a que presidiu.

Um outro ponto negativo que teria marcado essas experiências, disse Soares, foi a «desastrosa política informativa» que então se adoptou, «quando não a sua ausência, pura e simples».

A causa dos erros apontados foi situada pelo convidado da SEDES, entre outras coisas, no excesso de «triumfalismo» resultante do facto de o PS «ter liderado vitoriosamente o levantamento cívico contra o PCP em 1975».

A averbar a favor do seu partido, e para lá dos aspectos positivos consubstanciados nas linhas mestras da sua acção governativa, atrás enumeradas, o secretário-geral do PS enfatizou o facto de ele «nunca se ter deixado seduzir pelo canto de sereia do PCP/APU», nunca tendo «embarcado», na maioria de esquerda «mesmo quando estava na oposição». Um outro elemento sublinhado por Soares foi o do seu partido ter tornado possível a revisão constitucional e ter «sabido criar uma alternativa à AD».

«O bota abaixismo permanente»

Chegando rapidamente à actual coligação PS/PSD, apesar do tema da conferência ser a experiência dos seus anteriores governos, Mário Soares considerou o acordo entre os actuais parceiros de Governo como «um esforço de convergência patriótica para superar a crise». Segundo disse, já foi possível «evitar a efectiva rotura financeira que estava à vista» em Junho, mas aparecem de novo algumas sombras no horizonte, que têm a ver essencialmente com o aparecimento do «frentismo neogonçalvista».

Soares reconheceu mesmo assim que «a situação não é nada fácil» e que «as quebras de solidariedade institucional também não ajudam nada». Quanto ao futuro, as sombras negras foram situadas sobretudo no risco de que se venham a repetir situações que caracterizam os seus anteriores governos: quando problemas essenciais estão ultrapassados surgem as tentativas de deitar tudo de novo abaixo.

Para Soares é isso que significa o «discurso ambíguo de Eanes no 25 de Abril e a sua recusa em ter feito, em apoio e justificação da política de austeridade do actual Governo, «o discurso sobre o Estado da Nação que lhe superei».

No fim de contas, pensa o líder do PS, o mal está no «bota abaixismo», já diagnosticado por Almeida Santos na formação social portuguesa, mas está tranquilo: «Os portugueses sabem hoje que o bota abaixismo permanente não conduz a nada de bom».

Subjacente a tudo isto, ou seja, às tentativas de reeditar a história, está — sublinha Soares com os primeiros grandes aplausos que se ouvem na noite — «O frentismo neogonçalvista que não pode nem deve enganar ninguém».

A arte de bem governar

Ainda no mesmo tom, o Primeiro-Ministro referiu-se à actuação de «uma minoria que tem um serviço bem organizado de pintores de paredes, com que procuram superar a sua ausência de votos, e a sua falta de capacidade para mobilizar o País». A ela atribuiu de algum modo o «discurso da fome», interrogando-se sobre o facto de saber se ele «não poderia ter sido lançado antes».

Quanto às «dificuldades reais», o «governo acha que elas podem ser superadas num prazo razoável», mas para isso é preciso «mobilizar vontades e afastar o derrotismo». De qualquer modo, uma esperança mantém-se para o Primeiro-Ministro: «1984 será o ano da viragem porque será o ano da integração de Portugal na Europa».

Soares falou ainda da necessidade de adequar o sistema político-constitucional à realidade económica mas foi da opinião que este ainda não é o momento ideal, uma vez que «não podemos andar a rever a Constituição ano sim ano não».

Finalmente, quanto à arte de bem governar, o actual chefe do Executivo deixou uma receita:

«O principal para que um Governo tenha êxito é saber persistir e ter a coragem de mudar de rumo independentemente dos acidentes de percurso. Além disso, afirmou, é necessário «não se deixar perturbar por agressões verbais, aguentar de pé, recomeçar quantas vezes for necessário». Concluindo, sintetizou: «para os homens de intenções rectas, o que conta é só o futuro».

J.A.C.

Para assinar acordo das Lajes

Weinberg está amanhã em Lisboa

O acordo luso-americano da base das Lajes fica «praticamente concluído» com a assinatura da parte técnica, amanhã em Lisboa, por Caspar Weinberger e Mota Pinto, ficando pendente apenas o chamado acordo laboral — anunciou uma fonte oficial.

A 13 de Dezembro de 1983 foi assinado, na generalidade, o respectivo acordo político, referente àquela base açoriana, pelo secretário de Estado norte-americano, George Schultz (que se deslocou então a Lisboa) e pelo ministro dos Negócios Estrangeiros português, Jaime Gama.

Ultimado o acerto dos textos, que decorreu a nível do Ministério da Defesa, intervém agora na assinatura da parte técnica, o secretário de Estado da Defesa dos Estados Unidos e o ministro da Defesa de Portugal.

Fica ainda por assinar, todavia, um acordo laboral, já con-

cluído mas em fase de comparação e ultimação dos textos — revelou a mesma fonte.

O acordo a assinar no dia 18, segundo a mesma fonte, visa «regular os aspectos técnicos relativos à utilização de instalações militares portuguesas nos Açores, por forças dos EUA, em termos de relações bilaterais e no quadro da Aliança Atlântica».

É já conhecida, desde o final do ano passado, a contrapartida norte-americana pelas facilidades concedidas na referida base: 837,5 milhões de dólares (cerca de 107 milhões de contos), a que se juntarão 487,5 milhões de dólares (63 milhões de contos), em créditos a longo prazo e a atribuir durante os próximos sete anos.

Deste quantitativo total, a distribuir pelo período de vigência do acordo (sete anos), Portugal disporá de 60 milhões de dólares (em dadas) e 45 milhões de dólares (em empréstimos) ainda este ano.

O Congresso norte-americano aprovou a proposta da administração Reagan, ainda para 1984, de um empréstimo de ajuda não militar, e que nas primeiras notas se designará por «Housing Guarantee Program» no valor de 40 milhões de dólares, e que foi canalizado totalmente para a Região Autónoma dos Açores.

Por ocasião da assinatura do acordo político em Dezembro, a parte americana comprometeu-se a criar uma fundação luso-americana de desenvolvimento, cujos fins incluem vários ramos de cooperação.

O acordo de utilização da base das Lajes entrou em vigor a 4 de Fevereiro deste ano, prolonga-se até 1991, e prevê que «os arranjos técnicos» possam ser modificados «em qualquer altura, mediante comum acordo».

Protestos

Entretanto, o aprofundamento das relações entre Portugal e os

EUA foram ontem contestados pelo Partido Comunista e pelo movimento «Deixem o Algarve em Paz».

Um comunicado do PCP do Algarve condena a instalação de uma estação de rastreio de mísseis na Serra do Caldeirão, que seria ligada ao Comando Central da NATO. Segundo o PCP, a aceitação pelo Governo do pedido norte-americano viola a decisão da Assembleia Distrital e de outros órgãos de autarquias, que se pronunciaram pela «desnuclearização do Algarve».

Para o movimento «Deixem o Algarve em Paz», o objecto de contestação é aparentemente o mesmo. O comunicado deste grupo condena a instalação no concelho de Almodovar de uma estação especial de rastreio e causa receios pelo tipo de armamentos que serão utilizados posteriormente para defender as instalações.

de ontem para hoje

Obras na Rua Conde Redondo vão custar 100 mil contos

A Câmara Municipal de Lisboa irá gastar cerca de cem mil contos para arranjar a Rua Conde Redondo, cujos pavimentos e colectores gerais se encontram degradados. Em consequência das obras, aquela artéria irá ser dotada de sentido único de circulação automóvel, mantendo-se o funcionamento dos «eléctricos» nos dois sentidos. A obras estender-se-ão às ruas Alexandre Herculano, Gomes Freire e Joaquim Bonifácio e numa fase posterior à Avenida Duque de Loulé, que será dotada de sentido único.

Companhia de Engenharia 2491



A Companhia de Engenharia 2491 irá reunir-se no próximo dia 2 de Junho, num almoço a realizar na «Casa do Alentejo», em Lisboa. Os interessados deverão estabelecer, o mais rapidamente possível, os seguintes contactos:

Guedes (Porto) telef. 579771, José Augusto (Lisboa) telef. 2434782, Luís Bernardino, telef. 855596 e Adriano Nascimento (Beja), telef. 23075/6. Na «foto» elementos da companhia durante o período da sua campanha em Angola.

Motorista condenado por homicídio

Um motorista de pesados, José de Sousa Lima, de 45 anos, divorciado, foi condenado a dois anos de prisão, no Tribunal Criminal do Porto, por ter assassinado a tiros de pistola, e após discussão, António Gonçalves de Sousa, de 31 anos, solteiro. O crime ocorreu na capital nortenha, em 30 de Setembro do ano passado, e o réu terá ainda de pagar quinhentos contos de indemnização à família da vítima.

Judiciária de Lisboa e de Macau

A Polícia Judiciária de Lisboa poderá ceder à sua congénere em Macau inspectores, sub-inspectores e técnicos especializados, no âmbito de um acordo de cooperação assinado entre os Governos da República e de Macau. O acordo publicado no boletim oficial de Macau prevê, nos seus sete artigos, diversas formas de cooperação entre as duas Polícias Judiciárias. Para além da cedência de

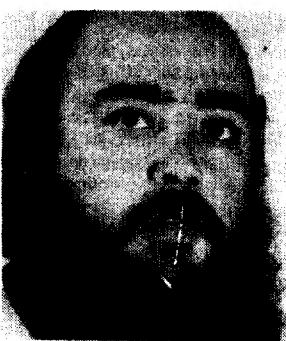
quadros «enquanto não houver por parte do Governo de Macau possibilidade de prover os lugares no quadro da PJ» do território sob administração portuguesa, o acordo prevê o apoio da Direcção-Geral da Polícia Judiciária de Lisboa no âmbito da formação e o envio por Macau de publicações ou estudos publicados, nomeadamente os relacionados com estupefacientes.

Fábrica assaltada em Valadares

Desconhecidos assaltaram uma firma industrial de betão, localizada na Estrada Nacional 109, em Valadares, apoderando-se de mil contos e cheques. Os assaltantes destruíram a porta da oficina e introduziram-se nos escritórios da fábrica, acabando por arrombar, com picaretas, dois cofres monoblocos onde estavam o dinheiro e os cheques.

Alvaro Monteiro ainda na prisão

Alvaro Monteiro, o ex-militante do PRP que Março último levou a cabo uma prolongada greve de fome, que teve de interromper devido a graves problemas de saúde, e face às promessas das autoridades judiciais de que a sua situação prisional iria ser analisada, continua dois meses depois detido na Penitenciária de Lisboa, sem que até ao momento haja recebido qualquer resposta às suas reivindicações. Recorde-se que Alvaro Monteiro (foto), dirigente da JOC antes do 25 de Abril de 1974, fazia parte de proces-



sos conjuntamente com Amílcar Romano e Carlos Ferreira, entretanto já libertados.

Menina carbonizada no berço

No lugar de Patarrancho, concelho de Albergaria-a-Velha, uma menina de 29 meses, Andrea Sofia, morreu carbonizada, quando na ausência dos pais, que tinham ido ver televisão a casa de uns vizinhos, deverá ter puxado uma vela que ateou fogo ao berço onde se encontrava. Registe-se que a residência dos pais de Andrea não possui electricidade.

Armas nucleares em debate

«Os trabalhadores da saúde e a guerra nuclear» é o tema do debate que a Organização Regional de Lisboa do Partido Comunista promove e que decorrerá hoje, pelas 21 horas, no Centro de Trabalho Vitória. Participam Tito Seabra-Dinis, médico psiquiatra, e Jorge Campos, radiologista.

Roubados mil contos nos arredores de Viana do Castelo

Alarme tocou em banco assaltado mas a GNR foi «bloqueada» por comboio

Dois homens armados e com a cara tapada por meias assaltaram, cerca do meio-dia de ontem, a dependência do Banco Nacional Ultramarino em Viana do Castelo, levando cerca de mil contos em dinheiro. Na altura do «golpe» encontravam-se nas instalações nove funcionários e cinco clientes, tendo um dos assaltantes ficado à porta enquanto o outro se dirigia ao

«caixa» a quem exigiu, sob a ameaça de uma espingarda de canos serrados, a entrega do dinheiro em moeda portuguesa, francos e pesetas.

O alarme foi accionado logo que os assaltantes entraram no Banco mas a GNR, cujo posto dista quilómetro e meio, acabou por só chegar ao local cerca de doze minutos depois, uma vez que a patrulha incumbida da missão teve de esperar pela

abertura de uma cancela da via férrea. O carro utilizado pelos assaltantes, um «Fiat 124» de cor preta, foi encontrado, entretanto, abandonado em Subportela, a dez quilómetros de Barrocelas, tendo as autoridades afirmado que os dois homens o tinham substituído por um «Seat 124», cinzento, de matrícula espanhola.

O assalto de ontem (a agência foi inaugurada há seis anos) foi o

nono ocorrido este ano a bancos ou tesourarias de empresas e o primeiro em que o BNU é vítima em 1984. Os oito assaltos anteriores tiveram por alvo o Banco Fonsecas e Burnay (por três vezes), o Crédito Predial Português, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, União de Bancos Portugueses, Banco Português do Atlântico e a Tesouraria de uma firma em Casal do Marco.

Não fazendo sair legislação já aprovada

APD acusa Governo de ter metido os deficientes «na gaveta»

A Associação Portuguesa de Deficientes (APD) apresentou ontem o seu programa de acção para o triénio 1984/1987 numa conferência de Imprensa que se seguiu à tomada de posse dos novos corpos sociais. Um documento elaborado pela lista A, vencedora das eleições efectuadas no dia 5, e lida aos jornalistas, refere que a APD pressionará o Governo e todas as instituições públicas para que as conclusões do Segundo Congresso Nacional de Deficientes sejam levadas à prática, quer aprovando nova legislação quer regulamentando ou aplicando a já existente. A APD faz notar que

a situação dos deficientes em Portugal é, de uma forma geral, bastante má em todos os sectores (reabilitação, segurança social, ensino, saúde, emprego, habitação, barreiras arquitectónicas e transportes), condenando muitos a viver na miséria e quase todos a terem problemas complexos.

O texto salienta que foram tomadas algumas medidas de fundo, como seja mecanizar os serviços e criar-lhes uma nova orgânica, referindo que a actual direcção fomentará a animação cultural em áreas tais como teatro, cinema, desporto, dinami-

zando assim, de uma forma mais consequente, a vida associativa.

Os novos corpos sociais da APD indicaram que «a associação quer debater com problemas financeiros graves, essencialmente devido à não concessão de subsídios estatais, propondo-se superar a situação quer incrementando a cobrança da cotização quer pressionando o Governo para lhe serem atribuídos subsídios, quer ainda implementando campanhas de angariação de fundos». A nova direcção propõe-se, entre outros pontos, «reforçar e desenvolver o convívio de troca de intercâmbio de experiências com todas as

associações de e para deficientes, de modo a que todos unidos possam lutar pela prossecução de uma política favorável aos interesses dos deficientes».

Na conferência de Imprensa foi feita uma análise da situação actual dos deficientes em Portugal e das suas associações representativas, tendo os intervenientes considerado que quase pouco ou nada se tem conseguido para os deficientes e que «o Governo tem deixado alguma legislação na gaveta, nomeadamente a lei que elimina as barreiras arquitectónicas».

«Telecomunicações são sector prioritário para Governo»

— afirmou Raul Junqueiro

Enquanto há três anos, um cidadão português esperava em média 26 meses para ter um telefone instalado, hoje em dia esse período já é inferior a um ano — disse hoje à ANOP Raul Junqueiro, secretário de Estado das Comunicações.

Num depoimento a propósito do Dia Mundial das Telecomunicações, que hoje se celebra, Raul Junqueiro sublinhou que o Governo «tem encarado as telecomunicações como um sector prioritário», tendo sido possível «fazê-lo crescer, em termos reais, cerca de 7 por cento».

O secretário de Estado acentuou que o serviço de «telex» «tem já uma qualidade comparável à dos demais países europeus», garantindo que até ao final de 1984 o período de espera para a instalação de um «telex» será inferior a um mês, quando «ainda há dois anos, o cidadão português esperava em média 85 meses» para poder ter um «telex».

Anunciou também a intenção do Governo de proceder, a breve prazo à aprovação das condições de um novo serviço público de telecomunicações — a comu-

nicação de dados — para além de outros serviços, como a digitalização de redes, visando «avancar a médio prazo, para a rede digital integrada de serviços».

A nível internacional, Raul Junqueiro referiu o projecto de instalação da terceira antena da estação terrena de satélites de Sintra e o protocolo do novo cabo submarino Portugal-França, para além da intensificação que se verifica quanto ao acesso ao serviço intercontinental, prevendo-se, depois da inauguração em 25 de Abril do serviço telefónico automático para o Japão, Bermudas, Canadá, Venezuela e África do Sul, a abertura, até final de Maio, de novas ligações automáticas para Macau, Hong Kong e Austrália.

Raul Junqueiro recordou o tema «Telecomunicações — Horizontes mais vastos», proposto pela União Internacional das Telecomunicações para as comemorações do dia mundial e considerou-o «pleno de actualidade e oportunidade», afirmando que «é precisamente no seio das telecomunicações, em

intima associação com a informática e a electrónica, que se processa a revolução tecnológica dos nossos dias».

Definindo que as telecomunicações «estão para a actual revolução tecnológica como os caminhos de ferro estiveram para a primeira revolução industrial e o automóvel e o avião para a segunda», o secretário de Estado concluiu que os objectivos actualmente prosseguidos representam «um combate pelo futuro, em que procuramos vencer as batalhas da operacionalidade e da tecnologia, para ganhar a guerra da modernização e do desenvolvimento».

Ontem, os secretários de Estado das Comunicações e da Administração Autónoma mantiveram, em Portalegre, uma reunião de trabalho com dirigentes locais sobre o sector das comunicações.

Durante a reunião foram debatidos e analisados alguns problemas de comunicações e analisada a possibilidade de uma maior colaboração entre as autarquias e os CTT.

Em Coimbra

Aumento da água contestado

A comissão concelhia de Coimbra do PCP considerou que com o novo aumento do preço da água a Câmara de Coimbra «transforma em chorudo negócio o fornecimento de um bem essencial».

Em comunicado, distribuído ontem, aquela comissão do PCP recorda que o aumento das tarifas da água foi reprovado pela Assembleia Municipal de Coimbra em 14 de Março e que ficou demonstrado que o executivo camarário, ao propor um aumento médio de 25 por cento, «estava a fazer do negócio com a água uma fonte de investimento».

A comissão concelhia do PCP critica, ainda, o executivo da Câmara de Coimbra de «excesso de zelo», ao aprovar o aumento do preço da água e não levar o assunto à próxima Assembleia Municipal, «cumprindo já as novas leis autárquicas».

«Não saberá o executivo da Câmara de Coimbra que, apesar do novo pacote anti-autárquico já estar publicado no «Diário da República», ainda vai ser objecto de discussão na Assembleia da República por iniciativa do PCP — interroga-se a comissão concelhia do Partido Comunista Português».

No final do comunicado, aquela comissão refere que «o poder local e os seus eleitos têm a obrigação de defender sempre os interesses das populações», acrescentando que «a Câmara de Coimbra, de maioria absoluta PS, não conhece outra forma de governar o concelho sem ser a de gravosos e constantes aumentos dos seus serviços».

Na Câmara da Amadora

PS, PSD e CDS tratam do pessoal provisório

Vereadores do PS, PSD e CDS da Câmara Municipal da Amadora estabeleceram já encontros preparatórios com as comissões sindicais da edilidade com vista à aprovação de um quadro de pessoal provisório.

Acrescentam em comunicado aqueles vereadores que foi estabelecida, por consenso uma metodologia a seguir para a execu-

ção da tarefa em causa.

Numa primeira fase, diz ainda o documento, «deverá ser aprovado um quadro de pessoal provisório que resolva o problema das promoções a efectuar e dos trabalhadores contratados a fazer ingressar no quadro».

A proposta elaborada pelos vereadores deverá ser discutida e votada pelas estruturas sindicais da edilidade.

«Numa segunda fase proceder-se-á à reestruturação dos serviços face à legislação recentemente aprovada e à ideia generalizada» daqueles vereadores de que «a actual organização de serviços não é a que melhor serve as necessidades do Município» — acrescenta o comunicado.

Por fim, «proceder-se-á ao ajustamento final do quadro de pessoal», diz o documento.

Tribunal de Polícia

O capitão de navios

MÁRIO CASTRIM

É um capitão de navios. Alto, uma torre. Ombros de costado a costado, casaco de cabedal. Barba ruiva. Autêntica personalidade de um conto de Andersen.

Que vem fazer um capitão de navios ao Tribunal de Polícia? Histórias da cidade quando é noite...

Um guarda, por sinal sub-chefe, conta que o chamaram daquele bar na Rua Nova do Carvalho. Havia quem pretendesse entrar à força. Exacto, senhor doutor juiz, aquele ali. Aquele, o capitão de navios.

— E ele que fez?
— Ele virou-se a mim, deu-me um soco, partiu-me os óculos...

Acorreram quatro agentes em seu auxílio e, claro!, foi de bola-abaixo...

O juiz fala como se não estivesse em sala pública. Fala como se pensasse de alto. «Estranha coisa — diz — esta de se saber quem começa o quê. O que é que poderá levar alguém, que é capitão de navios a agredir um polícia?»

Depõe o sr. Alfredo. Um colosso de homem. É porteiro do bar. Fico-me a imaginá-lo far-

dado, os grenás e os dourados, o boné solene, a casaca sem uma nódoa. As mãos parecem os deltas de uma ourivesaria, tantos e tão espartilhados os anéis. De ouro, sem dúvida.

O que tem para dizer, é o seguinte.

Estava ele muito bem guardando a sua porta quando o réu pretendeu entrar à força. — À força, quer dizer que o senhor não o deixava entrar. Porquê?

— Temos ordens para não deixarmos entrar os estrangeiros. Só trabalhamos com portugueses.

— Porquê, pode-se saber?
— Os estrangeiros andam à procura de coisas que a gente ali não lhes pode dar...

— Se calhar os senhores — comanta filosoficamente o juiz e não têm escrito à porta aquilo que oferecem...

Uma pausa. Durante a qual o juiz continuava a interrogar-se sobre o que poderá levar um capitão de navios a tamanhos excessos. Que acha disso a testemunha?

O sr. Alfredo sacode, atrás das costas, os anéis respeitáveis:

— Estava já um bocadinho tocado...

— Mas um comandante...
— São feitos das pessoas.
— Admira-me que um comandante...

— O sr. dr. juiz não costuma andar por aqueles sítios?
— Ai não costume, não.

— Pois chegada a altura, todos são iguais...

O sr. Alfredo não sabe, pois, por que agiu assim o capitão de navios, se é que não foi por estar tocado. Testemunha de defesa, tripulante do navio, piloto alemão casado com uma espanhola, declara em puríssimo castelhano que conhece o capitão há muitos anos e nunca o viu borracho nem nunca o imaginaria capaz de «essa coisa». Ora o que o sr. Alfredo sabe é que levou uns encontros valentes, que o patrão não deixa entrar estrangeiros, embora lhe pudessem dar mais lucro, sim, porque numa casa daquelas uma cerveja custa apenas cento e quarenta escudos, só mesmo para portugueses, mas o sr.

dr. juiz percebe, os estrangeiros armam sarilhos, metem-se com quem está, incomodam...

O dr. juiz faz comentários sobre a euforia dos marinheiros em terra, sobre as facilidades que um estrangeiro de moeda forte deve encontrar em Lisboa, aqui tudo deve ser barato, deve poder fazer aqui o que não faz na sua terra.

Quanto à dureza do seu comportamento, enfim, «ninguém espera punhos de renda na Rua Nova do Carvalho...»

Mas há testemunhas. Segundo as testemunhas, o capitão de navios foi o primeiro a agredir. Logo, vai o réu condenado a pagar isto e aquilo — multas, remissão de cadeia em dinheiro, etc., etc. Incluindo, está claro, a indemnização ao guarda para pagamento doutros óculos: sete mil escudos.

Que pobreza de romantismo, leitores. Hoje em dia, as aventuras de um capitão de navios saldaram-se por uns míseros tostões. Morro de desgosto, se um dia me aparece o capitão Morgan no Tribunal de Polícia.

JSD de Loures e JC exigem demissão de Seabra

A comissão política da JSD de Loures solicita em comunicado ao Primeiro-Ministro a demissão imediata do ministro da Educação, José Augusto Seabra.

No documento, os jovens sociais-democratas denunciam a actuação do ministro por considerarem que «para além do bluff criado à volta do ensino técnico-profissional se tem limitado a gerir a crise em que vive o seu Ministério».

Acusam ainda o ministro de «ter dado mais importância à resolução de assuntos que não são propriamente do seu foro, como foi o caso do filme evocativo do falecimento de Francisco Sá Carneiro exibido pelo RTP em 4 de Abril e que até agora não desmentiu convincentemente».

A JSD de Loures não limita a sua crítica a Seabra, mas torna-a extensiva à actuação de todo o governo, considerando que a sua política «só pode conduzir a mais desemprego, mais impostos, menos investimentos e piores condições de vida, em geral, para os portugueses».

Acusando ainda os governantes de após um ano à frente dos destinos do país se terem limitado a aplicar uma política de austeridade, entendem que os mesmos deveriam proceder à «imediata reestruturação do sector empresarial do Estado, à reestruturação dos sectores agrícola e industrial, apostando na modernização, investigação, ciência e educação».

Jovens centristas também exigem demissão

Também a Juventude Centrista exigiu a demissão do ministro da Educação, se este não tomar medidas quanto aos elementos corruptos que reconheceu existirem no seu ministério.

Em comunicado da respectiva comissão política nacional, a JC começa por elogiar o «acesso de franqueza» de Seabra ao reconhecer a existência de corrupção mas considera igualmente, que se não actuar em conformidade, só resta ao ministro a demissão.

A JC sublinha ainda que «neste Governo as situações obscuras parecem multiplicar-se, sem que o Governo, que criou uma Alta Autoridade para a corrupção, tenha capacidade política e moral de adoptar as sanções que se exigem num Estado de Direito, democrático».

Seabra em Paris

Entretanto, José Augusto Seabra regressa hoje de Paris, onde tratou de assuntos relacionados com o ensino técnico-profissional e as línguas dos respectivos países.

Seabra avistou-se com o secretário de Estado francês das Relações Externas e visitou o liceu do ensino profissional de Massy e o Instituto Universitário de Tecnologia de Orsay. Contactos com a OCDE e a UNESCO foram também integrados no programa.

Para "salvar" o Martinho da Arcada

— entregue

abaixo-assinado

a órgãos

de soberania

Foi ontem entregue a vários órgãos de soberania um abaixo-assinado subscrito por dezenas de personalidades a exigir o reconhecimento do interesse histórico e cultural do Café Martinho da Arcada pelo Instituto do Património Cultural.

A recolha das assinaturas (cerca de duas mil e quinhentas) esteve a cargo de um grupo de alunos do ensino secundário e da sua professora de Português, dra. Carmo Vieira.

A comissão que se encarregou da organização do abaixo-assinado é de opinião que uma nova etapa pode agora iniciar-se com o apoio da Comissão Parlamentar de Educação e Cultura.

Nomes, entre outros, constantes do abaixo-assinado: Lagoa Henriques, Rui Mário Gonçalves, José Guimarães, Emília Nadal, Graça Morais, Pedro Vieira de Almeida, António Palolo, Maria Judite de Carvalho, Fernando Sylvan, Eunice Muño, João Mota, Carlos Wallenstein, Jorge Trincheiras, Jorge Listopad, Pedro Tâmen, Pedro Alvim, Hermano Saraiva, Joel Serrão, Óscar Lopes, Eduardo Prado Coelho, Rui de Carvalho, Luís Miguel Cintra, Mário Castrim, Wanda Ramos, Mário Viegas, José Manuel Mendes, Jorge Lemos, Luís Filipe Costa, Lopes Cardoso, António Macedo, Carlos Lage, Carlos do Carmo, Morais e Castro, António Alçada Baptista, João Botelho e João Gaspar Simões.

Repetição do julgamento teve apenas duas sessões

"Caso Ralis" com sentença marcada sem ter sido ouvida Maria da Conceição

O 1.º Tribunal Militar Territorial de Lisboa voltou ontem à tarde a reunir, na segunda audiência da repetição do julgamento do processo do «Caso Ralis», em que são réus três soldados da unidade então comandada pelo coronel Leal de Almeida, acabando por marcar a leitura do acórdão para o próximo dia 27 de Junho, sem que tal como aconteceu na «primeira volta» do pleito, mandada repetir pelo STM Supremo, tivesse ouvido a principal testemunha do incidente, Maria da Conceição, companheira de António Ramalho, o indivíduo morto na manhã do dia 12 de Março de 1975. Teimando assim numa lacuna que, segundo os observadores, e qualquer que seja a decisão, não prestigia o colectivo, onde pontifica o juiz-auditor Rui Gonçalves Pereira, já responsável pela sentença que mandou em liberdade Agostinho Tienza e Pereira de Carvalho, dois dos «pides» apontados como responsáveis pelo assassinio do general Humberto Delgado.

A sessão de ontem foi preenchida pelas alegações dos advogados de defesa de Firmino Duarte e Manuel Jesus Santos, respectivamente Lénia Serra e coronel, licenciado em Direito, Machado da Silva, na ausência do dr. Agostinho Pereira Miranda, a agredir neste momento um curso nos EUA. As alegações dos dois causídicos incidiram sobre as circunstâncias que envolveram a morte de António Ramalho, o clima de movimentação popular na sequência dos acontecimentos do 11 de Março e «a ausência de um comando responsável pela escolha de António Ramalho e Maria da Conceição desde a porta-de-armas do RALIS até à viatura posteriormente alvejada a tiro. Lénia Sena pediu ao Tribunal a exclusão da culpabilidade do seu constituinte e afir-



Maria da Conceição (a companheira de António Ramalho, que, estranhamente, voltou a não depor em Santa Clara), ao ser retirada ferida do local do incidente

mou estar segura de que desta vez será feita justiça. Por seu lado, o coronel Machado da Silva, nas alegações da matéria de facto e de direito, perfilhou as teses do defensor de Paulino Rodrigues, dr. Acácio Lourenço, na sessão de 9 do corrente, a propósito da Lei da Amnistia (74/79). Assim insistiu em que se o Tribunal acolhesse o referido diploma não haveria por que discutir mais a causa, uma vez que o seu constituinte e os dois outros réus beneficiariam da amnistia, ou então ir-se-ia à questão de fundo, resolvendo-se o caso «de mérito».

Críticas à Polícia Judiciária Militar

Machado da Silva criticou a Polícia Judiciária Militar pela forma como instruiu o processo, afirmando não saber se fora «por incompetência ou dolorosamente» que não recolhera «tempestivamente todos os elementos e indícios materiais e outros elementos de prova tendentes à descoberta da verdade material dos factos». Desta forma, argumentou, viu-se o 1.º TMT privado desses elementos, que uma vez perdidos, não se poderão reconstituir, citando, a propósito, a ausência de pormenores sobre

a reconstituição do incidente, nenhum «croquis» sobre a posição inicial e após ter sido posta em marcha a viatura de António Ramalho.

Machado da Silva corroborou, também, as afirmações do promotor de Justiça, coronel Nuno Vilaras Cepeda, na sessão anterior, segundo as quais se o processo tivesse sido bem organizado os graduados responsáveis estariam em tribunal, respondendo como réus. Lamentou, ainda, o facto de não se ter feito uma peritagem ao automóvel de António Ramalho, para se avaliar da trajectória dos disparos, e bem assim das armas dos milita-

res envolvidos, para se saber de qual tinha partido o tiro que o matou.

Machado da Silva referiu ainda que «não se provou haver concertação prévia na prática do crime» e que, por isso, não existe co-autoria inter-réus, mas actuação paralela, que, por isso, não pode transmitir, de matéria de culpabilidade, de réu para réu. O defensor de Manuel dos Santos salientou, a finalizar a sua intervenção, que o seu representante, se tiver de ser culpabilizado, só o poderá ser pela intenção de ter disparado «para atingir os pneus do carro e não por qualquer outro motivo».

Coronel Cepeda com peso na consciência

Entretanto, a Comissão de Justiça para o Caso Ralis, emitiu um comunicado sob o título «Golpe de Teatro no Caso RALIS», no qual afirma que o reconhecimento do julgamento teve como facto mais relevante o reconhecimento, por parte do promotor de Justiça, «de que haveria fortes motivos para a aplicação da Lei da Amnistia». E isto porque o coronel Cepeda afirmou nomeadamente que do primeiro julgamento, entretanto anulado, lhe ficara «um peso na consciência, por ter passado uma esponja sobre a hipótese de aplicação da Lei 74/79, e recordou que a chamada de atenção a favor dessa hipótese não era apenas da sua lavra, e, sim, da própria iniciativa do Supremo Tribunal Militar».

E ponto final: agora resta aguardar o acórdão do 1.º TMT, que, recorde-se, condenara na «primeira volta» do julgamento os réus Firmino e Paulino em dez anos de prisão e Manuel dos Santos em dois anos.

Manuel Geraldo

comunicação social

Mário Mesquita lança "livro de jornalista"

Crônicas, notas e reportagens que publicou em 1981 e 1982 no «Diário de Notícias» foram coligidas por Mário Mesquita no livro «Deve e Haver», lançado já na Casa dos Açores.

«Deve e Haver» resultou, disse o director do «DN» à ANOP, da tentação de dar alguma coerência a textos que saíram dispersos — «e é ao mesmo tempo o desafio de verificar se esses textos resistem à publicação em livro».

Os textos de «Deve e Haver» estão agrupados tematicamente: os da primeira parte reportam-se a assuntos políticos, os da segunda à Comunicação Social, os da terceira a temas de cultura e o quarto a viagens.

Sobre Mário Mesquita, a sua actividade de jornalista e o livro agora editado falaram o presidente da Casa dos Açores, o editor, Jorge Listopad (autor de uma secção diária no «DN», intitulada «Secos e Molhados»), Helena Vaz da Silva e Sam, autor das ilustrações de «Deve e Haver» e também criador de «O Guardar Ricardo», igualmente do «DN».

«Deve e Haver» é uma edição de Distri Editora.

Eleições para o Conselho de Comunicação Social

Maria de Lurdes Breu (PSD) vai ser a candidata dos sociais-democratas a um dos lugares ainda vagos do Conselho de Comunicação Social — disse à NP Fernando Condoso.

O PSD tinha proposto inicialmente para o cargo Nandim de Carvalho, que não conseguiu ser eleito.

Apresentou depois o nome do médico e escritor Jacinto de Magalhães, que comunicou não poder aceitar por incompatibilidade com o seu cargo de director do Instituto de Genética Médica, que pretende continuar a exercer.

Entretanto, o CDS mantém o seu candidato ao outro dos dois lugares do conselho e que ainda continua vago porque também em anterior eleição não conseguiu os votos necessários para ser eleito Paulo Santos.

Uma nova tentativa de eleição para preenchimento destes lugares — e para que possa entrar finalmente em funcionamento este conselho, previsto na revisão constitucional de 82 — realiza-se ainda hoje.

«Operação África»

Esta tarde, às 18 e 30, na sede da Associação de Amizade Portugal-Angola é apresentado o livro «Operação África», da autoria de João Paulo Guerra e Fernando Semedo.

A edição é da Caminho — e para convívio há um beberete.



encontro sobre carreiras docentes do ensino não superior

LISBOA, 18 MAIO, 9.30h.

NO SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO

Rua Almirante Barroso, nº 3 (à Estefânia)

O Encontro é aberto a todos os professores interessados e tem como objectivos:

1. Reunir os contributos da discussão nas escolas e aprofundar as posições aprovadas no I Congresso Nacional dos Professores (Abril 83).
2. Discutir a estratégia sindical para a obtenção das reivindicações nesta matéria.

PARTICIPA NA DEFINIÇÃO DO TEU FUTURO. VEM DEBATER A TUA CARREIRA.



SINDICATO DOS PROFESSORES DA GRANDE LISBOA

Santiago do Cacém

História de Pedra e Alma

Para a pintora australiana Chloe MacMillan o amor por Portugal surgiu tão inesperadamente como um salto de can-guru.

Ela hoje é uma turista muito especial que desde há mais de dez anos percorre quatro a cinco meses por ano o País que um dia a acolheu em condições dramáticas.

«Desembarquei em Lisboa em 1945. Vivía nessa altura em Paris e os alemães estavam a avançar. Desde logo fiquei marcada intensamente pela generosidade que me rodeou» — recorda a pintora.

«Como nessa altura a Austrália não tinha Embaixada em Lisboa, eu e os outros refugiados concentrámo-nos na Embaixada Britânica. Não havia dinheiro para nada, mas também não havia nada para fazer» — diz Chloe, sentada à beira da lareira do seu moinho reconstituído nos arredores de Santiago do Cacém.

«Logo nessa altura me apercebi da riqueza patrimonial e artística do vosso País» — recorda ela à NP. «Como não havia dinheiro para viajar para o interior, passei o tempo a andar de eléctrico por Lisboa, registando em esboços as impressões que se me deparavam.»

É com especial emoção que ela hoje fala de uma festa organizada na Embaixada Britânica, sob o lema «os refugiados agradecem ao povo português».

O grupo partiu para Inglaterra, mas a pintora pretendia voltar logo que pudesse.

«Depois da guerra regressiei a Paris. Quando morri uma amiga minha francesa em cuja casa vivia, achei chegada a altura de visitar de novo Portugal» — diz ela. «Consegui empregar-me na Embaixada Britânica, onde estive 3 anos, na década de 50.»

São dessa altura os primeiros quadros da pintora australiana sobre a arquitectura monumental e tradicional portuguesa.

Regressa de novo a Paris, só voltando a Portugal em 1972. Compra uma carrinha em segunda mão e inicia verdadeiramente a sua peregrinação por todas as regiões de Portugal continental.

«Dormia onde calhava. Comia onde podia» — diz Chloe. «Aprendi a amar um povo que através das suas pedras mostrava uma alma de generosidade e hospitalidade incríveis.»

O destino de andarilho não podia eternizar-se, até pela idade de Chloe. É em 1976 que «descobre» o Alentejo, depois de vastas deambulações pelo norte do País.



Chloe MacMillan, a pintora australiana que expõe no museu de Santiago do Cacém

Depara em Santiago do Cacém com um moinho em ruínas. Resolve desde logo comprá-lo e restaurá-lo.

«A partir daí fiz do moinho da Cerca Velha o meu quartel-general. Mantenho a residência em Paris mas todos os anos passo 4 ou 5 meses a trabalhar em Portugal» — refere a pintora.

Dos mais de dez anos de viagens por Portugal Chloe tem neste momento cerca de uma centena de quadros sobre o património artístico monumental das mais variadas regiões.

Isso, aliado à convivência com o povo, desde o Minho ao Algarve deu como resultado duas centenas de folhas dactilogradas, num livro que Chloe pretende editar, com o título «Casas de Portugal — Um Estudo em Alma e Pedra».

Verdadeira cidadã honorária de Santiago do Cacém, Chloe inaugurou este mês a galeria de exposições temporárias do Museu Municipal da vila alentejana.

«Eloquente lição de sensibilidade e cultura, a obra de Chloe MacMillan envolve um profundo trabalho de lúcida análise das características fundamentais dum povo que bem conhece» — diz Rafael Calado, director do Museu dos Azulejos, de Lisboa, no catálogo da exposição.

«Ao seu olhar inteligente e

apaixonado, não escaparam os mais diversos aspectos de paisagem humanizada, nem a importância real do património edificado que, cuidadosamente, soube registar os ambientes» — diz Rafael Calado.

A exposição é uma amostragem mínima do trabalho de levantamento patrimonial da pintora australiana. «A maior parte dos quadros já foi vendida, encontrando-se muitos no estrangeiro» — diz Chloe.

Com as versões em inglês, francês e português do seu livro já prontas, Chloe espera vir a editar brevemente a história de amor que um dia, há 40 anos, iniciou, com um visto de trânsito e no meio de uma Europa em guerra.

Como diz Rafael Calado, os quadros de Chloe ensinam-nos «a ver o que — talvez por excesso de habituação — tantas vezes nos escapam».

Os espigueiros de Lindoso, no Minho, a casa de Lamas, em Vieira do Minho, o basto, em Cabeceiras de Basto, a fortaleza de Bragança, Vila Chã da Ribeira ou Miranda do Douro, são guaches que ilustram a paisagem de Chloe pelo norte do país.

Uma casa barroca na Guarda, azulejos do Século XVII na quinta de Pascoaes, em Amarante, a quinta do Chantre na Maia ou a British Factory, no

Porto, são outros dos guaches da australiana patentes ao público em Santiago do Cacém, até 30 de Junho.

Aspectos de casas particulares ou monumentos públicos de Santa Comba Dão, de Monsanto, na Beira Baixa, na Nazaré, de Peniche, das Berlengas, de Sintra ou de Lisboa, num hiperrealismo cromático e numa minúcia e rigor que facilmente tornam característica a obra da pintora fazem também parte da exposição.

Mas é do Alentejo que ela guarda as recordações mais íntimas. «Os vastos espaços, o cheiro dos eucaliptos, a luz, tudo me recorda a Austrália» — diz ela.

Quem, como ela, passou uma semana a comer e a viver com os corticeiros alentejanos, pode dizer que se trata de «um povo mimetizado na sua própria paisagem».

«Quem diz que o Alentejo é monótono, é porque tem falta de olhos para ver a riqueza dos seus cambiantes» — defende Chloe.

Definitivamente, a pintora, que ainda é aparentada com o antigo primeiro-ministro britânico Harold MacMillan, ama Portugal mas será amarrada «de pedra e alma» ao Alentejo que escolheu para quartel-general.

Fernando Oliveira (NP)

Manuela Aguiar discute em Bona problemas de imigrantes

A secretária de Estado da Emigração, Manuela Aguiar, parte amanhã, para Bona, onde terá conversações com o ministro do Interior da República Federal da Alemanha, Froleich Graurhe. Manuela Aguiar permanecerá em Bona até domingo e os contactos que aí manterá inserem-se nos preparativos da reunião mista luso-alemã sobre problemas de emigração que decorrerá em Lisboa, em princípios de Junho.

O retorno e os direitos dos trabalhadores portugueses na RFA são os principais temas das conversações da secretária de Estado. As autoridades da RFA receberam já cerca de seis mil pedidos de auxílio ao retorno de imigrantes portugueses ao abrigo de uma lei aprovada pelo parlamento alemão-federal em Novembro de 1983. O pedido para auxílio ao retorno termina em Junho e abrange, ainda, trabalhadores imigrados da Jugoslávia, Coreia, Marrocos, Espanha, Tunísia e Turquia.

Segundo a referida lei, podem beneficiar dos esquemas de auxílio ao retorno os trabalhadores que se encontrem desempregados, devido, e só neste caso, ao encerramento completo ou parcial das empresas onde trabalhavam. O auxílio aplica-se também a situações de trabalho reduzido durante, pelo menos, meio ano, e aos imigrantes que decidam abandonar definitivamente, com todos os seus familiares, a RFA.

O montante do auxílio ao retorno foi estipulado em 10 500 marcos, acrescido de 1500 marcos por cada filho com direito a abono de família. Os imigrantes na RFA dispõem de outra modalidade de auxílio ao retorno, a qual tem sido sistematicamente desencorajada pelas autoridades portuguesas. Trata-se do reembolso de todas as cotizações efectuadas para a segurança social, perdendo os imigrantes, no entanto, todos os direitos adquiridos neste domínio, incluindo a reforma.

Com 350 participantes

Congresso do Comércio amanhã no Porto

Principia amanhã no Porto, no Palácio da Bolsa, o segundo Congresso do Comércio que conta com a participação de 350 empresários comerciais e dirigentes associativos e é organizado pela Confederação do Comércio Português (CCP). Estão representadas todas as associações de comerciantes do País.

A sessão inaugural será presidida pelo ministro do sector, Álvaro Barreto.

Segundo o que o secretário-geral da CCP disse à NP, o congresso «destina-se a encontrar propostas dos empresários para a recuperação e modernização da economia e do comércio».

«Os empresários comerciais sabem que o Governo anunciou para os próximos anos a implementação de programas económicos de recuperação e modernização mas não sabem se ainda poderão esperar por esta recuperação» — acrescentou.

Soares Oliveira lamentou o facto de os comerciantes não saberem se podem esperar pela recuperação da economia, pois, «a situação das suas empresas é já hoje de tal modo grave que muitos deles temem já não ser empresários quando esses programas entrarem em funcionamento».

«Neste congresso os empresários podem muito provavelmente dizer basta a esta situação», disse Soares de Oliveira, salientando que «o travão está relacionado com as leis laborais que continuam inalteradas e a indefinição do modelo económico».

Durante o congresso vão ser debatidos os «grandes problemas que condicionam a evolução da economia e da actividade comercial», «O comércio dos próximos anos», «Um programa de modernização» e «Propostas para a viabilização da actividade comercial».



Preço dos transportes vão subir?

Comissão incita utentes a não pagar eventuais aumentos

A Comissão de Transportes Colectivos da Região de Lisboa, que nos últimos dias tem aumentado os seus protestos contra o anunciado aumento no sector, pintando paredes e inundando viaturas e carruagens de autocolantes, nos quais convida os utentes a não acatar os novos preços, reafirmou ontem a disposição de «sensibilizar e motivar as pessoas para o não pagamento de eventuais aumentos de tarifas».

Na rua frente à estação da CP

do Rossio, e praticamente numa improvisada conferência de Imprensa, Lourenço Bernardino, um dos onze elementos da comissão, considerou que «novos aumentos dos preços dos transportes públicos constituiriam uma atentado aos recursos dos trabalhadores».

Manifestou a convicção de que «os utentes responderão negativamente a eventuais novos aumentos» e de que os mesmos não se verificarão até ao final do ano, «uma vez que os transpor-

tes já aumentaram em Janeiro de 1984».

A Comissão anunciou estar a proceder à recolha de assinaturas num documento a enviar ao Primeiro-Ministro e revelou que, na segunda-feira, será desencadeada uma «acção de esclarecimento dos utentes nos principais locais de concentração».

Lourenço Bernardino acrescentou que a referida Comissão tenciona intensificar a luta contra os novos aumentos dos preços

dos transportes, «sempre dentro das regras democraticamente estabelecidas», e salientou que, graças à acção da comissão, desencadeada em 22 de Março, o Governo já recuou por duas vezes.

Argumentou ainda que entre 1978 e 1983 as tarifas aumentaram 400 por cento, os salários nos transportes apenas 130 por cento, e o custo de vida cerca de 250 por cento.

O texto faz notar que «os cidadãos já não podem suportar mais

aumentos» e que a comissão, «haseada na impossibilidade de a população em os suportar está na disposição de se bater contra novos incrementos».

O documento faz o balanço da actividade da comissão, cuja sede é na Rua da Barroca (Lisboa), salientando que a adesão e simpatia dos utentes é fantástica e que «toda esta movimentação provocou já um adiamento da medida dos aumentos que estariam previstos para Abril e Maio».

Pequenos e médios comerciantes levaram problemas a Eanes

Representantes dos pequenos e médios empresários fizeram há dias uma circunstanciada exposição ao Presidente da República dos múltiplos problemas com que a classe se debate, quer pela situação de crise económica e social dos portugueses em geral, quer pela acção legislativa do Governo — refere um comunicado do Movimento dos Pequenos e Médios Comerciantes e Industriais.

Os sucessivos aumentos dos mais variados impostos, as taxas e outros encargos, os aumentos das rendas de casa comerciais, os novos horários do comércio, visando privilegiar as zonas dos grandes centros comerciais, e as cada vez maiores restrições ao crédito, foram questões desenvolvidas durante a audiência que Eanes concedeu aos pequenos e médios empresários.

No encontro com o Presidente da República, além de dirigentes do MPMCI de Lisboa participaram representantes dos movimentos congéneres de Braga, Porto e Setúbal.

Para portugueses e franceses

Guia bilingue irá facilitar casamentos

Um guia para casamentos entre franceses e portugueses será brevemente divulgado — anunciou ontem a Embaixada de Portugal em Paris na sequência da reunião da Comissão Mista sobre

o acordo luso-francês que decorreu em Paris na passada semana.

De acordo com a mesma nota, além do guia, nas duas línguas, acima referido, a Comissão Mista

decidiu-se também pela publicação de um outro guia, igualmente bilingue, mas esse para uso dos bi-nacionais dos dois países.

As duas delegações aprovaram ainda a criação de um «Co-

mité de Especialistas para análise das questões resultantes da nova política francesa sobre reinserção de emigrantes. O desenvolvimento das relações cultu-

rais, designadamente no âmbito da rádio, cinema, teatro, bibliotecas, televisão, videocassetes, também foi discutido pelas delegações.

Televisores a cores para o Hospital de Santo António

A semana do Hospital de Santo António do Porto prosseguiu ontem com a realização de um peditório público denominado «festa da flor». O programa de ontem incluiu a entrada em funcionamento de televisores a cores em todas as enfermarias dos hospitais de Santo António e Rodrigues Semide, e a entrega de flores aos doentes destes estabelecimentos.

Segundo afirmou à NP a enfermeira-chefe do Departamento de Educação Permanente, Ana Gouveia, «falar de humanização e humanizar é utópico sem que haja, de facto, uma consciencialização colectiva do seu conceito nato». «O

trabalho num hospital não é um trabalho de um mas de todos», acrescentou.

Ana Gouveia frisou, por outro lado, que «o enfermeiro é o centro das relações inter-sectoriais de um hospital». «Mas para que as relações inter-sectoriais possam atingir no máximo os objectivos propostos é fundamental que se estabeleça uma boa rede de comunicação não só a nível da instituição como também entre os membros de cada equipa de saúde», disse.

O Hospital de Santo António possui 900 camas, tem ao seu serviço 249 médicos do quadro permanente, 301 internos de especialidade e 196 policlinicos.

Para que haja feira de gado

Agricultores de Fafe «cortaram» estrada

PORTO, 17 — Agricultores da área de Fafe cortaram ontem, durante cinco horas, a estrada n.º 206 que liga esta vila a Guimarães, em protesto contra a não realização da habitual Feira Anual de Gado em Fafe, a chamada «Feira dos 16».

Durante aquele período em que agricultores e outros populares se barricaram, sem que as autoridades tenham actuado, o trânsito entre Fafe e Guimarães processou-se pelas freguesias de Golães e Cepães.

O presidente da Câmara Municipal de Fafe, com quem os agricultores pretendiam avistar-se e decidir a reabertura das feiras de gado na região, encontrava-se ontem em Lisboa, aproveitando o facto de ser feriado naquele concelho. O vereador José Ribeiro, com o qual os agricultores haviam

trocado impressões há dias, mas que não é o encarregado do pelouro na CM de Fafe, tinha-se deslocado a Braga.

A ocupação e corte da estrada processaram-se em Santo Ovídio, visando com tal atitude e sem incidentes, chamar a atenção das autoridades para a necessidade de se realizar este ano aquele famoso certame, considerado o «cartaz mais aliciante» das feiras francas que se realizam em Fafe.

O governador civil de Braga considerou ontem o corte da estrada n.º 206 como «uma agitação concertada», tendo por detrás «uma carga política muito forte». Visando mais longe, Artur Lopes afirmou que quer o «corte» de ontem quer os que já ocorreram em Cabeceiras de Basto «se devam a forças que querem a desestabilização».

Este não é "mais um" cartão, é uma vida mais fácil para si!



A «Campanha de Colaboração com o Surdo» lançou este cartão de modo a tornar mais fácil o dia-a-dia daqueles que são surdos totais ou apenas ouvem mal.

Se você tem dificuldades auditivas, sempre que precisar de ajuda, pode agora mostrar o seu Cartão e terá um atendimento especial em todos os locais que tenham afixado o símbolo da Campanha.

Este não é apenas «mais um cartão». É um cartão para si.

Apresente-o sempre que necessário.

Solicite-o na Associação Portuguesa de Surdos.

Av. da Liberdade, 157 - 2.º Dt.º - 1200 LISBOA



Campanha
de Colaboração
com o Surdo

Secretariado Nacional de Reabilitação

Os tubos do gás devem ser fixos com bráçadeiras próprias. Cumpra as minhas regras de segurança.



DGE / CAMPANHA DE SEGURANÇA NA UTILIZAÇÃO DE COMBUSTÍVEIS GASOSOS

24 horas

Proibido circular de noite

O governo chileno do general Augusto Pinochet proibiu «com carácter ilimitado» toda a circulação de veículos durante a noite. A medida estabelece ser proibido, a partir de amanhã, toda a circulação de veículos entre a uma e as cinco horas. A partir dessa mesma data ficam anulados todos os salva condutos concedidos pelas autoridades militares. Esta disposição do comando da zona em estado de emergência segue-se aos atentados bombistas ocorridos nas últimas noites em várias cidades chilenas.

Condenação à morte nos Camarões

Quarenta e seis pessoas foram condenadas à morte por participação na tentativa de derrube do governo do presidente dos Camarões, Paul Biya, no mês passado, anunciou hoje a Rádio de Yaounde. Os 46 sentenciados fazem

parte dos 436 réus julgados em segredo por tribunais militares, nas últimas duas semanas, por adesão ou financiamento da rebelião de 6 de Abril, levada a cabo por rebeldes da guarda do palácio presidencial.

Panamá: Barletta confirmado

O Tribunal Eleitoral do Panamá emitiu às primeiras horas de hoje um comunicado em que proclama o triunfo de Nicolas Ardito Barletta nas eleições presidenciais do passado dia 6 de Maio. O comunicado assegura que Ardito Barletta superou em 1713 votos o seu rival, Arias Madrid.

Napoleon Duarte empossado

O democrata-cristão Napoleon Duarte foi empossado hoje, no Teatro Nacional da capital salvadorenha, no cargo de presidente da República. Mais de mil pessoas assistiram ao acto, que foi

transmitido em directo pela Televisão e Rádio de São Salvador. Após a posse, Napoleon Duarte foi à Sé Catedral da capital agradecer a Deus por ter conseguido ser eleito.

Surto de gastroenterite no Brasil

Mais de 500 crianças morreram nos últimos meses, devido a um surto de gastroenterite que afecta 16 municípios dos estados da Baía e Ceará no Nordeste do Brasil. Em Itapage, estado do Ceará, cerca de 400 crianças menores de três anos morreram com esta doença nos meses de Abril e Maio, segundo as autoridades sanitárias da região. As estatísticas oficiais de quinze municípios do estado da Baía indicam, que foram 94 as crianças mortas nos últimos quinze dias pela gastroenterite, mas segundo as autoridades das povoações afectadas o número de mortos eleva-se a 200.

Referendo na Suíça

Os suíços começaram ontem a votar num referendo nacional relativo ao sigilo bancário e à venda de terrenos aos estrangeiros. Prevê-se que o Partido Socialista saia derrotado na sua proposta que

visa abolir o sigilo bancário, e que o Partido da Acção Nacional, de extrema-direita, consiga a aprovação da sua moção que proíbe a venda de terra a estrangeiros não residentes.

Thacher na descida

A popularidade do governo da primeiro-ministro britânica Margaret Thatcher caiu no seu ponto mais baixo desde as eleições gerais de há um ano, revela uma sondagem hoje publicada.

Efectuada pela Gallup e publicada pelo «Daily Telegraph», a sondagem mostra que a diferença entre os conservadores e os trabalhistas baixou em 2 por cento, comparado com 4,5 por cento há um mês. O Partido Conservador tem, segundo a sondagem, um apoio de 38,5 por cento, o Trabalhista 36,5 por cento e a coligação Liberais-Sociais-Democratas 23 por cento.

Preso na Suécia o misterioso «C»

A prisão de um homem que ameaçou atacar à bomba 88 empresas, embaixadas e os caminhos-de-ferro em 1200 cartas pôs fim à maior campanha de chantagem de sempre na Suécia — disseram hoje as

autoridades. Um motorista de táxi de 37 anos, de Estocolmo, que assinava as misteriosas cartas-ameaça com um «C», foi preso na semana passada e acusado num tribunal da capital sueca.

Tunísia-Líbia

O presidente Habib Bourguiba decidiu chamar o embaixador tunisino na Líbia, por aquele país continuar «obstinadamente» a implicar a Tunísia nos recentes acontecimentos na Líbia, anunciou o Ministério dos Negócios Estrangeiros. As autoridades libias acusaram a Tunísia de servir de base para tentativas de desestabilização da Líbia, o que foi desmentido por Tunis.

Indústria automóvel alemã

A gigantesca empresa «Volkswagen» anunciou que suspenderá na próxima semana a produção de automóveis na Alemanha Federal e na Bélgica, devido às greves de metalúrgicos pela semana laboral de 35 horas. Os fabri-

cantes de automóveis «BMW» e «Daimler-Benz» já anunciaram a intenção de suspender a produção e prevê-se semelhante decisão para breve por parte da «Ford», «Opel» e «Audi».

Pedido de inquérito nos Comuns

Deputado sabia que UNITA ia atacar

— Firma inglesa estava também no segredo

Um deputado britânico pediu ontem um inquérito oficial a uma notícia segundo a qual o membro do Partido Conservador sabia com antecedência de um «raid» em Angola que levou à captura de 70 estrangeiros.

Donald Anderson, porta-voz para os assuntos exteriores do Partido Trabalhista, na oposição, também exigiu uma explicação do governo de Margaret Thatcher sobre por que é que não foram tomadas precauções especiais para proteger cidadãos britânicos em perigo em Angola.

Anderson disse que a notícia, publicada ontem no «Daily Te-

legraph», acerca do «raid» de 23 de Fevereiro às minas de diamantes de Kafunfo, no nordeste de Angola, por terroristas da UNITA, era extraordinária.

A notícia do correspondente James Glover afirma que a 13 de Fevereiro, dez dias antes do «raid» em que 70 estrangeiros, na sua maioria portugueses, e 16 britânicos, foram capturados pelos terroristas. ele, Glover, tinha sido contactado por um deputado conservador.

Glover escreve que o deputado propôs que os dois homens e um director de uma multinacio-

nal com sede em Londres se guissem num avião da empresa para a sede da UNITA, em Jamba, no sueste de Angola, «a fim de presidir à devolução dos reféns britânicos».

Glover não menciona o nome do deputado conservador nem o do director da empresa que estiveram alegadamente envolvidos no esquema.

A firma, a Lonrho, tem elevados interesses mineiros em África.

Anderson diz ainda que outro membro do partido da senhora Thatcher, sir James Scott-

-Hopkins, que é membro do Parlamento Europeu, informou o ministério dos Negócios Estrangeiros, com tempo, de que o «líder» da UNITA, Jonas Savimbi, tinha dito em Julho do ano passado que a mina seria atacada depois do Natal.

«É claro que as motivações da Lonrho em toda esta embrulhada têm de ser investigadas» — diz numa carta ao ministro dos Negócios Estrangeiros, Malcolm Rifkind, o deputado trabalhista. «Todos sabemos muito bem a extensão do seu braço na África Austral».

Cerca de 150 milhões de dólares para bases na América Central

Os Estados Unidos gastarão, nos próximos quatro anos, 149 milhões de dólares — na construção de bases militares na América Central e Caraíbas, revelou um estudo da secretaria de Estado da Defesa.

Os planos contidos num relatório apresentado ao Congresso incluem obras nas bases aéreas de Palmerola e La Cieba, nas Honduras de forma a torná-las capazes de receber aviões de combate, de grandes dimensões. Numa outra base aérea de San Lorenzo, próxima do golfo de Fonseca, a secretaria de Estado de Defesa pensa gastar 2,9 milhões de dólares para — melhorar as condições de Alojamento dos militares.

O relatório diz que o Pentágono planeia realizar exercícios nas Honduras, pelo menos até 1988, razão por que destina quatro milhões de dólares a operações de manutenção nesse país.

Os Estados Unidos gastarão ainda 43,4 milhões de dólares, nos próximos quatro anos, em melhorias na base de Guantánamo, na costa sul de Cuba.

Os democratas do Congresso, que estudaram o relatório, declararam que se opõem a esse aumento das despesas militares, enquanto não se registar «uma iniciativa, de proporções idênticas, no terreno diplomático».

Bill Alexander, membro do

subcomité de Construções Militares da Câmara, expressou a sua profunda preocupação pela «excessiva importância que a Administração concede à sua estratégia militar na América Central».

Segundo técnicos militares, embora Washington continue a afirmar que não enviará tropas para a América Central, os últimos planos de construção indicam toda uma preparação para utilizar rapidamente fortes efectivos no caso de um conflito nessa região.

As fontes assinalaram, por exemplo, que os 13 milhões destinados a alargar a pista de Palmerola para a tornar apta ao «apoio aéreo táctico» é na reali-

dade a sua adequação a aviões de combate.

O relatório do Pentágono, apresentado pelo subsecretário William Taft, assinala que as melhorias nos alojamentos em San Lorenzo «reduzirão de forma significativa o tempo que dependeremos para fornecer ajuda militar quando ela se tornar necessária».

Numa carta aos membros dos Comités militares do congresso, Taft anuncia que «são precisas melhorias na capacidade logística e nas facilidades regionais dos Estados Unidos, se quisermos ajudar os países amigos contra os perigos que se lhes deparam».

Devido à crise económica

Democracia na Bolívia «à beira do colapso»

A crise económica e as divergências entre o governo e os sindicatos sobre a forma de a ultrapassar colocam a democracia boliviana «à beira do colapso total» — comentaram hoje observadores locais.

Por outro lado, as próprias divisões no seio do movimento sindical enfraquecem o que, no dizer da Central Operária Boliviana (COB) constitui o principal obstáculo aos sectores golpistas de direita: os operários organizados.

O movimento sindical atravessa presentemente uma aguda crise interna com algumas organizações a tomarem medidas de pressão sobre o governo, desinseridas das orientações globais da COB.

A estratégia sindical maioritária inclui uma série de medidas graduais de pressão contra a «política de miséria» de Siles Suazo, que começaram ontem com uma greve de fome, escalonada, iniciada por vários dirigentes sindicais.

Os sindicatos afirmam que «é

a política económica de Siles Suazo que constitui um factor de desestabilização do processo democrático na medida em que coloca o país ao serviço dos interesses do Fundo Monetário Internacional em detrimento do povo trabalhador boliviano».

Assim, defendem nomeadamente a demissão da equipa económica do governo, o adiamento do pagamento da dívida externa à Banca internacional, a aplicação dessa verba no desenvolvimento interno e a participação de representantes sindicais no governo.

A pressão sindical já provocou a apresentação do pedido de demissão, por parte do ministro da Economia, Flavio Machicado, cérebro das drásticas medidas restritivas. O ministro esclareceu no entanto não ser irrevogável a sua decisão.

Embora sem afastar completamente a hipótese da participação de sindicalistas no governo, este afasta a adopção de medidas económicas como a suspen-

são do pagamento da dívida externa, alegando que se trata de uma proposta «completamente irrealista, que colocaria o país numa situação de isolamento».

Neste contexto, o governo lançou um alerta aos operários salientando que «o recrudescimento da desordem social e o descontrolo laboral conduzirão à destruição total da democracia».

Iminente a declaração do estado de sítio?

O governo boliviano estuda a possibilidade de declarar o estado de sítio em todo o território, se persistir o actual clima de agitação social — informaram hoje fontes governamentais citadas pela agência EFE, referida pela ANOP.

As mesmas fontes referiram a existência de uma corrente oficial que exigiu ao presidente Siles Suazo a declaração do estado de sítio, face à onda de graves paralisações, mas acrescentaram que outros sectores do

poder não estão de acordo com semelhantes iniciativas.

O subsecretário do Interior, Gustavo Sanchez, assegurou, pelo seu lado, que até ao momento não está nada definido e que, em última instância, será o presidente Siles Suazo a tomar uma decisão definitiva.

Atentado contra o ministro do Interior

O ministro do Interior da Bolívia, Federico Alvarez Plata, foi vítima de um atentado, quando o automóvel em que viajava foi alvejado com vários tiros — denunciou a Presidência da República.

Segundo um comunicado assinado por Siles Suazo, o ministro encontra-se bem e o presidente boliviano responsabiliza grupos antidemocráticos pelos disparos efectuados.

O presidente Siles Suazo sublinha que actuará com decisão contra qualquer acção terrorista para bloquear o processo democrático.

Petroleiros atacados

Tensão sobe no Golfo

A tensão internacional suscitada pela Guerra do Golfo subiu ontem com um ataque aéreo a um petroleiro saudita e com o Kuwait a responsabilizar o Irão por ataques semelhantes a dois dos seus petroleiros.

A declaração do Kuwait, a primeira acusação aberta de um país do Golfo ao Irão por seguir o exemplo do Iraque em ataques a navios mercantes, foi divulgada horas depois de fontes da navegação terem relatado que o petroleiro saudita «Yanbu Pride» se encontrava em chamas depois de ter sido atacado.

As fontes disseram que o petroleiro, de 212 mil toneladas, parcialmente carregado, fora atacado por um avião não identificado em águas sauditas. O incêndio causado foi controlado e

os seus cerca de 30 tripulantes nada sofreram.

A declaração do Kuwait aludia a ataques registados domingo e segunda-feira aos seus petroleiros «Umm Casbah», que ficou ligeiramente danificado, e ao «Bahrah», alvejado por um «rocket».

Enquanto isso, os governos britânico e norte-americano manifestaram profunda preocupação pelos ataques aos navios mercantes na área do Golfo e instaram os dois países beligerantes a chegarem a um acordo de paz.

O «Times» de Londres comentou hoje num editorial que «se as coisas continuarem assim, os fornecimentos de petróleo do Golfo serão seriamente afecta-

dos» e que as elevadas taxas de seguro afectarão também os preços mundiais.

«O Ocidente, que é o principal cliente e num certo sentido o principal financiador de ambas as partes na guerra não pode fingir mais que ela não afecta os interesses ocidentais» e acrescentou que «algum tipo de intervenção ocidental poderá em breve ser inevitável».

«A única maneira de garantir a liberdade de navegação para países neutrais no Golfo — diz o «Times» — poderá ser fornecer escoltas navais, com todo o risco de agravamento do conflito que isso implica».

Desmentido

Um porta-voz do primeiro-

-ministro israelita, Yitzhak Shamir, desmentiu alegações de que Israel estava a vender armas ao Irão para serem usadas na guerra do Golfo.

«Israel não está a vender armas ao Irão», disse o porta-voz Avi Pasner aos jornalistas. «Mantemos neutralidade na guerra entre o Irão e o Iraque».

Pasner comentava declarações do antigo ministro da Defesa, Ariel Sharon, segundo as quais Israel fornecera armas ao Irão, com o conhecimento do governo norte-americano.

Sharon dissera nos Estados Unidos que Israel vendera armas a Teerão porque «seria um grave erro deixar os iraquianos ganhar a guerra».

Sob o signo da discórdia

Reuniões da NATO terminam hoje

Os ministros da Defesa da NATO começaram hoje em Bruxelas o seu último dia da reunião onde vão tentar conseguir um acordo sobre a nova tecnologia para as armas convencionais, apesar do falhanço em aprovar um programa de financiamento das infra-estruturas militares — escreve a NP. Os ministros, entre os quais se encontra o português Mota Pinto, deverão aprovar uma lista dos projectos de armas novas a integrar no desenvolvimento conjunto. Entre estas contam-se munições que procuram por si mesmas os alvos, radares de longo alcance e sistemas de comunicações à prova da guerra electrónica.

Estes projectos integram-se na política da NATO de tentar melhorar as suas armas convencionais, de modo a incrementar a defesa da Europa sem um tão grande apoio nas armas nucleares.

Esta estratégia sofreu um contratempo na quarta-feira quando os ministros não conseguiram chegar a acordo quanto aos dinheiros a gastar para melhorar as bases navais, instalações portuárias, pistas aéreas, paíóis e munições e oleodutos de transporte de combustível, pontos vitais para assegurar os reforços da Aliança em caso de guerra.

Os Estados Unidos, disseram funcionários da NATO, pretendiam um orçamento de dez mil milhões de dólares nos próximos seis anos, enquanto a RFA, que financia uma quarta parte de toda a infra-estrutura da Aliança, não

está preparada para ir além dos seis mil milhões de dólares.

As discussões destes assuntos têm sido atrasadas pelo caso da Holanda, que ainda não decidiu se aceitará a instalação no seu território de 48 mísseis nucleares de Cruzeiro, os quais fazem parte do plano da NATO («dupla decisão», aprovada em Dezembro de 79).

A Alemanha Federal, a Grã-Bretanha e a Itália, que já começaram a instalar os novos mísseis norte-americanos nos finais do ano passado, apelaram ao ministro holandês da Defesa, Jacob de Ruiter, para mostrar solidariedade para com os seus aliados.

Mas de Ruiter não pode assegurar nenhuma decisão final antes de Junho.

Os ministros conseguiram, por outro lado, resolver uma disputa que ameaçava toda a

Aliança: a objecção da Grécia em que a Turquia receba mísseis anti-navios no Mar Egeu.

Fontes da Conferência indicaram que foi aprovado um plano de cinco anos e que a disputa grega-turca foi ultrapassada.

Porém, outras fontes acrescentaram que todo o projecto é irrealista, pois muitos países não têm capacidades financeiras para alcançar os objectivos que aceitaram.

Saliente-se que os ministros teceram severas críticas ao Governo holandês pela sua indecisão no estacionamento no seu território de mísseis nucleares de Cruzeiro, disseram à AP fontes da reunião, citadas pela NP.

Segundo as fontes, quase todos os ministros presentes criticaram o Governo de Haia, representado pelo titular da Defesa, Job De Ruiter.

Generais em Viena

Os Estados Unidos pressionaram alguns generais a não participarem numa reunião de oficiais reformados da NATO e do Pacto de Varsóvia que decorre em Viena — revelou um dos participantes, o general britânico Michael Harbottle.

A reunião que começou segunda-feira e termina sexta, conta com a participação, a título privado, de generais reformados de Portugal, Grã-

Bretanha, Holanda, Itália, Noruega, Grécia, União Soviética, RDA, Checoslováquia, Polónia, Hungria e Bulgária.

O participante português é o marechal Costa Gomes, antigo Presidente da República e actual dirigente do Conselho Mundial da Paz.

Em discussão está a tensão Leste-Oeste, as formas de re-frear a corrida armamentista, a criação de medidas de confiança entre as superpotências e a criação de um novo conceito que substitua a actual doutrina de dissuasão nuclear.

Manobras

Unidades dos Exércitos da Grã-Bretanha, Estados Unidos, Bélgica, Canadá, Alemanha Federal e Itália iniciaram ontem, em Northumberland, as manobras militares «Arden Ground» da NATO, diz a ANOP.

O objectivo destes exercícios, que se prolongam até 6 de Junho, é a prática com fogo real dos destacamentos de artilharia e morteiros da força móvel do Comando Aliado, cujo Quartel-General se encontra em Heilidelberg, na Alemanha Federal.

As manobras, que começaram com o lançamento de pára-quedistas norte-americanos, contam com a participação de 1500 soldados.

“Drama” eleitoral nas Filipinas

A contagem demora

A Comissão Eleitoral das Filipinas anunciou que os resultados das eleições parlamentares realizadas segunda-feira passada só deverão ser conhecidos dentro de «sete a dez dias».

Mais de 48 horas após o encerramento das urnas, a Comissão referiu que oficialmente só é conhecido um vencedor, numa localidade — Las Pinas, um subúrbio de Manila — onde ganhou o candidato da oposição.

O presidente Ferdinando Marcos, numa entrevista à televisão norte-americana, previu que o seu partido conseguiria 140 lugares no Parlamento, restando «uma maioria preponderante».

Interrogado sobre qual a base para as declarações de Marcos, o presidente da Comissão Eleitoral, Vicente Santiago respondeu «a responsabilidade é dele», porque os resultados só deverão ser conhecidos dentro de sete a dez dias.

A oposição, que, segundo a contagem de um organismo privado, tem obtido surpreendentes ganhos, acusa o governo de querer enganar os eleitores ao fazer atrasar o anúncio dos resultados finais.

Entretanto, o ministro da Agricultura, Artur Tanco, e o ministro adjunto da Saúde, Florentino Solon, admitiram a derrota do partido governamental face às vitórias que a oposição conseguiu.

Na verdade, foi confirmado por dados oficiais um «espectacu-

lar avanço» da oposição.

Com mais de 57 por cento dos votos recontados, a organização privada Movimento Cívico Nacional para Umas Eleições Livres (MANFREL) assegurou 81 lugares para o movimento da Nova Sociedade, 73 para a oposição e 14 para deputados independentes.

segundo a MANFREL, não se dispõe ainda de dados reveladores quanto aos 15 restantes lugares dos 183 que foram disputados nas eleições legislativas de segunda-feira.

Dos 21 lugares de Manila, a oposição tem 15 praticamente assegurados.

Esta organização privada baseou a recontagem dos votos em dados recolhidos pelos seus milhares de voluntários em actas dos vários colégios eleitorais.

Para o ex-senador Salvador Laurel, presidente da coligação opositora UNIDA (Organização da Unidade Nacionalista Democrática), os resultados obtidos pela oposição «superam de longe as nossas esperanças e os nossos sonhos».

Para o Partido do presidente Ferdinando Marcos, que controlava mais de 90 por cento dos lugares da Câmara, as eleições constituem uma derrota, embora possa contar com uma maioria de deputados no novo parlamento, dado que 17 dos 200 deputados que o integram são designados pelo chefe de Estado.

Guiné-Bissau

“Nino” Vieira presidente do Conselho de Estado

O general João Bernardo Vieira («Nino») foi ontem ao fim da tarde empossado como presidente do Conselho de Estado da Guiné-Bissau.

O antigo presidente da Assembleia Nacional Popular e antigo primeiro-ministro, desde 14 de Novembro de 1980 na chefia do Estado, jurou defender a independência nacional e dedicar a sua inteligência e energias ao serviço da Guiné-Bissau.

«Nino» Vieira jurou também fidelidade total aos objectivos do PAIGC, à Constituição hoje mesmo aprovada pela Assembleia e às leis da República.

O seu mandato de cinco anos como presidente do Conselho de Estado, equivalente a presidente da República, com acumulação das funções de chefe de governo e de comandante supremo das Forças Armadas, inicia-se depois de haver sido, durante três anos e meio, presidente do Conselho da Revolução.

A tomada de posse, perante a presidente da Assembleia Nacional, Carmen Pereira, seguiu-se um comício na Praça dos Heróis Nacionais, em Bissau. Além do

presidente, dos dois vice-presidentes e do secretário (respectivamente os coronéis Paulo Correia, Iafai Pereira e Vasco Cabral), o Conselho tem mais 11 membros e às suas reuniões também assiste a presidente da Assembleia Nacional.

Daquelles 11 elementos, dois vêm do extinto Conselho da Revolução: Buota Na Batcha e Benate Na Biate.

Outros dois são membros efectivos do Bureau Político do PAIGC: Carlos Correia e Tiago Aleluia Lopes.

Três ocupam, ou já ocuparam cargos ministeriais: Filinto de Barros, José Pereira e Júlio Semedo.

Outros três pertencem ao Conselho de Estado por inerência de funções: Francisca Pereira, líder da Organização de Mulheres; Mário Mendes, secretário-geral da União dos Trabalhadores e Teobaldo Barbosa, responsável pela Juventude Africana Amílcar Cabral (Juventude do PAIGC).

O décimo-primeiro é um deputado pouco conhecido: N'Bana Matche, presidente do Comité de um dos sectores do Sul do país.

As “presidenciais” no Brasil

Oposição apresentará candidato único

Os partidos brasileiros da Oposição vão concorrer às eleições presidenciais do próximo ano com um candidato único, soube-se em Brasília.

A decisão foi tomada pelo PMDB, o maior da Oposição, o PDT, fundado por Leonel Brizola, o PT, de «Lula», e o PTB, que tem tido posições de colaboração com o governo.

A escolha do candidato da Oposição será feita entre Tancredino Neves, governador do Estado de Minas Gerais, e Ulisses Guimarães, presidente do MDB.

Entretanto, o vice-presidente Aureliano Chaves, que no próximo domingo assumirá uma vez mais a chefia do Estado, dada a viagem do general João Baptista Figueiredo ao Japão e à China, considerou hoje que o governo deve oferecer maior abertura à Oposição.

«Sentar à mesa para nos entendermos exige humildade, principalmente do mais forte em relação ao mais fraco», declarou Aureliano Chaves, que se mostrou já favorável às eleições presidenciais directas.

Enquanto isto, duas listas, uma pró-governamental e outra da Oposição, concorrem às eleições para a escolha do novo presidente do Clube Militar Brasileiro.

A eleição, aberta aos mais de 23 mil sócios do clube, reveste-se de especial interesse político, porque o seu resultado dirá se o governo do presidente João Baptista Figueiredo conta com apoio real nas Forças Armadas.

A lista pró-governamental é liderada pelo general Vilar Aquino, sendo a da Oposição encabeçada pelo general Andrade Serpa.

Câmara dos Representantes aprova 15 mísseis MX

A Câmara dos Representantes dos Estados Unidos aprovou ontem à noite uma fórmula de compromisso para a construção de 15 mísseis MX, um número inferior ao pedido pelo presidente Ronald Reagan, anuncia a ANOP.

A fórmula de compromisso, aprovando menos 25 mísseis do que os pedidos por Reagan (40), foi proposta pelo congressista democrata Les Aspin. Foi aprovada sem necessidade de votação, depois dos líderes republicanos na Câmara terem reconhecido a impossibilidade de verem aprovada a construção dos 40 mísseis MX pedidos por Reagan.

Anteriormente, a Câmara tinha recusado uma tentativa

para não aprovar os 2700 milhões de dólares que o orçamento do Petágonos destina para a construção de 30 mísseis. O presidente tinha ele próprio pressionado os congressistas para que votassem a favor da sua petição, posteriormente reduzida para 30 MX, mediante telefonemas de última hora e um convite para jantar na Casa Branca a doze democratas que, a mudarem a sua opinião, poderiam alterar a votação no último minuto.

Este recurso às influências pessoais foi muito útil anteriormente e permitiu a Reagan obter, quando ninguém o esperava, que o Congresso aprovasse no ano passado os planos de cons-

trução da primeira geração dos MX.

O compromisso final foi obtido quando os líderes republicanos se deram conta de que, se a Administração insistisse nos termos da sua petição, se arriscava a perder todos os fundos necessários ao programa dos novos mísseis.

Os MX agora aprovados começarão a ser produzidos no próximo ano e somente se os soviéticos não retomarem as negociações de desarmamento de Genebra. Caso o façam, a produção dos mísseis será adiada por mais seis meses.

A votação de quarta-feira foi a primeira de uma série a que será sujeito o «Guardião da Paz», o cognome do MX, uma arma que

poderá converter-se num tema político de primeira importância ao longo deste ano eleitoral.

Walter Mondale, o candidato à nomeação democrata para a presidência, anunciou que se oporá por todos os meios à concessão de novos fundos para o MX, e lançou, por seu lado, uma campanha de pressões junto dos democratas para votarem contra o projecto MX.

O MX poderá em menos de 30 minutos, destruir os centros vitais da URSS, com uma margem de erro de 200 metros. É armado com dez ogivas nucleares, mas, com o seu tamanho e mobilidade nula, constituirá um alvo fácil e preferencial de qualquer ataque soviético.

Mudança na política externa de Madrid?

Fernando Moran poderá vir a ser substituído

A substituição de Fernando Moran à frente da diplomacia espanhola poderá ser uma das primeiras consequências da nova política externa espanhola — escreve Vasco Lourinho da N. P..

O Governo socialista de Felipe Gonzalez, que durante a campanha eleitoral defendeu a saída da Espanha da NATO, poderá estar agora disposto a rectificar a sua posição.

No entanto, na reunião de Bruxelas, o ministro espanhol da Defesa não assinou o documento final.

Esta posição que não constitui surpresa para ninguém, não tem reflexos práticos, pois o presidente do Governo está a insistir nos

últimos dias na necessidade de que a Espanha esteja plenamente integrada na defesa do Ocidente.

Ao mesmo tempo, nos órgãos de comunicação oficiais, começa a verificar-se uma importante modificação em relação à NATO, que poderia coincidir com os acordos que venham a ser adoptados no Trigesimo Congresso do PSOE, que dará luz verde à integração da Espanha na Organização Atlântica.

Os observadores oficiais salientam também que a Espanha não pode permanecer à margem da defesa ocidental se pretende, simultaneamente, a integração na Comunidade Económica Eu-

ropeia.

Este poderia ser, aliás, um dos argumentos a esgrimir por Felipe Gonzalez para fazer frente aos sempre crescentes obstáculos que levanta a Comunidade Europeia a plena integração da Espanha na Organização.

Em mais de uma ocasião o Governo de Madrid deixou adivinhar a possibilidade de que poderia condicionar a sua presença na NATO à plena integração no Mercado Comum Europeu.

Fernando Moran, que ontem chegou a Madrid, depois de ter acompanhado os reis de Espanha na sua viagem à União Soviética — uma visita imprescindível, que demonstra o respeito e o

ser feitos em quantidade e num grau de pureza no vazio do espaço.

Os patrocinadores, as firmas McDonnell Douglas e Johnson And Johnson, não revelam qual a droga que será produzida durante a 12/a missão do vaivém, prevista para ter início em 19 de Junho.

Drogas vindas do Espaço

Um engenheiro industrial produzirá no próximo mês, em órbita, o primeiro medicamento feito no Espaço, a ser testado em animais e voluntários humanos — anunciou-se em Cabo Canaveral — refere a NP.

A experiência poderá levar à aprovação por parte da fiscalização federal americana de medicamentos dessa droga e poderá também constituir um passo importante na comercialização de fármacos exóticos que só podem

FALECEU CORONEL ANTÓNIO MARIA REBELO

Maria Helena F. G. Teixeira Rebelo e filhas Marta Maria e Maria Helena participam o falecimento de seu esposo e pai coronel António Maria Rebelo. O funeral realiza-se amanhã às 9,30h do Anexo do H.M.P., Rua Artilharia Um, com destino a Aveiro.

Caminhos de Ferro Portugueses Informação

DIRECTORAS DE CENTROS DE FÉRIAS

Os CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES, EP, pretendem contratar para os seus Centros de Férias, pelo período de 30/6 a 17/8/84:

- 1 Directora para a Praia das Maças
- 1 Directora para a Praia de Valadares

As candidatas deverão possuir:

- Curso de Assistente Social
- Curso de Educadora de Infância ou equivalente.

As interessadas deverão contactar directamente ou por escrito o

Serviço de Recrutamento da CP
Calçada do Duque, n.º 20
1294 LISBOA CODEX

até 24/5/1984.

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal das patentes de invenção n.ºs 65 970 para: -PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DUMA COMPOSIÇÃO FARMACÉUTICA-.

N.º 65 971 para: -PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE DERIVADOS DE ACETAMIDOXIMA-.

Trata:
CLARKE, MODET & C.ª
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.
1000 LISBOA

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA ANÚNCIO

O Dr. José Maria Rodrigues da Silva, Juiz de Direito do 12.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa

Faz saber que pela 2.ª Secção do 12.º Juízo do Tribunal do Trabalho de Lisboa, sito Av. Almirante Reis, 49-4.º e nos autos de acção emergente de contrato individual de trabalho com processo comum — sumário, que a Autora Maria Celeste dos Santos Albano Pereira, residente em Quinta do Mendes, lote 39-r/c — Odiveias, move contra Maria Jesus Fonseca e Outros, residentes em Lote 39 — Odiveias, são citados o Sr. Vítor Jorge Tavares Marques e Rosa Cruzinho Tavares Marques, com última residência conhecida em Zona 1 — Chelas, Lote 6-3.º-B, e o Senhor João Carlos Coelho Francisco, com última residência conhecida em Rua Lopes, 108-1.º Esq.º, Lisboa, ambos actualmente em parte incerta e neles correm editos de Trinta Dias, citando os Reus, para no prazo de OITO DIAS, findo o dos editos, ou a contar da segunda e última publicação do respectivo anúncio, contestarem, querendo, aquela acção, sob pena de serem condenados no pedido.

Os duplicados da petição inicial encontram-se arquivados neste Tribunal e respectiva secção, a disposição dos citandos.

Lisboa, 27 de Março de 1984

O Juiz de Direito,
José Maria
Rodrigues da Silva

O Escrivão de Direito,
José da Silva Gaspar
«DL» — 17/5/84 — 2.ª Pub.

ANÚNCIO

O doutor ANTÓNIO MANUEL PEREIRA, Juiz de Direito da Segunda Secção do Nono Juízo Civil de Lisboa.

Faz saber que pelo Juízo de Direito desta comarca e segunda secção correm editos de vinte dias, contados da segunda e última publicação do anúncio citando os credores desconhecidos do(s) executado(s) MECANO-ELECTRICA, LDA, com sede na Rua da Boavista, n.º 84-1.º, em Lisboa para no prazo de dez dias, posterior àquele dos editos, deduzirem os seus direitos na Execução Sumária movida por Rabor - Construções Eléctricas, S.A.R.L., com sede em Ovar — (com o n.º 9946), desde que gozem de garantia real sobre os bens penhorados.

Para constar se passou o presente que vai ser legalmente afixado.
Lisboa, 10 de Maio de 1984.

O Juiz de Direito,
a) António Manuel Pereira
O Escrivão Adjunto,
a) Alcides Alberto Besteiro

DL — 17/5/84 — 1.ª Pub.

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal das patentes de invenção n.ºs 60 904 para: -PROCESSO E DISPOSITIVO PARA ANCORAR UM ELEMENTO ANELAR DE PRESFORÇO NUM CONTENTOR CIRCULAR, EM PARTICULAR NUM TANQUE DE BETÃO OU TUBO DE BETÃO

N.º 65 825 para: ANCORAGEM DE UM CORDÃO FORMADO POR VÁRIOS ARAMES DE AÇO-.

Trata:
CLARKE, MODET & C.ª
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.
1000 LISBOA

TRIBUNAL DE 1.ª INSTÂNCIA DAS CONTRIBUIÇÕES E IMPOSTOS DE LISBOA — 1.º JUÍZO

ARREMATACÃO 2.ª Praça

Faz-se público que pelo 1.º Juízo do Tribunal de 1.ª Instância das Contribuições e Impostos de Lisboa, no dia 23 de Maio de 1984, pelas 15 horas neste Tribunal Rua Braamcamp, 5-4.º vão à praça os bens abaixo descritos penhorados a DEM Departamento Electromecânico, Lda. com sede no Largo Marquês do Lavradio, 11 Lisboa, no processo executivo n.º 3965/82, instaurado por dívida à Caixa de Previdência.

BENS PENHORADOS

Verba n.º 1 — Uma quinadeira eléctrica PE-50, marca Guinil - Guimarães & Filho, Lda. com lâmina de 2,5 m eléctrica em regular estado de conservação a que se atribui o valor presumível de 200 000\$00.

Verba n.º 2 — Uma guilhotina manual marca Hyllus série 716/6 em regular estado de conservação a que se atribui o valor presumível de 10 000\$00.

Verba n.º 3 — Um balancé mecânico de fabrico nacional — Mecânica Exacta, Lda. n.º 114 564 série CP 10-1665 em regular estado de conservação a que se atribui o valor presumível de 50 000\$00.

Verba n.º 4 — Uma máquina de soldar por pontos marca Cifex n.º 79 331 tipo Star — pan 20 em regular estado de conservação a que se atribui o valor presumível de 12 500\$00.

Verba n.º 5 — Uma máquina limadora eléctrica de cor verde s/ marca e s/ número visível c/ torno manual acoplado em regular estado de conservação a que se atribui o valor presumível de 35 000\$00.

Verba n.º 6 — Uma câmara de pintura c/ cortina de água c/ motor de 7 cavalos em regular estado de conservação a que se atribui o valor presumível de 50 000\$00.

Verba n.º 7 — Um compressor de cor vermelha, 2 pistons marca Automan fepo 304 T-2,2 cavalos trifásico e de 200 litros em regular estado de conservação a que se atribui o valor presumível de 7500\$00.

Verba n.º 8 — Uma viradeira Hyllus manual série 735/5 em regular estado de conservação a que se atribui o valor presumível de 40 000\$00.

Verba n.º 9 — Um engenho de furar c/ motor acoplado s/ marca e s/ número visível em regular estado de conservação a que se atribui o valor presumível de 5000\$00.

Verba n.º 10 — Serra circular c/ motor eléctrico e bancada tipo KMS n.º 2779 em regular estado de conservação a que se atribui o valor presumível de 7500\$00.

São citados quaisquer credores incertos e desconhecidos da executada bem como os sucessores dos credores preferentes.

Lisboa, 14 de Maio de 1984

O JUIZ DE DIREITO
(Manuel Luís Macaísta Malheiros)

O LIQUIDADOR TRIBUTÁRIO
(Carlos Manuel Almeida Alves)

D.L. — 17/5/1984

TOUR OPERATOR

TOURS

EXPRESSO «COVA DA BEIRA»
EXPRESSO «CIDADE INVICTA»

FUNDÃO — GUARDA — VISEU — PORTO — BRAGA

Terminal no Porto — Rua Alexandre Herculano n.º 366

07.00		FUNDÃO	23.30
07.25		COVILHÃ	23.05
07.50		GINJAL	22.40
08.10	C	GUARDA	22.20
08.15	P		22.15
08.45		CELORICO DA BEIRA	21.45
09.00		FORNOS DE ALGODRES	21.30
09.25		MANGUALDE	21.05
09.45	C	VISEU	20.45
09.55	P		20.35
10.20		S. PEDRO DO SUL	20.10
10.25		S. PEDRO DO SUL (Termas)	20.05
10.35		VOUZELA	19.55
10.45		OLIVEIRA DE FRADES	19.45
12.25		S. JOÃO DA MADEIRA	18.05
13.00	C	PORTO	17.30
13.15	P		17.15
13.58		TROFA	16.32
14.05		FAMALICÃO	16.25
14.30		BRAGA	16.00

Em vigor desde 16 4 84

OBSERVAÇÕES:

Não se efectua aos Sábados, Domingos e Feriados.

* — Com mudança de autocarro no Porto.

PARA MAIS INFORMAÇÕES:

LISBOA — Telefones 72 58 07 — 72 58 32 — 72 58 54
(Dias úteis das 8 às 20 horas)

TRIBUNAL DA COMARCA DE CASCAIS ANÚNCIO

No dia 11-6-1984, às 10,30 horas, no Tribunal da Comarca de Cascais, 1.º Juízo-2.ª Secção, nos Autos de Carta Precatória n.º 3561, extraídos da Execução Sumária n.º 4-B/79 que, Ete-Tonís, Indústrias de Calçado Lda. move contra Maria Carolina Borges de Oliveira Pereira Matos e marido, residentes em Arcia-S. Pedro do Estoril, há-de ser posto em praça pela primeira vez, para se arrematarem no maior lance oferecido acima do valor indicado nos autos, diversos móveis e electrodomésticos penhorados na habitação dos executados.

Cascais, 11 de Abril de 1984
O Juiz de Direito
a) Dr. Francisco Maguiejo
O Escrivão Adjunto
a) Artur Pereira

DL — 17/5/84 — 2.ª Pub.

FUMO NÃO FUME
EM RECINTOS FECHADOS

Caminhos de Ferro Portugueses

Aviso ao Público CONCURSO

Até às 17 horas do dia 22 de Maio de 1984, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a instalação e exploração de um pavilhão na estação de Queluz.

A anuidade mínima a oferecer é de 40 000\$00 e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da C.P., a quantia de 6700\$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

- Queluz
- Serviço Comercial da Região Centro Lisboa (Santa Apolónia)
- Serviço Comercial de Passageiros Estação de Santa Apolónia, 1.º andar LISBOA

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros dos Caminhos de Ferro Portugueses, E.P., Apartado n.º 2733, 118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a instalação e exploração de um pavilhão na estação de Queluz.»



concurso



Nome _____ Idade _____ Tel: _____
Morada _____ Profissão _____
Tem Televisor? _____ N.º Licença _____
Acompanhante _____ Idade _____
Profissão _____

Conselho de Concertação Social

Parceiros recusam projecto do Governo sobre salários em atraso

O projecto de decreto-lei sobre os salários em atraso apresentado na terça-feira pelo Governo no Conselho de Concertação Social foi unanimemente rejeitado pelos representantes sindicais e patronais, segundo informa a NP, que cita fonte oficiosa.

Os representantes da UGT, da CIP da CAP e da CCP consideraram que o referido projecto era «insuficiente e em nada contribuía para modificar a actual situação».

A mesma fonte adiantou à NP que «Os representantes

dos parceiros sociais consideram que o problema não se resolve apenas com medidas de carácter legislativo mas sim com acções no domínio económico-financeiro que permitam um desenvolvimento industrial português.

Entre essas medidas os representantes dos parceiros sociais sugeriram ao ministro do Trabalho a diminuição das taxas de juro, os incentivos à exportação e o financiamento às empresas consideradas viáveis.

Este primeiro ponto da

ordem de trabalhos ocupou toda a primeira reunião da comissão de trabalho do conselho, não tendo sido possível discutir os outros pontos agendados, nomeadamente a regulamentação dos piquetes de greve, do **Lock-out** e o fundo de garantia salarial.

Para o próximo dia 25 ficou marcada nova reunião, desta vez conjunta, entre as comissões de Trabalho e Assuntos Sociais e Economia, Finanças e Plano, numa tentativa para desbloquear o impasse verifi-

cado na terça-feira.

O Conselho Permanente de Concertação Social integra ainda uma terceira comissão, a de Indústria e Agricultura.

A NP teve, entretanto, acesso ao projecto governamental sobre os salários em atraso, o qual afirma que quando a falta de pagamento atingir duas retribuições mensais o trabalhador tem o direito de rescindir o contrato de trabalho alegando justa causa.

O mesmo projecto de decreto-lei estipula que além

do salário em atraso a que o trabalhador tem direito, a entidade patronal é obrigada a pagar um juro de dois por cento ao mês.

Uma empresa com salários em atraso fica proibida de pagar os vencimentos aos seus corpos sociais e de efectuar quaisquer pagamentos que não correspondam a um rateio proporcional do montante disponível — refere o documento, que acrescenta que as multas são elevadas para o decuplo.

Portucel em greve

Os trabalhadores da Portucel, em Cacia, Aveiro, cumprem hoje uma greve de 24 horas, convocada pelo Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas de Aveiro.

Os trabalhadores contestam a atribuição de tarefas a operadores de primeira, segunda e terceira categorias que, pelo contrário, deveriam ser entregues a lubrificadores especializados.

«É dever da empresa não exigir dos trabalhadores o exercício de funções diferentes das que são próprias da sua profissão» — sublinha o Sindicato no pré-aviso de greve entregue ao conselho de gerência daquela unidade fabril.

Integrada neste processo de luta, também o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Fabricação e Transformação de Papel do Centro, convocou uma greve das oito horas de hoje às quatro da madrugada de amanhã.

Indústrias Eléctricas

Com o rompimento das negociações do CCTV para o sector de material eléctrico e electrónico, no passado dia 10, a comissão negociadora sindical afirma que se criou «um vazio negocial». No entanto, esta estrutura aconselhou o adiamento «para momento oportuno», da greve nacional convocada para amanhã.

Os delegados sindicais do sector reúnem-se entretanto hoje em plenário nacional descentralizado, para definirem as formas de luta mais adequadas à actual situação.

Governo “está a falhar” objectivos económicos

— diz a *Festru*

A Federação dos Transportes Rodoviários e Urbanos, afectará a CGTP, considerou que «o Governo está a falhar em toda a linha quanto aos proclamados objectivos de política económica».

Num comunicado distribuído a propósito de notícias, segundo as quais o aumento dos preços se verifica ao ritmo de 30 por cento ao ano, a Federação afirma que «a degradação da actividade económica e o agravamento brutal das condições de vida dos portugueses é o que objectivamente tem conseguido este Governo, a mando do FMI».

O mesmo comunicado salienta que «nos primeiros quatro meses de 1984, os preços subiram 9,2 por cento, a uma taxa mensal de 2,2 por cento» sendo esta subida «superior à verificada em idêntico período de 1983».

Situação social agrava-se entre Oeiras e Cascais

— diz a *USL*

«Em Oeiras, Parede e Cascais, a situação social está-se a agravar, em especial no sector hoteleiro» — afirma a União de Sindicatos de Lisboa (USL-CGTP), reportando-se a dados recolhidos num levantamento da situação de 182 empresas do distrito de Lisboa, referentes a 18 sectores de actividade, dos quais 117 empresas têm salários ou subsídios em atraso.

Um comunicado emitido pela USL refere que em Oeiras as situações mais graves vivem-se na Fássio e Lusálite (com repressão aos activistas sindicais), na J. Salles Caldeira (dívidas de subsídio de Natal e Férias de 1983), Fundição de Oeiras (salários em atraso e não cumprimento do contrato), Autosil (sugestão de reformas antecipadas), Medicamenta (tentativa de aplicação do **lay-off**), Iberfar (trabalhadora suspensa com greve às horas extraordinárias por solidariedade).

Em Cascais-Parede, a delegação de sindicatos, detectou uma situação grave com incidência na indústria hoteleira. No Estoril-Sol, Hotel Palácio, Casa de Chá Inglesa, Hotel Atlântico, Hotel Sintra-Estoril, Restaurante Baluarte e Estabelecimentos Narciso, existem desde tentativas de aplicação de **lay-off** (Estoril-Sol, Hotel Palácio), até situações de salários em atraso (Hotel Sintra-Estoril, Restaurante Baluarte, Estabelecimentos Narciso), ou suspensão de trabalhadores (Casa de Chá Inglesa).

No sector têxtil desta zona a Ruobel deve 2000 contos de salários.

Na indústria eléctrica, a Standard Eléctrica tem 220 trabalhadores suspensos e continuam as ameaças de repressão selectiva e sofisticada enquanto a Sipe tem salários em atraso no valor de 37 mil contos e na Vitram se desenvolve a repressão anti-operária.

Os trabalhadores dos Fermentos Holandeses, vêem ainda com preocupação a construção de uma marina que poderá conduzir à liquidação desta empresa.

A USL considera que a situação social, neste como noutras zonas do distrito de Lisboa, «se está a agravar devido à política económica do Governo Soares/Mota Pinto».

Na Direcção-Geral de Recursos Hidráulicos

Há dezenas de trabalhadores que não recebem salários

Trabalhadores da Direcção-Geral de Recursos Hidráulicos não recebem salários desde Janeiro e estão ameaçados no seu direito ao trabalho, afirma a Federação de Sindicatos da Função Pública do Sul.

A situação atinge 86 tarefeiros e mais de 100 trabalhadores que têm laborado mediante um ajuste verbal e que aguardam que os seus contratos sejam visados pelo Tribunal de Contas, «havendo indícios de que terão sido ou serão recusados», diz a Federação.

Os contratos daqueles trabalhadores — acrescenta — alguns dos quais estão há mais de oito anos nesta situação, já foram celebrados em 1984, encontrando-se autorizados pelo Ministério do Equipamento Social e tendo cabimento orçamental.

A federação adianta que no ex-Fundo de Fomento da Habitação, também dependente do Ministério do Equipamento Social, 117 trabalhadores estão a

ser colocados na situação de excedentários, assinalando que os trabalhadores são notificados pela secção de pessoal, não havendo lista elaborada nem sendo dada qualquer justificação.

Considera que o que se está a passar no Ministério do Equipamento Social é «consequência da aplicação conjugada da política imposta pelo Fundo Monetário Internacional (redução das despesas públicas) e do «pacote Almeida Santos» (lay-off na Função Pública)».

A federação «denuncia que enquanto o emprego de milhares de trabalhadores da Administração Pública é posto em causa pelo Governo o Primeiro-Ministro, Mário Soares, recusa-se a receber a comissão organizadora que lhe quer entregar as conclusões aprovadas, no Encontro Nacional pela Estabilidade de Emprego na Função Pública».

Greve na SOPREM

Os trabalhadores da SOPREM — Sociedade de Preservação de

Madeiras — estão em greve desde 8 de Maio devido ao «não pagamento dos salários de Abril e de subsídios de ajudas de custo», revela o sindicato do sector.

Um telex do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Construção de Madeiras, Mármore e Pedreiras do Distrito do Porto acusa o Governo de não tomar medidas no sentido de acabar com «este flagelo que são os salários em atraso».

O comunicado afirma que «a falta de pagamento de ajudas de custo significa que um trabalhador que se desloque em serviço da empresa para montagens de pré-fabricados, tem que custear do seu bolso todas as despesas com alojamento».

«Tais despesas ascendem, no momento, a 40 mil escudos» — acrescenta o texto, assegurando que «a luta vai prosseguir até que a empresa cumpra».

Sindicalistas espancados

Cinco dirigentes sindicais

foram ontem agredidos por desconhecidos junto à entrada da fábrica Algot, na Póvoa de Varzim.

Isto mesmo é denunciado pelo Sindicato do Vestuário que, num documento agora divulgado no Porto, afirma que os sindicalistas iniciavam a distribuição de comunicados sobre a situação dos 180 trabalhadores não readmitidos na empresa.

O grupo agressor — acrescenta a nota sindical — «era chefiado pelo guarda-costas do proprietário da fábrica Algot que, segundo informações colhidas no local, teria pago a quantia de cinquenta mil escudos a cada um dos participantes».

O Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública numa posição sobre o assunto «repudia o cobarde espancamento» e exige o «apuramento total das responsabilidades, a punição dos culpados e a imediata reintegração dos trabalhadores ilegalmente despedidos».

CGTP revela

Em nove anos salário médio real desceu 37,1 por cento

O salário real médio dos trabalhadores portugueses, deduzidos todos os impostos e contribuições, desceu 37,1 por cento entre 1975 e 1984, revela um estudo elaborado pela CGTP-IN.

De acordo com o documento, considerando apenas as deduções dos impostos profissional e complementar, a quebra do poder de compra do salário médio naqueles dez anos será de, pelo menos, 28 por cento.

No estudo, a CGTP garante que entre 1975 e 1984 o salário médio anual líquido passou de 86 500 escudos para 394 8000 escudos, ou seja, subiu 356 por

cento enquanto o índice de preços ao consumidor aumentou 507 por cento no mesmo período.

A central sindical precisa que se tivermos em conta os descontos dos impostos profissional e complementar, o aumento do salário médio naqueles dez anos diminui de 356 para 337 por cento.

A CGTP acrescenta que considerando o peso da totalidade da carga fiscal e parafiscal sobre os salários reais, incluindo o Fundo de Desemprego e Segurança Social, verifica-se que o aumento do salário médio anual entre 1975 e 1984 foi de apenas 281,3 por cento.

Isto significa — sublinha a Intersindical — que o salário real médio deduzidos todos os impostos e contribuições desceu 37,1 por cento em dez anos.

A CGTP adianta que enquanto há dez anos a carga fiscal e parafiscal representava apenas 16,34 por cento do salário médio líquido, este ano representará já cerca de 30 por cento.

O Conselho Nacional da CGTP-IN reúne-se amanhã e sábado, a fim de analisar a actual situação político-sindical. Da agenda de trabalhos consta, de-

Pescadores açorianos contra ‘situações irregulares’

O Sindicato dos Pescadores de Ponta Delgada manifestou-se contra a angariação de marítimos não açorianos para a safra do atum em detrimento de cerca de 60 da ilha de S. Miguel.

A mesma fonte disse estranhar o facto, pois esses pescadores já tinham participado na safra do atum em anos anteriores.

Esta situação deve-se — segundo um documento entregue às autoridades marítimas locais — ao facto de a legislação do sector não estar a ser aplicada no arquipélago.

O documento dirigido à capitania do Porto de Ponta Delgado solicita a aplicação da legislação no que se refere ao recrutamento de marítimos e às escalas de

embarcação.

O Sindicato dos Pescadores considera necessário «pôr cobro às situações irregulares e de gritante injustiça praticadas contra os pescadores açorianos».

A alegada não aplicação da legislação marítima é apontada também como prejudicial aos marítimos do exterior que laboram na região autónoma.



MARIA FERNANDA NOGUEIRA
JORDÃO FERREIRA PINTO
CORREIA LOBO

Participação e Agradecimento

Seu marido, filhos, nora, genros e netos participam o falecimento de sua querida mulher, mãe, sogra e avó e que o seu funeral se realizou no dia 14 de Maio da Igreja de Santo António do Estoril para o Cemitério da Galiza. Agradecem a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-la à sua última morada e que de qualquer modo lhes testemunharam o seu profundo pesar.

Armazéns da EPAC não serão entregues aos privados

As infra-estruturas de armazenamento da Empresa Pública de Abastecimento de Cereais (EPAC) não vão ser entregues aos homens de mão das multinacionais e a outros candidatos à importação de cereais, soube o «DL» de fonte governamental. Ao contrário do que ainda há algumas semanas reivindicavam os grandes produtores cerealíferos, através da sua associação de classe, a futura regulamentação do acesso ao comércio livre de cereais prevê que as capacidades de ensilagem e armazenagem da EPAC poderão ser postas à disposição do sector privado, mas apenas na condição de «meros clientes» e em função das necessidades da própria EPAC.

Tudo indica que ficaram as-

sim goradas, pelo menos por agora, as múltiplas pressões que desde há alguns anos os representantes das grandes multinacionais do comércio de cereais (nomeadamente da Dreyfus, cujo agente em Portugal é Pais de Sousa, um antigo gestor da EPAC e actual assessor do ministro do Comércio), dos grandes industriais de moagem e de rações e ainda dos grandes produtores nacionais vinham desenvolvendo para que os armazéns da EPAC lhe fossem entregues de mão beijada.

De acordo com informações obtidas pelo «DL», a regulamentação do Decreto 67/84, de 24/2, que retira à EPAC o exclusivo do comércio interno de trigo e, sobretudo, concede aos privados uma quota de dez

por cento (para já) no total das importações de cereais, já não sairá a tempo de ser aplicada à próxima campanha cerealífera. O decreto regulamentar em questão encontra-se neste momento, para ratificação, no Ministério das Finanças, para onde foi enviado há cerca de três semanas pelo ministro do Comércio.

O documento foi elaborado por uma comissão interministerial, tendo estado bloqueado durante algum tempo no Ministério da Agricultura. Dos serviços de Ernâni Lopes o diploma deverá ainda seguir para o Ministério da Indústria, donde será finalmente enviado para publicação no «Diário da República».

A aprovação do ministro das Finanças poderá no entanto

demorar ainda algum tempo já que a aplicação de todo o clausulado, sem que sejam criados mecanismos compensatórios da introdução de preços reais, poderá levar a um enorme aumento de todos os derivados dos cereais, desde o pão às massas e às rações, com imediato reflexo nos preços da carne.

As estruturas representativas dos trabalhadores da EPAC e outras entidades, têm repetidamente chamado a atenção para as graves consequências que a entrada em vigor daquela legislação poderá acarretar.

De acordo com as nossas fontes, o decreto regulamentar em questão estabelece as condições de funcionamento da Comissão de Mercados de Ce-

reais, que constituirá a espinha dorsal do futuro mercado livre. A referida Comissão será de natureza «exclusivamente técnica» sendo formada por pessoas dos diferentes Ministérios, «alheias aos agentes económicos com interesses no mercado».

Comentando esta informação, representantes dos trabalhadores da EPAC interrogaram-se sobre se as tais pessoas «alheias aos agentes económicos» incluem «indivíduos como Pais de Sousa e Cardoso e Cunha, que são neste momento conselheiros do ministro do Comércio». Cardoso e Cunha, recorde-se, é o antigo responsável pela pasta da Agricultura no governo AD, que fez a primeira tentativa de liberalizar o comércio de ce-

reais e que, neste momento, volta a estar em causa na Comissão Parlamentar de Inquérito, que há dias tomou posse, e que vai averiguar as eventuais irregularidades que envolveram aquele processo.

A tal Comissão do Mercado de Cereais terá, designadamente, a responsabilidade de regulamentar os mecanismos de funcionamento do mercado livre e de acesso à quota de importação dos 10%. Esta parcela, que mesmo assim representa perto de uma dezena de milhões de contos, é aquela que mais interessa aos agentes económicos privados, que de modo algum poderiam obter com a compra da produção nacional os chorudos lucros que esperam.

J.A.C.

Mário Soares insiste em investimentos suecos

Mais investimentos em Portugal, reclamou ontem Mário Soares junto de empresários suecos, no discurso que proferiu durante o almoço oferecido pela Associação Comercial e Industrial Luso-Sueca.

Mário Soares, que visita a Suécia nos próximos dias 23 e 24, assegurou aos empresários presentes que em Portugal existe estabilidade política e social e que o Governo tem uma perspectiva de legislatura.

«Há condições para aumentar muito o comércio nos dois sentidos», disse, explicando que «à semelhança dos Estados Unidos, em que há o desejo de in-

vestir e transplantar algumas tecnologias e receber os produtos portugueses, os suecos deveriam fazer o mesmo».

Mário Soares revelou que o seu homólogo sueco, Olaf Palme, está interessado em falar sobre a cooperação com a África Austral e a América Latina, onde, frisou, poderão ser criadas empresas tripartidas.

Relativamente à situação social portuguesa, Mário Soares reconheceu haver situações difíceis nas periferias de Lisboa, Porto e Setúbal, mas que não se verificam greves prolongadas ou movimentações que acarretem prejuízos à economia.

«Estamos a consolidar a democracia com as dificuldades que são extensíveis a outros países da Europa do Sul. Assegurando a estabilidade política e social», frisou, acrescentando que «a coligação marcha sem problemas trabalhando na perspectiva alargada de legislatura».

O Primeiro-Ministro afirmou que o Governo está disposto a dar uma maior flexibilidade à legislação laboral, mas considerou que não se pode voltar a uma tradição de 50 anos em Portugal «em que os empresários tinham todos os direitos e os trabalhadores não tinham nenhuns».

Não tem havido greves ou movimentos nas empresas que ponham em causa o desenvolvimento da economia portuguesa e o pedido de instalação de bancos estrangeiros em Portugal é um sinal de confiança no País, sublinhou Mário Soares.

«As regras do jogo estão definidas e ficou para trás um período em que funcionou um certo anarco-populismo», afirmou.

Mário Soares considerou que a actual coligação governamental «marcha muito bem, sem problemas» e que «esta fórmula tem condições de durabilidade para poder resolver os problemas nacionais».

Portugal é o décimo nono entre os grandes devedores

Portugal está em décimo nono lugar entre os vinte maiores países devedores a nível mundial — segundo revelou ontem, em Coimbra, A. Thirlwall, especialista em economia internacional.

Aquele professor da Universidade de Canterbury (Grã-Bretanha) falava no decorrer de um colóquio realizado na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, subordinado ao tema «FMI: Endividamento externo e economia mundial».

Como uma das medidas que poderiam ser adoptadas com o objectivo de aliviar os encargos das dívidas externas, A. Thirlwall preconizou o pagamento do serviço da dívida na própria moeda do País.

«Os meios monetários de cada país seriam reunidos num banco regional dos países devedores e serviriam para financiar as importações efectuadas por esses países» — sugeriu.

Em causa a subida das taxas de juro

“Nunca se cobrou uma dívida estrangulando o devedor”

— reacção dos Governos sul-americanos

O aumento das taxas de juro americanas endureceu as posições dos principais devedores da América Latina (Brasil, México, Argentina e Venezuela) que condenaram a medida pelo efeito perturbador sobre as suas economias e a convivência internacional.

Um segundo facto de importância foi a posição conjunta adoptada pelos quatro governos, através de tomadas de posição oficiais separadas, numa acção sem precedentes desde que estalou a crise de endividamento, em 1982.

Porta-vozes da presidência argentina admitiram ter havido consultas com o governo do Brasil, México e Venezuela, para coordenar a resposta de repúdio ao terceiro aumento de meio ponto no «prime rate» em menos de dois meses.

Fontes bancárias internacionais, com sede em Caracas, advertiram que a reacção convergente dos quatro governos poderia ser o início de futuras acções conjuntas de maior envergadura, tendo em vista obter um melhor tratamento por parte dos credores.

«A política altista nas taxas de juros, fomentada pelos Estados Unidos, poderia levar os países mais afectados a constituir o Clube de Devedores que até agora tinham rejeitado, indicaram fontes consultadas pela IPS.

O temido fantasma duma acção conjunta que havia desaparecido face aos esforços individuais desenvolvidos por cada país para renegociar a dívida externa em melhores condições que os restantes, foi, paradoxalmente, reactivado pela acção unilateral da banca americana.

Numa das decisões mais contestadas, os bancos norte-ame-

ricanos decidiram aumentar em meio ponto o «prime rate» que de 12 passou para 12,5 por cento.

Custos adicionais de 1,25 milhões

O aumento representou um custo adicional de 1.250 milhões de dólares na volumosa dívida externa latino-americana, que ronda os 363 mil milhões de dólares.

A inesperada alta produziu-se na altura em que uma delegação do parlamento latino-americano e do Sistema Económico Latino-Americano (SELA) se encontrava de visita aos Estados Unidos para exigir melhores condições de renegociação da dívida, com prazos mais dilatados e juros mais baixos.

A proposta dos parlamentares fazia finca-pé no tratamento político da dívida externa que põe em perigo a segurança hemisférica, na medida em que as severas condições de pagamento poderiam desencadear convulsões sociais na área.

O Secretário Permanente do SELA, embaixador Sebastian Alegretti, advertiu que o aumento nas taxas de juros «é um duríssimo golpe à capacidade de tolerância» dos países devedores.

Tal posição tem de resto, o apoio dos quatro principais países devedores da região, cujas economias atravessam a sua pior crise, devido ao peso dos compromissos externos que representam 75 por cento do endividamento regional.

O presidente argentino, Raul Alfonsín, comparou o aumento com «uma bomba de neutrões» que deixa vivos os seres humanos mas destrói os seus meios de produção.

Os governos da Venezuela e do Brasil expressaram, em declarações separadas, que o au-

mento constituía um «factor de perturbação» que afecta negativamente não só as economias dos países em desenvolvimento, mas também as nações industrializadas.

O presidente venezuelano, Jaime Lusinchi, qualificou a decisão de «aberrante», lançando ao mesmo tempo um apelo aos centros de capital e aos países credores a fazerem um esforço de cooperação que ponha um limite à carga financeira da dívida.

A declaração mais cautelosa foi a do governo mexicano ao indicar que o aumento afectaria «sensivelmente» os esforços do Terceiro Mundo «para ajustar as suas economias e incrementar as suas exportações».

Informações da Comissão Económica para a América Latina (CEPAL) indicam que a região destinou mais de 35 por cento do valor das suas exportações ao pagamento de juros da dívida, durante 1982-1983.

Esta percentagem, sem precedentes, triplicou a soma registada no quinquénio anterior e superou folgadoamente o coeficiente de 20 por cento considerado como o limite máximo aceitável.

Os aumentos agudos das taxas de juros provocam grandes flutuações conjunturais na conta corrente da balança de pagamentos e encarecem o serviço da dívida, induzindo os bancos credores a restringir a concessão de novos créditos.

Os perigos que comporta um endurecimento nas condições de refinanciamento foram sintetizados pelo parlamento latino-americano ao advertir na sua declaração conjunta que «nunca se cobrou uma dívida estrangulando o devedor».

Susana Pezzano, da IPS



ACTUALIZAÇÃO DO RECENSEAMENTO ELEITORAL

2 a 31 de Maio

Se ainda não está inscrito no recenseamento; se é maior de 18 anos ou se os completa até 31 de Maio,

INSCREVA-SE

Se já está inscrito no recenseamento mas mudou de residência para outra freguesia,

TRANSFIRA A SUA INSCRIÇÃO

Dirija-se para o efeito à Comissão Recenseadora da freguesia onde reside.

DESPORTO

Juventus, 2-FC Porto, 1

Portistas burlados por árbitro 'caseiro'

— 12.º jogador foi determinante

Habilmente montado pelos «tiffosi» italianos, o cenário da 24.ª final da Taça dos Vencedores de Taças teve papel preponderante na decisão da partida, já que o mesmo influenciou (e de que maneira) quer a equipa de arbitragem, quer o guarda Zé Beto. O Estádio de Saint Jacques, em Basileia, mais se assemelhava a um circo romano, com outros ingredientes, é claro, que, na circunstância, «pintaram» um quadro verdadeiramente dantesco, de fazer tremer qualquer mortal.

Adolf Prokop, o árbitro que a UEFA foi buscar à República Democrática Alemã, para dirigir encontro de tamanha responsabilidade, ficou para sempre marcado como o carasco de uma equipa — a do F. C. do Porto — que não merecia sair derrotada da Suíça. Cedo, aliás, o juiz alemão mostrou de que lado estava: para os portistas, era o «chicote» permanente, sempre que punham em perigo as pernas dos multimilionários da Juventus: para estes, que fizeram de Frasco um «bombo de festa», que queimaram tempo por tudo e por nada, que usaram de todas as artimanhas para alcançarem o seu objectivo, uns simples gestos e, apenas, um «amarelo», já no lavar dos céus, a Platini.

O juiz alemão de triste memória não só usou de uma dualidade de critérios no capítulo disciplinar, como proferiu a sentença de morte para os portistas. Independentemente dos lances a meio-campo, onde frequentemente aniquilou as iniciativas dos estreitos das Antas, o sr. Prokop teve dois deslizes em lances capitais que justificavam a sua imediata reforma, caso os «olheiros» da UEFA queiram ser imparciais na sua apreciação. Referimo-nos ao lance do segundo golo italiano, onde se verificou nítida carga de Boniek sobre João Pinto, que não foi sancionada; e depois disso, fez vista grossa a uma «mão» de Scirea, dentro da área de rigor, que a ninguém deixou dúvidas...

A final da Taça dos Vencedores de Taças merecia, na verdade, um árbitro de real categoria e não um homem parcial que deixou uma triste imagem no Estádio de Saint Jacques e não só, já que o encontro foi transmitido para quatro continentes por 73 estações de Televisão. Esperemos que também para a República Democrática Alemã...

Bem vistas as coisas, que peso pode ter o F. C. do Porto na «arena» do futebol europeu, comparado com o da Juventus, cujo patrão é «só, o dono da Fiat»? Depois, claro, surgem comentários como o daquele adepto portista que dizia no final do encontro: «O árbitro e os comparsas, já escusam de ir a pé para casa...». Com a bola a correr dentro das quatro linhas, aí os portistas não ficaram atrás da poderosa formação italiana, que passou praticamente toda a segunda parte encafuada no seu meio-campo, em defesa da magra vantagem, alcançada nas condições já referidas.

De fato-macado e indiferente (excepção para Zé Beto...) ao ambiente de terror forjado pelos «tiffosi» da Juventus, o F. C. do Porto mostrou à Europa que não é uma equipa vulgar, que sabe jogar futebol de qualidade (recorde-se a perfeição da jogada que culminou com o golo de Sousa: Jaime Pacheco centrado da direita, Gomes amoreteceu de cabeça para Jaime Magalhães e este deu para Sousa depois de simular o remate), que tem personalidade e que é capaz de reagir ao infortúnio, mesmo em circunstâncias adversas.

Para os italianos, as coisas não podiam ter corrido melhor: aos 12 minutos, abriam o activo por intermédio de Vignola que, descaído sobre a esquerda, disparou cruzado à entrada da área, batendo Zé Beto de forma que deu a sensação de ter havido «facilidades» por parte do guarda-redes portistas. Se bem que o esférico foi tão colocado que acabou por tabelar na base do poste direito da baliza, antes

de se anichar nas redes. Isto depois de, alguns segundos antes, Gomes ter lançado o pânico na defensiva transalpina, após uma excelente combinação com Frasco e culminada com um remate do «bota de ouro», apertado por Brio (o seu polícia permanente).

Acicatados pelo tento sofrido em contra-pé, os portistas reagiram, instalando-se no meio-campo italiano, mas experimentando certas dificuldades de penetração na muralha italiana, onde Scirea, como «libero», desempenhava um papel importantíssimo. Dificuldades resultantes, em parte, da falta de confiança de Vermelhinho (por duas vezes que teve ensejo de romper a defesa contrária e não acreditou) e por uma certa apatia de Jaime Magalhães que raramente tomou a iniciativa de «furar» pela direita, preferindo jogar mais recuado ou entrar por terrenos onde não está tão rotinado.

Apesar disso, porém, a Juventus tremeu: primeiro à passagem dos 15 minutos, quando Gomes chegou um pouco tarde a um centro de Sousa; e, depois, sete minutos mais tarde, quando Frasco e Vermelhinho hesitaram no tempo de entrada e deixaram que a bola se escapasse para canto, com o guarda italiano batido. A Juventus era, então, uma equipa encolhida que buscava no contra-ataque o antídoto para a pressão portista.

O empate

Até que surgiu o empate. Iam decorridos exactamente 28 minutos. Sousa, também apelidado de «pé canhão», não perdoou e com um remate colocado e «seco» bateu o espadaúdo guarda transalpino. Era o corolário de um esforço colectivo, sublinhado pelo agitar da claqué «azul e branca», ontem em manifestação minoria no Estádio de Saint Jacques. Eram apenas 8 mil cujos incitamentos, apesar de



Sousa: depois do golo!

insistentes, eram facilmente abafados pelo grito colectivo de 40 mil italianos.

Os multimilionários da Juventus acusaram o «toque» e nos minutos que se seguiram ao golo do empate, o FC Porto esteve particularmente em evidência no ataque, forjando algumas situações das quais podia ter resultado novo benefício. Recordamos a propósito aquele livre (33 m) apanhado por Sousa que só pecou por ter saído um pouco alto.

Os italianos sentiram que os «camhões» de liras que tinham à sua espera (cada italiano tinha prometido um prémio de 4500 contos...) corriam perigo e, através desse jovem, que dá pelo nome de Vignola, forjaram um lance de contra-ataque que culminaria com a já mencionada «habilidade» de Boniek, a garantir de forma inesperada e injusta uma vantagem que não condizia com a verdade do jogo.

Qual fera caída no «circo», o FC Porto reagiu soberba-

mente e até ao intervalo — faltavam escassos 5 minutos — fez de novo tremer a «senhora toda poderosa»: Gomes, de cabeça, e Jaime Pacheco, em recarga, ofereceram a Tacconi (o guarda-redes italiano) a possibilidade de brilhar, com duas excelentes defesas que negaram a hipótese de a equipa portuguesa restabelecer a igualdade. Escoava-se assim o primeiro tempo com um resultado manifestamente lisonjeiro para a formação italiana.

Resultado que a Juventus procurou defender a todo o custo, mesmo com o recurso a processos que não quadram muito bem com um conjunto tão «fabuloso»: referimo-nos sobretudo às perdas de tempo em que se mostraram exímios, ante a passividade de um árbitro que, como dissemos, só tinha olhos para um lado. Apesar do congelamento proposto do esférico, os italianos não conseguiram refrear o impeto portista. Uma vez na posse da bola, Frasco, Sousa e Jaime Pacheco levavam o pânico à defensiva contrária, cada vez mais fechada e reforçada. Na frente, apenas Paolo Rossi e, a espaços, também Boniek. Gomes, por duas vezes que teve o golo nos pés, como soi dizer-se, sendo certo que numa delas chegou tarde e na outra errou, por centímetros, o alvo.

Entretanto, António Morais trocou Jaime Magalhães por Walsh (64 m) e o Porto conheceu uma nova dinâmica de jogo, com o irlandês metido em cunha na defesa transalpina, a procurar criar espaços para a entrada de Gomes ou para os remates de Sousa e Jaime Pacheco. Sucederam-se os pontapés de canto contra a Juventus e, na sequência da «pressão» portista, surgiu o tal lance de «mão na bola» de Scirea que o árbitro, apesar de bem colocado, não quis ver.

Com oito minutos para jogar, António Morais lançou para a «mesa» o seu último triunfo: trocou Eduardo Luís por Costa, mas as sucessivas paragens de jogo, aliadas a uma marcação mais cerrada por parte dos italianos, impe-

diram que a mudança surtisse o efeito desejado. Os minutos escoaram-se céleres e no rigor do cronómetro o sr. Adolf Prokop assinava o seu último (esperemos mesmo que seja o último da sua carreira) erro de um encontro que só devia ter visto (quando muito) pela televisão...

Aplausos para os portistas

No relvado de Saint Jacques ficara, entretanto, a recordação de uma exibição de grande nível da equipa portista, uma exibição para recordar nos anais do clube, já que se tratou de um jogo histórico e porque, acima de tudo, foi elevado o prestígio do futebol português que, na competição vertente, já inscreveu o seu nome com letras de ouro — faz precisamente 20 anos — chamdo pelo pé de um «leão» chamado Morais.

Não foi em vão, porém, o esforço portista. A plateia da «Juve» que passou o tempo todo a incentivar os jogadores portugueses e mormente o guarda-redes Zé Beto, acabou por render homenagem ao valor patenteado pelo FC Porto, associando os seus aplausos aos da claqué «azul e branca». Um gesto bonito que fica a constituir «prémio de consolação».

FICHA

Árbitro: Adolf Prokop (RDA).

Juventus: Tacconi; Gentile, Cabrini, Bonini e Brio; Vignola (Caricola, aos 89 m), Scirea, Tardelli e Platini; Rossi e Boniek.

FC Porto: Zé Beto; João Pinto, Lima Pereira, Eurico e Eduardo Luís (Costa, aos 82 m); Jaime Magalhães (Walsh, aos 64 m), Frasco, Sousa e Jaime Pacheco; Gomes e Vermelhinho.

Ao intervalo: 2-1 Marcadores: Vignola (12 m), Sousa (28 m) e Boniek (40 m).

Cartão amarelo: Gomes (42 m), Eduardo Luís (57 m), Lima Pereira (81 m) e Platini (86 m).



António Morais: actuação do árbitro foi desastrosa. Merecíamos ganhar

António Morais, o técnico do FC Porto, disse no final do jogo que «se no futebol houvesse sempre justiça, seríamos nós a ganhar a Taça dos Vencedores das Taças».

Morais estava visivelmente desgostoso, no termo da final que a Juventus venceu por 2-1.

O técnico nortenho considerou que «as próprias contingências do jogo fizeram-nos perder a final» e acusou o árbitro de não assinalar duas grandes penalidades contra a Juventus, uma em cada parte do encontro.

«Uma final destas merecia um árbitro de maior categoria», disse Morais, classificando a actuação de Adolf Prokop, da RDA, de «desastrosa».

Para António Morais, a superioridade da equipa do FC Porto foi evidente em todo o encontro e em todos os aspectos. «Mostrámos ser uma grande equipa», disse.

O técnico do Porto sublinhou ainda o esforço e o rendimento de todos os seus jogadores e, na equipa da Juventus, destacou Platini e a eficácia da defesa.



Lima Pereira chegou «quase sempre» para Boniek e seus companheiros

DESPORTO

Eusébio na festa da FIFA

O português Eusébio integra uma equipa de velhas glórias do futebol mundial no encontro de amanhã com uma turma de antigos jogadores do Zurique, integrado nas comemorações da FIFA.

A Federação Internacional de Futebol, a comemorar o octogésimo aniversário, realiza uma série de festividades a partir de sexta-feira que terminam terça-feira com um encontro entre os finalistas do Mundial-82: Itália, campeã, e Alemanha Federal.

No sábado realiza-se o quadragésimo quarto congresso da FIFA, no qual vai ser decidido o local do Mundial-90. Dois países concorreram - Itália e URSS - mas não é crível que a FIFA vá conceder o privilégio aos soviéticos, depois do boicote aos Jogos Olímpicos de Los Angeles.

A equipa de velhas glórias da FIFA conta com os guarda-redes Dino Zoff (Itália) e Blagoje Vidinic (Jugoslávia), os defesas e médios Giacinto Facchetti (Itália), Josef Masopust (Checoslováquia), Sandro Mazzola (Itália), Bjoern Nordqvist (Suécia), Wolfgang Overath (RFA), José Piri (Espanha) e os avançados Paul Van Hilst (Bélgica), Eusébio (Portugal), Florian Albert (Hungria), Giorgio Chinaglia (Itália), Carlos Rexach (Espanha), Jairzinho (Brasil) e provavelmente Pelé.

Na ocasião, a FIFA vai condecorar sete personalidades já retiradas pela sua contribuição para o futebol: Pepel, Bobby Charlton, Fanz Beckenbauer, Dino Zoff (jogadores), Helmut Schoen (técnico), e Stanley Rous e Mihailo Andrejevic (Dirigentes).

Conhecidos os 20 para a Europa

Fernando Cabrita afirmou que, da «melhor escolha entre as possíveis» resultou a lista de 20 convocados anunciada para a selecção portuguesa de futebol que em Junho disputará o campeonato da Europa, em França.

Cabrita, um dos quatro elementos da comissão técnica que orienta a selecção, juntamente com Toni, António Morais e José Augusto, assinalou:

«Escolhemos os que se encontram no melhor momento de forma e nas melhores condições de disputar o europeu».

«A escolha - acrescentou - foi feita após ponderação madura e reflectida de toda a comissão técnica, dentro do bom senso que caracteriza as suas decisões».

Dez jogadores do FC Porto, oito do Benfica, um do Portimonense e outro do Sporting formam o lote definitivo de 20 jogadores.

Da linha do FC Porto que actuou de início, ontem, na final da Taça das Taças, só não foi chamado Jaime Magalhães.

As três opções para a baliza são o benfiquista Bento, o portista Zé Beto e Damas, do Portimonense.

Na defesa, foi chamada toda a

O lote definitivo

GUARDA-REDES — Bento (Benfica), Zé Beto (FC Porto), Damas (Portimonense)

DEFESAS — João Pinto, Eurico, Lima Pereira e Eduardo Luís (FC Porto), Álvaro e António Bastos Lopes (Benfica).

MÉDIOS — Jaime Pacheco, Frasco e Sousa (FC Porto), Carlos Manuel, Chalana e Veloso (Benfica).

AVANÇADOS — Gomes e Vermelhinho (FC Porto), Nenê e Diamantino (Benfica) e Jordão (Sporting).

linha recuada do FC Porto — João Pinto, Eurico, Lima Pereira e Eduardo Luís —, e os benfiquistas Álvaro e António Bastos Lopes.

No meio campo, a divisão FC Porto-Benfica é de 50 por cento para cada lado, com Jaime Pacheco, Frasco e Sousa pelos «azuis e brancos» e Carlos Manuel, Chalana e Veloso pelos «encarnados».

No ataque, aos três melhores marcadores do campeonato que terminou domingo, Gomes (FC Porto) e Nenê e Diamantino (Benfica), juntam-se o sportinguista Jordão e o portista Verme-

linho.

A concentração de todos os convocados, com excepção dos do FC Porto, far-se-á sábado.

Instalados em Palmela, os futebolistas efectuarão testes físicos no Centro de Educação Física da Armada, no Alfeite, domingo e segunda-feira.

Neste dia, à noite, juntar-se-ão aos seus companheiros os homens do FC Porto, que passarão pelos mesmos testes na terça-feira.

Para os treinos, serão utilizados em princípio os Estádios Nacional e do Bonfim.

Firmino Miguel diz: no Sporting só sócio

O general Firmino Miguel, vice-chefe do Estado-Maior do Exército, negou à agência NP, a possibilidade de se candidatar à presidência da assembleia geral do Sporting, na lista encabeçada por Marcelino de Brito, em oposição a João Rocha.

«Não fui formalmente convidado para me candidatar, mas apercebi-me de que havia um movimento nesse sentido», disse Firmino Miguel, para acrescentar que «desde logo fiz saber que não estava interessado no lugar».

«A minha vida profissional e a minha amizade para com João Rocha não me permitem ocupar no Sporting lugares de responsabilidade», afirmou o vice-chefe do Estado-Maior do Exército.

«Sou sócio do Sporting, gosto muito do Sporting, considero que

as pessoas se devem dedicar ao clube, mas eu pessoalmente não me posso envolver devido às responsabilidades que tenho na vida militar», precisou.

A lista oficial, liderada por João Rocha, conta com o apoio do conselho leonino, órgão máximo do clube, e inclui Emídio Pinheiro, ex-deputado do CDS, na presidência da assembleia geral.

Marcelino de Brito lidera a lista de oposição aos actuais corpos gerentes nas eleições que se realizam em Junho.

João Rocha, presidente da direcção há 10 anos, reúne o favoritismo, não só pelo trabalho realizado ao longo do período de gerência, como também pelos apoios de que desfruta.

Marcelino de Brito conta, por seu turno, com o apoio dos antigos dirigentes do clube, Brás Medeiros e Cazal Ribeiro.

Miranda Calha no Conselho da Europa

O secretário de Estado dos Desportos, Miranda Calha, defendeu na reunião do Conselho da Europa o reforço da prevenção, particularmente nas escolas, da violência no desporto.

O representante português na Quarta Conferência dos Ministros dos Desportos do Conselho da Europa, que ontem terminou em La Valetta, Malta, apoiou as posições britânicas sobre a questão da violência no desporto.

O ministro britânico, Neil McFarlane, segundo o relato da agência EFE, expôs ao conselho as diligências em curso no seu país, ao mesmo tempo que, tal como o ministro francês, solicitou de Governos e entidades desportivas fortes medidas para combater a violência no desporto.

Miranda Calha pôs em relevo o papel do Comité de Desenvolvimento do Desporto do Conselho da Europa, defendendo a necessidade de melhorar os modelos de intervenção desta estrutura em estreita cooperação com as organizações não governamentais.

O secretário de Estado português propôs ainda a institucionalização de um quadro de conferências ministeriais ou reuniões informais que permita um maior acompanhamento do desenvolvimento das resoluções tomadas e das situações políticas ou desportivas.

Em termos globais, a conferência, sobre o ponto da agenda relativa à violência no desporto, pediu a máxima colaboração à UEFA, por ser o futebol a modalidade onde se regista maior número de incidentes. Miranda Calha iniciou hoje, em Roma, uma visita oficial de três dias à Itália, durante a qual se reunirá com o presidente e o secretário-geral do Comité Olímpico Italiano, estrutura que superintende no desporto trasalpino.

Cosmos convida Sporting

A equipa de futebol do Sporting recebeu um convite para defrontar a turma norte-americana do Cosmos no dia 22 de Agosto em Nova Iorque.

O convite surgiu após uma recusa da selecção da Argentina em defrontar a turma norte-americana na data referida.

«É a primeira vez que um clube português é convidado a jogar com o Cosmos em Nova Iorque».

«O Sporting sente-se honrado pelo convite e vai fazer o possível por corresponder aos anseios do clube norte-americano», disse uma fonte do clube de Alvalade.

A turma principal de futebol do Sporting tem já assegurada uma digressão aos Estados Unidos em Junho, jogando em São José e San Francisco a 17, com o Earthquakes.

A direcção do Sporting estuda ainda a hipótese de disputar mais um jogo nos Estados Unidos (costa atlântica) e outro no Canadá.

Críticas à selecção espanhola

O optimismo do seleccionador espanhol de futebol, Miguel Muñoz, foi posto em dúvida pelos comentadores do país, para quem o conjunto para o europeu, apresentado terça-feira, enforma dos mesmos defeitos que originaram o fracasso do Mundial-82.

Munoz, que «sacrificou» bastantes jogadores habituais por elementos com muito mais juventude mas também com menos experiência, não considera em nada a linha habitual do futebol espanhol», escreveu um crítico...

Nestas condições, afirma a selecção nacional espanhola (adversária de Portugal no Europeu)

«tem por base a boa-vontade com um mínimo de técnica, mas está longe de oferecer um grande jogo ou um bom espectáculo».

A defesa da selecção nacional tem «um certo nível» que contrasta com «a ausência quase total de poder de ataque, ainda que o duo Camacho - Gordillo tente o impossível em todos os encontros dentro da sua posição de laterais».

Camacho e Gordillo, tal como prevê Miguel Muñoz, poderão ser dois homens fundamentais na defesa e no ataque, ainda que o seleccionador tenha depositado toda a sua confiança no ataque em Santillana.

Mas Miguel Muñoz continua a sentir a ausência total de dois bons extremos, sem que se possa adivinhar a possibilidade de os vir a encontrar. No entanto, manifesta confiança na selecção, formada por um conjunto de homens que fisicamente — assinalou — estão ao nível de qualquer equipa europeia.

Apesar de instado pela imprensa a fazê-lo, o seleccionador nacional espanhol não quer definir a sua tática no europeu.

Limita-se a salientar que algumas vezes poderá ser o quatro-quatro-dois, mas às vezes poderá ser também com seis avançados. O que eu pretendo é que tanto

Gordillo como Senor, que deve jogar como teórico extremo entrem pela linha lateral para destruir os esquemas de defesa dos adversários».

Miguel Muñoz disse também que «jogar com dois avançados pode dar bons resultados, sobretudo com Rincon e Santillana, pois são dois homens que podem dar muito rendimento, mas para isso, devemos entrar bastante pelos extremos».

A linha base da selecção espanhola deverá ser:

Arconada, Urquiza, Maceda, Goicochea, Camacho, Senor, Muñoz, Francisco Lopes, Gordillo, Santillana e Rincon.

assim vai o totobola

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 20 DE 20 DE MAIO DE 1984

A Cor do Som: 2X1 111 12X 1111; Janela Aberta: 21X 12X 1XX 1X1X; Pontapé de Canto: X12 2XX 12X 122X; Gazeta de Felgueiras: X1X 211 112 2X11; Sábado Livre: 11X 1X2 21X XX12; Clube do Ar: 111 111 111 1121; Rádio Totobola: 112 XX1 121 12XX; O Distrito de Setúbal: 1X2 21X 111 2122; O Diário: 1X2 2X2 111 2X21; Correio de Coimbra: 112 221 111 1221; Correio do Vouga: 111 111 221 1X11; Defesa de Espinho: X12 1X1 1X1 XXX1; Jornal a Defesa: 1XX 11X 2X1 1221; Diário de Lisboa: 112 221 111 12X1; Diário do Porto: 112 111 111 1111; O Distrito de Portalegre: 112 211 1XX 1221; Ecos do Cacia: 112 121 1X1 12X1; Eu Sei Tudo: X1X 1X1 1X1 2X1X; Folha do Domingo: 112 X11 111 XX12; Jornal da Beira: 112 211 111 1221; Jornal do Fundão: 112 X1X 11X 121X; O Jornal da Lixa: 112 21X 111 1222; Jornal de Santo Tirso: 11X XX1 121 1111; Jornal de Sintra: 1X2 111 111 221X; Man-

chete Desportiva: 111 11X 12X 1X11; Maria da Fonte: 112 2X1 1X1 2211; Notícias de Chaves: 11X 221 1X1 22XX; Notícias do Douro: 112 X11 111 XX11; Notícias de Felgueiras: 11X 2X1 1X1 22X1; Notícias de Gouveia: 112 2X1 111 1X11; Notícias de Guimarães: 112 211 1X1 2221; Pernalta: 211 111 121 1211; Rádio Altitude: 11X 2X1 111 1X11; Reconquista: 111 X11 111 1212; Ritmo e Amizade: 112 111 111 1211; RDP/Secção Desportiva: 112 221 122 1211; Jornal «A Voz das Beiras»: 11X 111 1X1 1X11; RDP/Centro-Desporto em Análise: X1X 211 1X1 2X21; A Voz do Domingo: 112 X11 1X1 1111; Voz de Lamego: 112 11X 111 1111; RDP/Tempo de Desporto: 212 1X1 1XX 1221; O Mensageiro: 11X X11 121 2X21; Música e Não Só: 11X 111 2X2X1; Jornal do Sul: 1X2 21X 1X1 2211; Bola Branca: 112 111 122 1X21; O Jornal de Amarante: 112 111 121 22X1; RDP/Clube da Manhã: 212 221 12X 12X1;

RDP/Manhã Manhã: X21 X21 122 12X1; O País: 212 122 121 122X; Jornal Linhas de Elvas: 112 2X1 111 221X; Jornal a Ordem: 112 2XX 111 2X21; O Algarve: 112 2X1 122 X111; A Voz de Palmela: X12 2XX 111 2211; Jornal «O Dia»: 112 21X X11 2221; Alvo Desportivo: 111 X1X 111 1111; Estúdio 64: 12X 11X 1X1 2121; Jornal da Graça: 212 1X1 112 1221; Jornal de Notícias: 112 222 121 2X21; O Primeiro de Janeiro: 112 1X1 1X2 1221; Quadrante Norte: 112 111 11X 12X1; Rádio Alvo: X1X 1X1 1X1 XXXX; Rádio Placard: 111 111 111 1111; Rádio Sports: 112 211 111 1111; Repórter do Dia: 212 XX1 1X1 2X21; Resenha Desportiva: X1X 12X 1X1 1221; A Voz dos Ridículos: 11X 111 1X1 2121; Jornal Voz do Ave: 11X 211 111 1X11; Notícias da Tarde: 11X 2X1 121 12X1; Alvo: 212 XX1 1X1 2X2X; Alvo Suplemento: 111 12X 121 1X11; Jornal de Gaia: 11X 2XX 111 X211.

	R	E	S	U	M	O	B	O	L	A	S
		1	X	2				1	X	2	
1. OFFENBACH - BRAUNSCHWEIG	53	9	9					10	1	1	
2. HAMBURGO - E. FRANCFORT	64	6	1					10	1	1	
3. DORTMUND - BAYERN MUNIQUE	9	20	42					1	3	8	
4. UERDINGEN - COLÓNIA	30	13	28					5	2	5	
5. B. LEVERKUSEN - M'LDADBACH	36	22	13					6	4	2	
6. BIELEFELD - BOCHUM	50	17	4					8	3	1	
7. DUSSELDORF - MANHEIM	65	4	2					10	1	1	
8. BREMEN - ESTUGARDA	30	21	20					5	4	3	
9. BASILEIA - ST. GALLEN	52	10	9					9	2	1	
10. CHAUX-DE-FONDS - LUCERNA	42	18	11					8	3	1	
11. CHIASSO - ZURIQUE	15	16	40					3	3	6	
12. LAUSANA - NEUCHÂTEL	34	16	21					6	2	4	
13. SERVETTE - YOUNG BOYS	54	11	6					10	1	1	

a) - Nos termos do Artº 14º, do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
112 111 111 1211

Se os jovens pudessem...



Alzira Pinto
22 anos
à procura do primeiro emprego

“Não vale a pena desesperar”

- Há quanto tempo procura emprego?
- Desde há dois anos.
- Foi quando deixou de estudar?
- Foi.
- Durante este tempo, procurou sempre trabalho?
- Sempre.
- Tem alguma preferência particular?
- Oh, não! Empregada de balcão ou outra coisa qualquer que me desse possibilidade de pensar noutras coisas...
- Como tem conseguido sobreviver ao longo deste tempo?
- Estou a viver em casa dos meus pais... Sem eles, não conseguia.
- E eles como encaram a situação?
- Tem que ter paciência!...
- Conhece muita gente na sua condição?
- Bastantes pessoas, sim, que não conseguem arranjar emprego.
- Esperava encontrar todas estas dificuldades?
- Esperar, esperava, mas dois anos...
- Porque acha que as coisas são assim no nosso País?
- Bem, é porque há poucos postos de trabalho e muita gente à procura de emprego...
- Continuar a estudar deixou de lhe interessar totalmente?
- Gostava de tirar um curso superior de História, mas não de imediato...
- Já pensou alguma vez como é que podia ser resolvido o problema do desemprego em Portugal?
- Não, não pensei, não sei... não sei...
- E como encara o seu futuro imediato?
- O futuro... ele pede experiência, mas isso é uma coisa que a escola não dá, essa preparação...
- Como passa o seu tempo?
- Em casa, a fazer as coisas da casa...
- Só?
- Não! Leio, ouço música, leio jornais à procura de emprego...
- Mas fazer isso durante dois anos não torna o seu quotidiano monótono?
- Isso é verdade, mas vou fazendo coisas que me dão prazer...
- Por exemplo?
- Ler obras policiais, romances de escritores portugueses e também estrangeiros...
- O que lhe sugerem as pessoas velhas?
- Pessoas velhas? Mas eu sou uma pessoa nova...
- E a gente nova?...
- Dou-me bem com as pessoas novas, e isso é natural, não?
- Considera que existe um fosso entre gerações?
- Pelo menos entre a minha e a terceira geração... Mas isso é natural, pois eles vivem num tempo, e eu noutro.
- Como caracterizaria esse “seu” tempo?
- É melhor do que o deles, mais aberto em todos os aspectos...
- Mesmo com tanto desemprego?...
- Eu acho que não vale a pena desesperar...

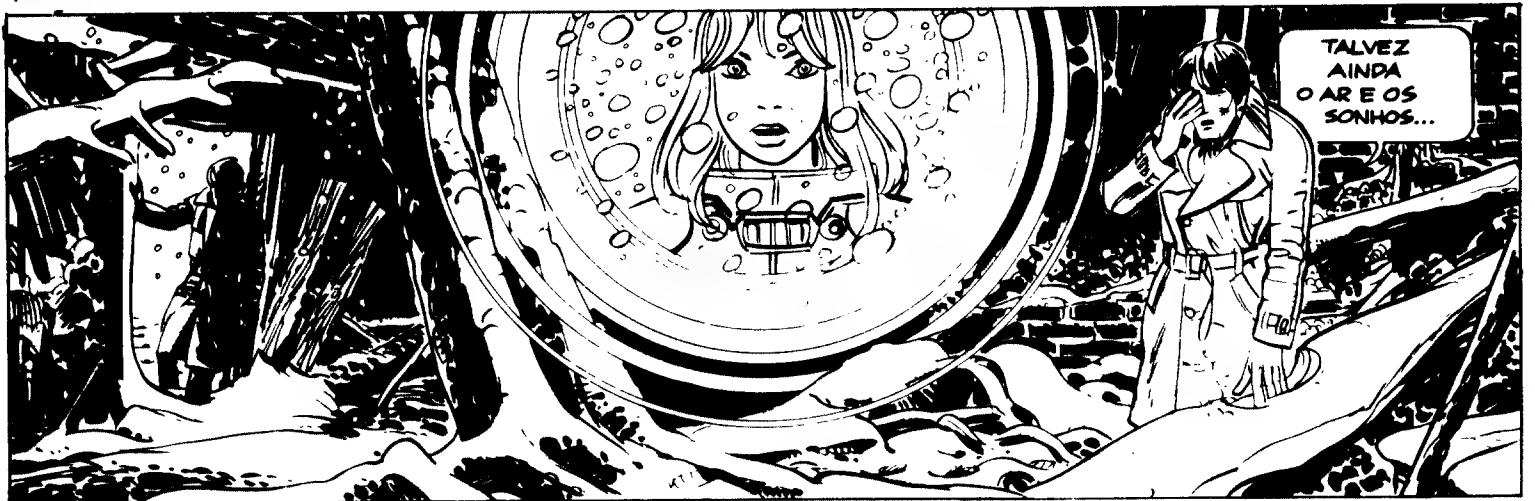
C.P.

Uma aventura de Valerian... e Laureline

BROOKLYN STATION, TERMINUS COSMOS

Mezieres
Christin

34



Copyright Dargaud/Meribérica

CONTINUA

Proprietária da casa onde Hitler nasceu quer que a deixem em paz

Gerlinde Pommer, 34 anos, tem um desejo fundamental: que a deixem viver em paz em sua casa que, por coincidência, foi a mesma onde o ditador Adolf Hitler viu a luz pela primeira vez.

A casa, propriedade há três gerações da família de Pommer, situa-se no centro da povoação fronteiriça austríaca de Braunau Am Inn.

Foi nesta residência que, em 1889, nasceu Hitler, filho de um funcionário alfandegário, aí per-

manecendo durante seis meses, até seu pai ser transferido para outro destino.

Pouco após a segunda guerra mundial e a derrota total do nazismo, começaram a chegar à família Pommer pedidos quer de simpatizantes quer de opositores do nacional socialismo, acerca da casa onde Hitler nasceu.

Os primeiros queriam criar um museu que recordasse as «proezas» do defunto ditador.

Prémios “Veterinário do Ano” entregues em Salamanca

Apolinário Vaz Portugal receberá sábado, em Salamanca, o prémio «Veterinário do Ano» no dia de evocação daquela especialidade clínica.

A cerimónia evocativa decorrerá na Universidade de Salamanca e o elogio do agraciado será feito por Luís Mardones Sevilla, ex-subsecretário de Estado da Agricultura e deputado.

Na mesma altura, receberão também o prémio «Veterinário do Ano» Carlos Luís de Cuenca, e Juan Francisco Figueiroa Infante.

Rapaz suicida-se por não ter uma bicicleta nova

Um rapaz de 10 anos enforcou-se nas vigas da sua casa depois de a mãe lhe ter dito que não podia ter uma nova bicicleta, revelou hoje a polícia de Ansbach.

Um porta-voz da polícia na localidade bávara de Ansbach, perto de Nuremberga, disse que o rapaz discutiu com a mãe domingo à noite. Ela disse-lhe que não tinha dinheiro para lhe comprar uma nova bicicleta e ele ameaçou matar-se.

No dia seguinte, de manhã cedo, o rapaz foi encontrado morto, enforcado, pendendo das vigas.

Vírus da SIDA pode ser detectado no sangue doado

A Cruz Vermelha norte-americana começará dentro de seis meses a fazer uma análise simples para determinar a possível presença de vírus de SIDA em sangue doado, disse o presidente da organização.

Em conferência de Imprensa, Richard Schubert anunciou que terá início, dentro das próximas semanas, uma avaliação das análises de sangue para o SIDA.

«Estes estudos são essenciais para garantir a eficiência da análise e a sua adaptação para a identificação de rotina de sangue que possa conter vírus relacionados com o SIDA», afirmou.

A análise tornou-se possível graças à descoberta, tanto em França como nos Estados Unidos, de um vírus que se julga ser o causador da doença que ataca as defesas do organismo contra infecções.

O Instituto Nacional do Cancro, dos Estados Unidos, disse recentemente que uma vacina contra o SIDA poderá estar pronta para ser testada em seres humanos dentro de dois anos.

É já amanhã

Grande Noite do Fado o espectáculo do ano

Com uma história iniciada em 1953, quando uma jovem saltou do anonimato para o profissionalismo (Esmeralda Amoedo) a «Grande Noite do Fado» tem sido, progressivamente, um motivo de orgulho para a Casa da Imprensa, porque em cada ano vai ofuscando o brilho anterior conseguindo sempre novos motivos de atracção e interesse para quantos não perdem o «show» da temporada, sempre na prestigiada sala do Coliseu dos Recreios, autêntica catedral do espectáculo internacional.

Na próxima 6.ª feira, a 19.ª edição do certame que, aberto a fadistas amadores que se apresentaram nas eliminatórias em representação de colectividades populares, ou a título individual, é o degrau de acesso a uma carreira, que promete tocar o cume: um notável elenco artístico e largo somatório de atracções estão no cartaz da noite inesquecível.

Por inteira justiça lembremos os fadistas amadores que foram seleccionados entre cerca de duas centenas, para disputar valiosos prémios instituídos pelo «Correio da Manhã»: 5 - Ricardo José Filipe - Individual, 7 - Fernando Manuel Bastos Martins Henriques - Individual, 9 - Maria de São Pedro M. Figueiredo - Tejolense Atlético Clube, 10 - José Rosa Cunha - Individual, 15 - Cristina Maria Martinho da Silva Santos - Clube Artis, Comer. Torres Vedras, 16 - Carlos Alberto Muge de Almeida - Sport Benfica Corvense, 19 - Augusto Dias Ferreira - Individual, 20 - José Manuel Lopes Figueiras - Individual, 21 - João Carlos Nunes Roque - Academia Recreio Artístico, 23 - José Tereso Bernardo - Clube Recreativo Juventude Chelense, 24 - Rui Manuel Pinto Batista - Individual, 29 - Maria de Jesus Pinho da Silva Anício - Grupo Desportivo Porto Santo, 31 - Euclides Gonçalves Alves - Individual, 32 - António Augusto da Silva - Grupo Excursionista «Vai Tu», 33 - Adélia Ribeiro - Quinta da Lomba, 36 - Sara Maria dos Reis Francisco de Matos - Esperança Atlético Clube, 37 - Carlos Alberto Saraiva - Esperança Atlético

Clube, 40 - António Manuel Sape - Individual, 42 - José Fernando de Oliveira Ferreira - Individual, 45 - Maria Leonor Júlio dos Santos - Individual, 47 - Armando Ribeiro Gomes - Soc. Filarmónica Alunos Esperança, 51 - Maria Fátima da Silva M. Fernandes - Grupo Excursionista «Vai Tu», 52 - Maria Inês Marques Rocha - Grupo Excursionista «Vai Tu», 53 - José Emanuel Pereira Montes Palma - Grupo Excursionista «Vai Tu», 55 - Cecília de Fátima Gonçalves da Conceição - Individual, 57 - Jorge Manuel Patrício Gambôia - Independente Futebol Clube Torrense, 58 - Emília da Conceição Marques Campos - Individual, 59 - Ana Paula Antunes da Silva - Clube Desportivo Leais da Beira, 60 - Luís Nuno da Silva - Clube Desportivo Leais da Beira, 61 - Herculano José Frago Ventura - Clube Desportivo da Graça, 62 - Álvaro Augusto Oliveira Santos - Clube Desportivo da Graça, 64 - António José Proença Faria da Conceição - Grupo Desportivo da Mouraria, 66 - Américo Sousa Felício - Grupo Desportivo da Mouraria, 69 - José Alexandre Gomes de Jesus - Esperança Atlético Clube, 70 - Natalino Gomes de Jesus - Grupo Desportivo da Mouraria, 74 - Jorge Manuel Oliveira Coelho - Recreativo Águias da Musgueira, 78 - Vítor Manuel Lemos Alves - Grupo Desportivo do Castelo, 79 - Maria Helena Domingos Lemos - Grupo Desportivo do Castelo, 83 - João Manuel Azevedo Dias - Cruzeirense Atlético Clube, 84 - Maria Clara de Pinho Maia - Ovarense, 85 - Marinela dos Santos Moreira - Beira-Mar

SUPLENTE

39 - Carlos Timóteo Avelar - Clube Artis. Comer. Torres Vedras, 46 - Jaime Glória Dias - Concentração Musical 1 de Junho de 1914, 72 - Georgina Maria Lopes Oliveira Dias - Individual, 4 - Ana Maria Romão de Oliveira - Clube Desportivo Leais da Beira, 63 - Maria Manuela Matos Barradas - Clube Desportivo da Graça, 25 - Joaquim Carvalho Francisco - Soc.

Filarmónica Alunos Apolo, 68 - José de Jesus Patrício - Casa da Covilhã, 41 - João Arménico da Conceição - Clube Recreativo Juventude Chelense, 2 - Augusto Ribeiro Pinho - Individual

JOVENS CONCORRENTES

75 - Jorge Manuel Rodrigues Silva - Recre. Águias da Musgueira, 67 - Filipe Jorge Alves Gomes de Jesus - Atlé. Esperança Clube, 50 - Lígia Maria Madrugo F. da Silva - Grupo Excr. «Vai Tu», 43 - Liliana Andreia Pereira Alves - Individual, 34 - Paulo Jorge Rodrigues Soares - Grupo Recreativo da Quinta da Lomba

Pela primeira vez Carlos do Carmo

O acompanhamento destes artistas em embrião será feito por um quarteto de guitarristas: Fernando Alcobia, Manuel Domingos, Edgar Nogueira e Pedro Nóbrega.

O elenco de nomes profissionais que, muito simpaticamente, aderiram ao convite dos jornalistas portugueses para participarem na sua festa anual é do mais fino quilate.

E, regista-se que, pela 1.ª vez, Carlos do Carmo vai cantar numa «Grande Noite do Fado», algumas das suas mais belas interpretações terão suporte musical dos guitarristas Arménio de Melo e Pedro Nóbrega e, ainda, Fernando Correia Martins (baixo electrónico). A seu lado, num desfile magnífico, vão estar: Ada de Castro, Artur Batalha, Cândida Branca Flor, Camané, Camacho Costa, Carlos Miguel, Carlos Zel, Deolinda Maria, Esmeralda Amoedo, Fernando Mauricio, Henrique Viana, Io Apolloni, Ivone Silva, Janita Salomé, Joel Branco, Jorge Fontes, Lenita Gentil, Luísa Barbosa, Manuel de Almeida, Maria Vieira, Marina Mota, Maria Armada, Paulo Alexandre, Rosa Maria, Rita Ribeiro, Simone, Suzy Paula, Teté, Tília Maria, Tony de Matos, Vasco Rafael e Vitorino. As Doce, Banda Tribo, Conjunto Margem Sul, Duo Ouro Negro e

«Raízes», os pequenos Nuno e Henrique, Quinteto Português de Harmónicas, Sérgio e Madi e Trio Odemira. Igualmente teremos belos momentos de «travesti»: Lydia Barloff, Susy Sweet, Doly Phenix, Belle Dominique e o «show» do «Finalmente Clube» (com Armando Teixeira). E para além da homenagem da Casa da Imprensa ao Clube de Futebol «Os Belenenses» (em hora ímpar volta ao conjunto dos maiores do futebol português) serão entre galarções a personalidades que, em vários campos de actividades, se distinguiram no ano transacto. «Prémios de prestígio» vão ser conferidos a Carlos Cruz, Maria da Fé, Fernando Correia, Adelaide João, Carlos Lopes, Maria da Graça, Mello Pereira, Eunice Muñoz, Fernando Dacosta, Helena Roseta e o futebolista Fernando Gomes (que expressamente para saudar Lisboa estará no Coliseu dos Recreios). Por seu turno, troféus «Popularidade» vão para Júlio Isidro, Rosa Mota, Marco Paulo, Irene Cruz, Eriksson, Paco Bandeira, Nicolau Breyner, António Sala, Herman José, Carlos Pinto Coelho/Mário Zambujal/José Nuno Martins, Fernando Cabrita e Coro Santo Amaro de Oeiras.

Por seu lado, Carlos do Carmo é distinguido com o «Prémio Ary dos Santos», Mário Viegas com o «Prémio Pedro Homem de Mello», o empresário Américo Covões com o «Prémio Espectáculo» e a cançonetista Maria Guinot com o «Especial-TV», que lhe será entregue por Armando Gama.

Mas, isto não é tudo: na «Grande Noite do Fado» também haverá lugar para o desfile dos sensacionais manequins que vão apresentar a «moda para o Povo». Um momento inédito dentro de uma organização que promete, já para amanhã, a divulgação de dois momentos espectaculares e de brilhante parada de locutores que, na próxima 6.ª feira, ficam de braço dado com os jornalistas no «espectáculo do ano».

Resta indicar que os poucos bilhetes que restam estão à venda no Coliseu dos Recreios.

SITU — Coimbra-ano IV O lado não do Festival

Um movimento de mau humor da minha vesícula impediu-me de ver dois espectáculos: «Quem tem medo de Virgínia Woolf?», de Edward Albee, pelo Grupo da Academia de Artes Teatrais e Dramáticas de Bratislava, o outro grupo checoslovaco presente na SITU, e «Discurso sobre a cidade», pela Gretua da Universidade de Aveiro.

Ainda tentei ver o espectáculo do Grupo de Bratislava mas ao fim de vinte minutos, vi-me obrigado a desistir. Mesmo a fingir o uísque que as personagens eram obrigadas a ingerir acabou-me com o resto da disponibilidade. No entanto o espectáculo estava a interessar-me sob o ponto de vista do trabalho dos actores que me pareceram capazes de agarrar as personagens de Albee e as situações de «climax» que vão sucessivamente sofrendo. Embora houvesse talvez da sua parte um jogo excessivamente sobrecarregado. Cenário pífio com relevo para uma pintura valorizada pela iluminação (talvez um Polack) e por uma rede que rodeava o espaço interior. Tratar-se-ia de perspectivar o drama no sentido de uma história de galinheiro? É possível.

Quanto ao espectáculo do grupo de Aveiro, criação colectiva orientada por Isabel Alves Costa, trata-se do segundo trabalho do grupo e tem como ponto de partida uma notícia sobre a contaminação provocada pelos materiais plásticos que cercam a envenenam o nosso quotidiano. O espectáculo é constituído por uma colagem de textos de Daniel Filipe, Emma Santos, Júlio Dias Gomes, do próprio grupo, etc. Espero poder vê-lo um dia qualquer em qualquer sítio.

Um, dois equívocos

Falemos então do Grupo de Teatro da Escola das Belas-Artes de Lisboa (ESBAL), ao que se diz no programa, constituído por dois subgrupos, ambos orientados pelo «Mascara-Teatro de Grupo». Apresentaram já dois espectáculos, que não vi, e trouxeram à SITU — duas novas criações(?)

O primeiro espectáculo, com o título «Musi-hall» era constituído por um conjunto descosido de «sketches» que não ultrapassavam o nível primário da recitação escolar de fim-de-ano. O segundo com o título «Ficção-científica», navegava pelas mesmas águas. A dúvida que se pode pôr é esta: qual deles seria o pior? A primeira observação a fazer é a seguinte: estes dois espectáculos,

para assim lhes chamar, e apesar de serem dois, reflectem uma grande preguiça como se componentes dos subgrupos pensassem que o teatro nasce por geração espontânea. Isto é, sem um trabalho prévio de reflexão, de preparação, de apuro, de esforço sobre as tábuas, que naturalmente cansa. Pode dizer-se que alguém teve uma ou duas ideias e ficou tão descansado que resolveu ficar-se por aí, esquecido que era necessário passar essas ideias a teatro. A primeira ideia: um «cabaret» com um conjunto «rock» ao vivo, onde é cometido um crime, presa uma inocente, que virá a ser julgada. No meio disto um «strip-tease» a sério, embora mau, uma paródia a uma cena japonesa, umas canções. Praticamente sem texto, praticamente sem encenação, praticamente sem interpretação, o conjunto de números apresentados pelo ESBAL não revela qualquer espécie de organização cénica e a sua aparente espontaneidade era demasiado pobre para ser tomada a sério.

Segunda ideia: confrontar a mediocridade do quotidiano com a exaltação da aventura espacial. Ideia sem qualquer consequência. Se a primeira parte, a do quotidiano, ainda tinha uma linha teatral possível, o resto não era nada e a aventura espacial de uma falta de imaginação de bradar aos espaços. De resto, como era preciso preencher um determinado tempo, essa sequência era interrompida, para surgir uma outra cena que não tinha nada a ver com ela nem com nada. Se a intenção era gozar o tragado — concordemos que se tratava de uma forma de gozo bastante débil. Também aqui aparecia uma paródia a um filme, desta vez era um filme japonês, o que parece revelar qualquer complexo em relação aos orientais. Aliás, complexos não faltam ao grupo a julgar pela repetição de gestos e palavras que se pretendiam obscenos mas que surgiam perfeitamente vazios de qualquer tipo de energia ofensiva. Nem aí os jovens da ESBAL acertavam.

Tratando-se de um grupo novo, parecerão estas apreciações demasiadas duras. Mas quando um grupo tem a veleidade de se apresentar num festival, fazendo-se para isso convidar, assume responsabilidades pelas quais não pode deixar de prestar contas.

Não podem ser só os outros a pagar a factura. **Carlos Porto**

TEATRO DO BAIRRO ALTO
Rua Tenente Raul Cascais
Telefone: 66 15 15 / 66 92 05



ABEL, ABEL
de Augusto Sobral
Com: Glicínia Quartín, José Wallenstein e Rogério Vieira
ESTREIA 6.ª FEIRA, 18 - 21.30 H.

COMUNA TEATRO DE PESQUISA

HOJE AS 21.30 H

MARAT DE PETER WEISS
ENCENAÇÃO JOAO MOTA

* PERSEGUIÇÃO E ASSASSINATO DE JEAN PAUL MARAT, REPRESENTADO PELO GRUPO DE TEATRO DO HOSPICIO DE CHARENTON SOB A DIRECÇÃO DO SENHOR MARQUES DE SAUÉ.

TERÇA A SÁBADO AS 21.30 H
DOMINGO SO AS 17 H

SUB MC - PRAÇA DE ESPANHA - TEL 72 08 18

Angústia Desespero Solidão

54 45 45 centro SOS voz amiga

uma voz amiga estará contigo

MINISTÉRIO DA CULTURA

DIRECÇÃO-GERAL DA ACÇÃO CULTURAL

SUBSÍDIOS AO TEATRO PROFISSIONAL

(TEMPORADA DE 1984-85)

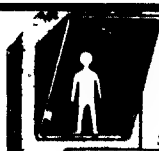
CONCURSO

Estará aberto de 15 a 31 de Maio o concurso para apoio financeiro do Ministério da Cultura (subsídio regular e subsídio de montagem) ao teatro profissional, para a temporada 84/85.

O Regulamento geral e os formulários podem ser levantados no Ministério da Cultura (Fundo de Teatro) e junto das suas delegações regionais (Norte, Centro e Sul), ou requisitados pelo correio.

NAS PASSADEIRAS

Os peões e os condutores têm de respeitar a sinalização luminosa



crônica de touros

À porta do teatro chinês

Praça de Touros de Sevilha. Sábado, 28 de Abril de 1984. Touros de Socorro Sanchez Dalp para Antónete, Curro Romero e Tomás Campuzano.

Ali estava, à espera do companheiro, em frente da lona colorida do «Teatro Chino», no desconsolo da feira ainda por abrir. Marcar outro lugar de encontro teria sido difícil, nenhum dos dois conhecia Sevilha, nunca calhara virem procurar trabalho na feira; e se estavam fartos de ouvir falar dela, de como é grande e famosa, e cada vez mais concorrida, mesmo depois de a terem passado para Los Remedios, de ser preciso atravessar o rio. Por isso, não conhecendo a cidade, havia combinado encontro à porta do «Teatro Chino», não há feira em Espanha onde não apareça um «Teatro Chino», se não for o da Manolita Chen será o do Encinas; e até podia acontecer que logo ali se governassem, os circos e teatros das feiras procuram em cada terra quem trabalhe no montar e desmontar na arrumação das cadeiras e pessoas no tratamento dos animais, no armar das jaulas e trapézios, quem seja pau para toda a obra. Por isso esperava confiado, enquanto a tarde começava a descer sobre a feira, que mais imensa parecia, assim deserta de gente e alegria.

x x x

Na Maestranza, cheia como um ovo, de gente e alegria, já os toureiros desfilarão, trocaram a seda pelo percal em seus capotes. E ao primeiro touro da tarde se oferece o de Antónete, o maestro. São uns lances à «verónica», pausados e soberbos, rematados com meia, grande que antes de acabar já o clamor se estendeu pela praça inteira. Abriu a faena com a beleza profunda duns «muletazos» ajudados por baixo, dobrando a perna, o queixo cravado no peito, que se iria oferecer, aberto, no cite para os naturais, com o sabor toureiro e clássico vencendo o senão das hastas tocarem o engano, donde o manso touro saia fugido. Pior será o quarto da ordem, que Antónete lidará com a planta desfigurada pelas calças que teve de vestir sobre o traje, que num remate da primeira faena se descobriu o lugar do «sim senhor». Porfia breve a do madrilenho, que o forno não estava para bolos, e já lhe pertencia o mais toureiro da tarde, outra vez deixará a «aficion» de Sevilha esquecida de geografias, sem

cuidar que foi em Castela que um tal maestro nasceu.

x x x

Tinham saído há dois dias do Porto, passada a Páscoa; ele e o companheiro, outra vez à aventura nómada do trabalho. A viagem no comboio ronco até Elvas; o cruzar a fronteira de Badajoz, basta o bilhete de identidade, pode ficar-se três meses a fazer de turista, sem precisão de regressar a salto; a noite dormida ao relento da beira da estrada, dobrado o cruzamento para a Andaluzia. «Encontramo-nos à porta do «Chino». O que chegar primeiro espera pelo outro». Era madrugada quando se separaram, que os dois juntos tornavam ainda mais difícil a boleia até Sevilha, as pessoas cada vez têm mais medo dos roubos e assaltos, de oferecerem viagem e saírem-lhes na rita uns marginais, que as deixem sem nada para o resto da viagem. Por ele não há perigo, nem usa navalha, não pensa atacar ninguém; e contudo sente-se de certa maneira um marginal, um tipo fora do esquema, passou os trinta anos sem se fixar em coisa nenhuma, lugar ou ofício, a um tipo assim não lhe dão o valor. Que se lixe, cada um é como nasce.

x x x

A Los Remedios não chega a bronca que, lá do outro lado do rio, na praça de touros se levanta. E não chega pela distância — mas também porque as broncas de Curro Romero começam a não ser o que eram, sente-se no público a terrível indiferença do hábito. Mau sinal, em que o de Camas deve atentar, se acha que ao dobrar os cinquenta lhe vale a pena: toureiros do seu corte, para se sustentarem nos constantes fracassos, e mesmo assim cobrarem alto (quinze milhões terá recebido por estas quatro tardes da feira de Abril), precisam de ter força para desatar a fúria do público, sinal de esperança, não o desfrute, sinal de desprezo. Curro mete-se na trincheira, com o ar grave de quem se ficou pelos escassos minutos dumas trapadas, a cortar as investidas do inimigo, espregando a altura de lhe meter a espada dessa forma com que Cuchares nunca sonhou, mesmo em noites de pesadelo. No quinto touro da desluzida mansada de Sanchez Dalp, igualmente sem perigo e

mais quedado, tratará Curro de fingir-se disposto, o touro é que não, daí o remédio ser matá-lo com um «bajonazo» — iniciativa que não convenceu os parquianos do farol. E até as palmas, que alguns mesmo assim lhe batiam, não sei se seriam mais de troça que de aplauso.

x x x

Já deu uma volta, passeou pelas redondezas o corpo alto, enxuto, com uma certa dignidade a desprender-se do ar meio vagabundo, da barba por fazer, carregando a expressão silenciosa, impermeável, onde brilha um olhar penetrante, de animal predador, habituado à caça do sustento. Há-de ser difícil, com o desemprego que há por aí, disse-lhe a bilheteira do Circo Russo, russo do Angel Cristo, gente conhecida doutras paragens, de andanças que começam a fazer-se antigas, dos anos que leva pelas feiras das Espanhas, armando circo, pulando de cobrador nas pistas de carros que chocam, e nos carroceiros que antes eram de cavaleiros e agora são desses espaciais com luzes que acendem e apagam, nas feiras o trabalho é mais duro do que parece, até às tantas, mas sempre pagam mil e quinhentas pesetas por cada dia, e dão comer e dormir, assim tem tapado os buracos no Verão, enquanto as feiras pegam umas com as outras, e ela não anda na fruta, aí são duas mil e quinhentas de jornal, e o comer, e serviço mais limpo e certo, dos laranjais de Valência costuma ir até às terras de Lérida, onde começam por chegar os pêssegos carecas, e depois se enchem os outros pomares, dá gosto vê-los; e ao cabo de dois meses são algumas cem mil, dão para voltar ao Porto uns dias, deixar umas notas à família, entrar no café, pedir uma bebida até estrangeira, dizer aos vizinhos «hoje pago eu», para que não pensem que anda por aí, aos caídos.

x x x

Na arena da Maestranza, Tomás Campuzano mostra que não anda aos caídos, explica pela entrega como se mantém entre os que mais toureiam. Ausente dos cartazes da feira no passado ano, a ela voltou, não apenas por ser andaluz, mas pelo mérito do valor, que parece ainda maior ao lado de Curro Romero, incomodado quando Tomás sai ao «quite» de seus touros, e os embarca com garbo no percal, e mostra que afinal têm os passes que o de Camas não quis dar. Aliás, é no capote

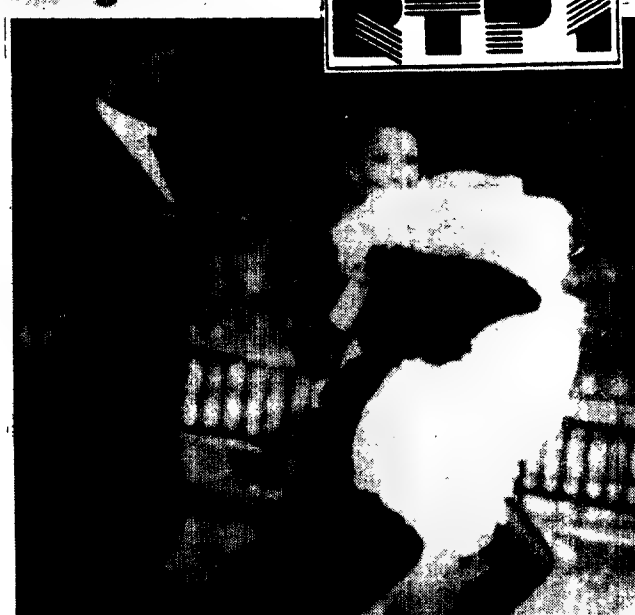
SOLILÓQUIO

que este Campuzano acusa notável progresso, lanceia com gosto e elegância. Mas se nesta tarde colhe seu valor o benefício do contraste com Curro, já na arte e sabor, em que cresceu escasso o de Gerena, fica perdendo ao lado de Antónete. Mas sobram em Tomás as faculdades, a técnica, a indomável vontade de ser, de triunfar — desta vez malograda pelo infortúnio, quando o sexto da tarde, colorado precioso que prometia limpar a má imagem dos irmãos, com uma saída de touro bravo, acabou afinal estampando-se contra um burladero. E do choque tremendo saiu combalido, a custo sustentado pela casta que trazia, e pela muleta com que Campuzano o tentava em vão recuperar, numa dessas faenas terapêuticas, em que a ocupação de tourear dá vez aos cuidados do matador para segurar de pé o fraco inimigo, assim poderá dizer que o abateu.

x x x

Fez-se tarde, e o companheiro sem chegar. E a feira vai abrir já amanhã, quando à meia-noite se acenderem, numa explosão de luz, os milhares de «farolillos», e tudo se encher de vozes, bailes, flores, alegrias. Mas por enquanto é a tristeza, marcada aqui e ali pelo martelar repetido na armação das barracas e casetas, onde não arranjou lugar para o seu braço. Gastou os seus últimos cigarros, o resto do farnel trazido de casa, pão, chouriço, omeleta, uns bolos de bacalhau. Um certo torpor começa a invadi-lo, um cansaço antecipado desses dias que o esperam, metido numa multidão a que não pertence, que se diverte só de olhar as luzes num êxtase agradecido, esquecidas as dores e compromissos, que desliza naquele mundo de euforia como um peixe na água, que não cuida como fora dela irá arfar, num desespero saudades de sobrevivência. Sentou-se outra vez num degrau da escada do Teatro Chino, estendeu-se vagorosamente para trás, encostou a cabeça no saco de muitas viagens. Talvez o companheiro não chegue, quem sabe se mudou de ideias, se alguém o levou para outro lado. Lá em cima, o céu escurecia, carregado de nuvens. Se vem chuva, vai ser o cabo dos trabalhos para arranjar ao menos para a bucha. E por um instante cresceu-lhe na alma um pânico mortal do seu destino de aventura, sentiu-se como um pássaro indefeso, enfeitado diante de uma serpente que o vai devorar.

Hoje



O programa Aplauso da RTP-1 desta noite, apresenta «Paris I Love You», com Zizi Jeanmaire à frente do Ballet National de Marseille

Das 13.35 às 17.30 Ciclo Preparatório TV

18.02 Notícias

18.05 Grão a Grão — «Histórias de Sempre»

18.40 Teleregiões

19.05 Memória de um Povo — «Nervos»

19.30 Curso de Inglês — «Follow Me»

20.00 Telegiões

20.35 «O Bem Amado» — episódio n.º 42

21.15 Aplauso — «Paris I Love You». Zizi Jeanmaire, à frente do Ballet National de Marseille, nesta evocação da «Belle Époque» parisiense.

22.15 Refugiados no Mundo — terceiro programa.

23.05 Últimas Notícias



Poderemos ver na RTP-2 de hoje, «Japão, a Herança dos Samurais», intitulado «O Japão dos Nossos Dias»



19.32 Notícias

19.35 Talk Show — segundo programa com o tema magia.

21.15 Jornal da Noite

21.45 «Guerra dos Sexos» — episódio n.º 19.

22.25 «Japão, a Herança dos Samurais» — «O Japão dos Nossos Dias».

Amanhã



13.30: Ciclo Preparatório TV; 18.00: Notícias; 18.10: Grão a Grão; 18.30: Teleregiões; 19.00: E Incrível; 20.00: Telegiões; 20.30: «O Bem Amado»; 21.30: Fim-de-Semana; 23.00: «Mulheres em West Point» — 1.ª parte; 23.50: Últimas Notícias.

19.30: Notícias; 19.45: Presença da Madeira; 20.15: No Vento da Música; 20.35: RTP Brasil; 21.15: Jornal da Noite; 21.45: «Guerra dos Sexos»; 22.15: «Contos do Improvisto»; 22.45: Clube de Rock.

Vítima de um ataque de coração

Irwin Shaw morre aos 71 anos

Irwin Shaw, um dos melhores escritores, contista e argumentista, norte-americanos, morreu ontem vítima de um ataque cardíaco. O autor do famoso romance «The Young Lyons» (Os Jovens Leões) tinha 71 anos e faleceu num hospital de Mafos, na Suíça, país onde vivia com a sua mulher, Marian, desde 1950. Um filho

do escritor informou que Irwin Shaw tinha dado entrada no hospital, terça-feira, para fazer um tratamento ao coração. Sua mulher encontrava-se junto dele quando ontem à noite morreu.

Os serviços fúnebres realizar-se-ão em Klosters, cidade onde Shaw vivia. No

entanto, em Junho, haverá um outro, desta vez em Brooklyn, Nova Iorque, onde o escritor nasceu em Fevereiro de 1913. Isto deve-se ao facto do escritor sempre ter afirmado que não queria morrer na Suíça, mas sim nos Estados Unidos.

Irwin Shaw escreveu várias novelas e contos, incluindo o famoso «Bury The

Dead» em 1936, que foi utilizado como argumento para teatro e cinema. Escreveu ainda, entre outros, «Lucy Crown» em 1956, e «Two Weeks in Another Town» em 1960. A sua obra mais conhecida é, no entanto, «The Young Lyons», um romance sobre a Segunda Guerra Mundial e que obteve vários prémios.

GRUNDIG

a segurança de um grande nome
seleccionou para si...



«Paris I Love You»
(21.15)



«A Herança dos Samurais»
(22.25)



O BEM AMADO

Joca nega ao juiz ter havido na sua família raptos e não seria agora que isso iria acontecer. No entanto, o juiz está disposto a fazer uma busca à casa. Com um sorriso misterioso, Dona Ana concorda com o juiz. Odoirico fica furioso quando o juiz lhe conta que não encontrou nenhum enfermo.

Chiquinha tenta convencer o marido a voltar ao mar mas este só o quer fazer depois de ter cumprido a sua promessa. Sem escrúpulos, Jairo beija Mariana, à força, mas esta arranha-o na cara. No regresso da pesca, mestre Ambrósio encontra a filha em estado de choque.

Neco pede Telma em casamento mas esta recusa. Odoirico lamenta a decisão da filha.

Assistência Técnica Grundig

NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Teatro

● Estreia esta noite no Teatro do Bairro Alto a peça «Abel, Abel», de Augusto Sobral. Com encenação de Rogério Vieira, o elenco é constituído por Glicínia Quartim, José Wallenstein e Rogério Vieira.

● A Casa da Comédia apresenta esta noite, a partir das 22 horas, a peça Botto-Teatro do Cíume e do Amor, num espectáculo com encenação de Filipe La Féria, e interpretação de Fernando Gomes, Sérgio António e Madalena Pinto Leite.

● No Teatro Aberto, o Novo Grupo continua a levar à cena, às 21h, «A Boa Pessoa de Setzuan», de Bertolt Brecht.

● Lia Gama, Mário Jacques e Filipe Ferrer apresentam na sala 2 do Quarteto «Traições» de Harold Pinter. Hoje e amanhã, às 19h.

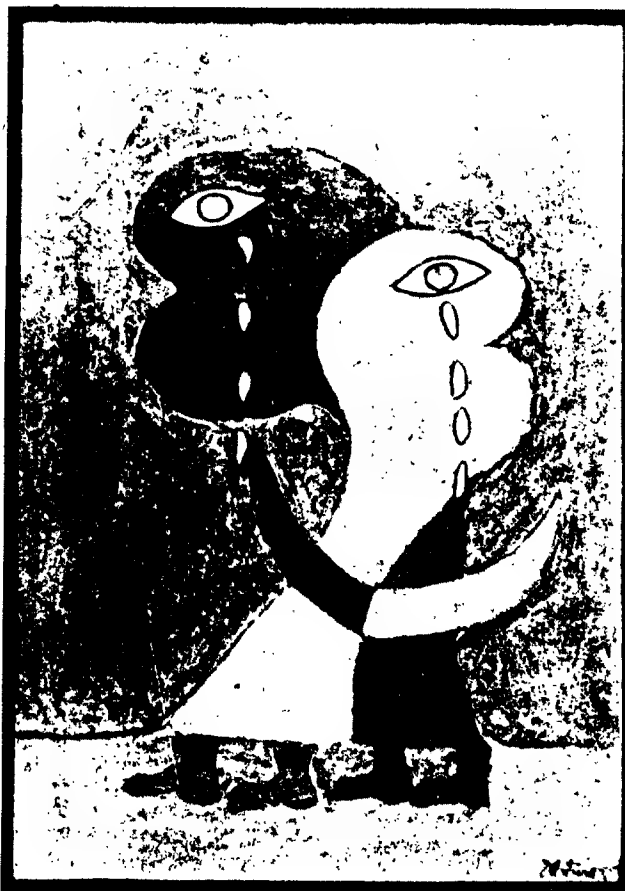
● «M...Sade», de Peter Weiss, continua em cena na Comuna, à Praça de Espanha, com sessões às 21h30m.

● O Grupo Passagem de Nível continua a apresentar na Sociedade Portuguesa de Autores a peça de Carlos Correia, «A LaMinuta».

● «Bem-mal vindos à Noite», com participação de António Vasco, Luiza Cruz e Fernando Guimaraes é o espectáculo que o «B'Arte» apresenta esta noite, a partir das 22h30m.

● Margarida Carpinteiro, Mário Rodrigo, José António e Nicholas McNair continuam a apresentar na Ocarina o seu espectáculo de café-concerto.

● Inicia-se hoje, numa iniciativa da Escola Secundária de



Um trabalho de Joaquim Antunes patente ao público na Libris

Santa Maria de Sintra, o 5.º Encontro de Teatro na Escola. Pelas 15h, o Grupo CIDRA apresenta «Amor de Curtição». Às 17h, o Grupo da Escola Secundária Pedro Nunes leva à cena as peças «O Espião» e «A Menina Casadoira».

● O Grupo de Campolide

continua em digressão pelas escolas do concelho de Almada apresentando hoje a peça «Fernão, Sim ou Não?» na Escola n.º 5 do Feijó. Pelas 18h30m, no Teatro da Academia Almadense, o Grupo apresenta «Tempos Díficeis».

● A «Vida do Grande D. Quixote De La Mancha e do

Gordo Sancho Pança», de António José da Silva, continua em cena no auditório do Teatro Experimental de Leiria.

Exposições

● É hoje inaugurada no Atrium da Imprensa, na Casa da Imprensa, uma mostra de pintura e desenho de Gracinda Candeias, Luís Filipe de Abreu, Matilde Marçal e Rocha de Sousa.

● Pintura, escultura e cerâmica de Hein Semke está a partir de hoje patente ao público na Galeria S. Mamede.

● Desenhos de 1951 a 1974 de Valadas Coriel estão em exposição na Galeria «O País».

● Na Libris, ao Largo Trindade Coelho, em Lisboa, Joaquim Antunes expõe óleos, acrílicos e temperas.

● Para assinalar os 40 anos de docência universitária do professor Jacinto do Prado Coelho está patente no átrio interior da Biblioteca Central da Faculdade de Letras de Lisboa uma exposição bibliográfica.

● Pintura de Vladimir Dimitrov está patente ao público nas Galerias de Exposições Temporárias da Fundação Gulbenkian.

● Parafiguração na pintura de Nikias Skapinakis é o tema de uma exposição daquele artista patente na Galeria 111, ao Campo Grande.

● Trabalhos de Margarida Kendall estão patentes ao público na Galeria de Exposições Temporárias da Fundação Calouste Gulbenkian.

● Para festejar o 3.º aniversário da Galeria Ana Isabel está patente naquele espaço,

à R. da Emenda, 111, 1.º, em Lisboa, uma mostra subordinada ao tema «A Cidade». Entre as obras expostas destaque para os trabalhos de Alice Jorge, Eduardo Nery, Gracinda Candeias, João Abel Manta, João Hogan, Júlio Pereira, Querubim Lapa, René Bertholo, Sá Nogueira e Vespereira.

● Uma exposição de 300 livros editados pela Gulbenkian é o palco para o lançamento da obra de Copérnico, «As Revoluções das Orbes Celestes».

● No Museu Nacional do Traje continua patente ao público uma mostra de tapeçaria de Carmo Esteves.

Cinema

● Esta tarde, pelas 18h30m, na Cinemateca Nacional, haverá mais uma sessão do ciclo Encontro com o Cinema Português com a projecção de «Arábia», de Rosa Coutinho Cabral, «Jack», de António Manuel da Silva e «A Mão Fechada», de José Diogo Gonçalves. Pelas 21h30m, mais uma projecção no âmbito do ciclo Josef Von Sternberg, com «A Última Ordem».

● Integrado no ciclo de cinema francês levado a cabo pelo AR.CO, esta noite pelas 21h45m, será projectado o filme de René Clair, «Belle de Nuit».

● Esta tarde, pelas 18h45m, prossegue no Estúdio 444 o Ciclo Retratos de Mulher com a projecção de «O Pacto de Sangue», de Lina Wertmüller, em mais uma sessão organizada pelo Cine-Clube de Lisboa.

● No âmbito da III Semana

Cultural da Escola Secundária de Santa Maria, de Sintra, é esta noite projectado, pelas 21.15m, no Palácio Valenças, o filme «Tora, Tora, Tora».

Música

● Cantaril, D'Isto e D'Aquilo, Vitorino, Mendes Harmónica Trio e Grupo de Bailado Universitário, actuam hoje num espectáculo na Aula Magna da Reitoria da Universidade Clássica, no âmbito das actividades paralelas do 3.º Encontro Nacional de Medicina do Trabalho.

● Os pianistas Florinda Santos e Nelly Santos Leite dão esta tarde, pelas 18 horas, um recital no Conservatório Nacional.

Bailado

● O Grupo Ballet de Câmara de Moscovo dá hoje um espectáculo no Teatro Rivoli, no Porto.

Colóquios

● «Que Teatro para a Juventude» é o tema de um colóquio que se realiza esta noite, pelas 21h30m, na Sala Art'Imagem, no âmbito do III Festival de Teatro para a Infância e a Juventude a decorrer no Porto.

● O antigo embaixador de Itália em Portugal, Pierluigi Alverà, profere esta tarde, pelas 18 horas, no Museu Calouste Gulbenkian, uma conferência subordinada ao tema «O Melodrama Nasceu em Florença».



ALDA BIZARRO

2.º ANIVERSÁRIO DO FALECIMENTO

Passagem de 1 ano de saudade da democrata e dedicada antifascista que nunca será esquecida.

COTAÇÕES CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade)	COMPRA	VENDA
ÁFRICA (SUL (rand))	85\$80	91\$60	
ALEMANHA FED (marco)	50\$20	51\$30	
AUSTRIA (xelim)	7\$05	7\$25	
BELGICA (franco)	2\$302	2\$502	
BRASIL (cruzeiro)	\$055	\$105	
CANADA (dólar — notas de 1 a 2)	106\$35	106\$35	
(notas de 5 a 1000)	106\$85	106\$85	
DINAMARCA (coroa)	13\$70	14\$10	
ESPAÑA (peseta)	\$858	\$978	
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	137\$55	139\$55	
(notas de 5 a 1000)	138\$05	140\$05	
FINLÂNDIA (marka)	23\$70	24\$30	
FRANÇA (franco)	16\$35	17\$05	
HOLANDA (florim)	44\$80	45\$60	
IRLÂNDIA (libra)	15\$10	15\$10	
ITALIA (lira)	\$074	\$084	
JAPÃO (iene)	\$566	\$602	
NORUEGA (coroa)	17\$60	18\$10	
REINO UNIDO (libra)	192\$40	196\$40	
SUECIA (coroa)	17\$05	17\$65	
SUIÇA (franco)	60\$75	61\$85	
VENEZUELA (bolivar)	7\$45	8\$45	

Observações:

1. — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

rádio

Antena Um

16.00: Musicomania; 18.00: A gaita dos sete foles; 19.00: Informação e música; 20.00: Folhetim; 20.25: No estúdio e no estúdio; 20.35: Música portuguesa; 21.00: A viver também se aprende; 21.30: Noites de luar. Noticiários intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas

Programa 2

15.30: Que quer ouvir?; 17.00: Páginas menos conhecidas; 17.45: Solos de alaúde, de Francisco Milano; 18.05: Música de câmara; 19.00: Árias de óperas; 19.30: Música de todos os quadrantes; 20.10: Compositor da semana; 21.00: Concerto pela Orquestra Sinfónica da RDP; 23.00: Agrupamentos de câmara; 24.00: Suites; 01.00: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (283, 290 e 397m)

14.00: Matinê; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Musical; 20.00: Conta corrente; 20.30: Quando o telefone toca (3 edições); 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora; 01.00: O passageiro da noite. Noticiários hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 18.00: Cinco estrelas; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto; 00.00: Dois pontos. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Rede Nacional de OM e FM

15.00: Clube da casa; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do terço; 19.30: Horizonte; 20.30: Programa da LAR; 21.00: Quando o telefone toca; 21.30: Ouvir e pensar; 22.00: Hora de música; 23.00: Diário 23; 23.40: Bola branca (3.ª edição); 23.55: Meditando.

Rede Sul de FM

21.00: Paju; 21.30: Pentagrama.

Desdobramento em FM Estéreo

22.00: Universidade na Rádio; 22.57: Boa noite; 23.00: A cor do som; 01.00: As superestrelas do FM. Noticiários a todas as horas.

Tiragem média diária do mês anterior: 42.150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 14 037

HORIZONTAIS:

- 1 Coisa que dá interesse sem trabalho (fig.). Tempo do verbo ser. O mesmo que bêtele.
- 2 Freguesia do concelho de Arouca. Letra grega (inv.). Bondoso.
- 3 Córera. Incinerara.
- 4 Relativo ao nariz. Ócio (pop.).
- 5 Caudes. Crómio (s.q.).
- 6 Dispõe. Fama (fig.).
- 7 Esbeltas. Idem.
- 8 Oceano. Freguesia do concelho de Oliveira do Hospital.
- 9 Amónio (s.q.). Compaixão. Equipas.
- 10 Oferecemos. Idem.
- 11 Poente. Naipes das cartas de jogar.

VERTICAIS:

- 1 Freguesia do concelho e distrito de Vila Real. Informação.
- 2 Freguesia do concelho e distrito de Portalegre. Batráquio. Palavra galega que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses.
- 3 Flauta chinesa de três buracos. Tolerados.
- 5 Queixosos.
- 6 Curso de água natural e abundante. (inv.). Pêlos de certos animais.
- 7 Penugem. Avarento.
- 8 Móveis sobre os quais se come.
- 9 Búfalo de Angola. Título dos descendentes de Matoma.
- 10 Preposição. Atravessado.
- 11 Acorrentados.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9897

HORIZONTAIS:

- 1 Desviaram de um lugar.
- 2 Aquele que. Dialecto dos dórios.
- 3 Congregava. Artigo definido (ant.). Chefe etíope.
- 4 Seguiu. Bromo (s.q.). O mesmo que geia.
- 5 Ser mifador, brigão.
- 6 Mascaração de tabaco. Raer. Cento e um em romano.
- 7 Resistente. Fundo.
- 8 Ementas.
- 9 Mangual. Molusco comestível.
- 10 Presente entre alguns povos da Indochina. Amónio (s.q.). Uma das Cíclades.
- 11 Em as. Ouro (s.q.). Ente imaginário.

VERTICAIS:

- 1 Rei dos mirmidões. Manuel (abrev.).
- 2 Freguesia do concelho de Torres Vedras. No sistema de Leibnitz, substância simples, activa, indivisível, de que todos os entes são formados.
- 3 Monarca. Árvore com cuja casca se aromatiza o vinho. Lírio.
- 4 Ave pernalta. Porção de terra, rodeada de água por todos os lados.
- 5 Bromo (s.q.). Distrito da ex-Índia portuguesa.
- 6 Estiveras unido. Ouro (s.q.).
- 7 Lista. Crença. Rio da Sibéria.
- 8 Clima. Nome de aves.
- 9 Espreitar. Aldeia de Itália.
- 10 Tomba. Cento e cinco em romano. Medida agrícola inglesa.
- 11 Cidade da Argentina. Rei de Judá

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 036

HORIZONTAIS:

- 1 QUEM. NS.
- 2 Ulm. VAI. NAO.
- 3 Pui. Magre.
- 4 Ruai. Soer.
- 5 Ois. Agi. Lia.
- 6 Tum. Adão.
- 7 Ateimar.
- 8 Os. Anual. CC.
- 9 Lear. Anho.
- 10 Ti. Gatt. Ir.
- 11 Aarau. FAO.

VERTICAIS:

- 1 Quero. VOLTA.
- 2 Ul. Ul. Seia.
- 3 Empasta.
- 4 Inata. Amado.
- 5 Aaro. Sol.
- 6 Magia. Se.
- 7 Colas. Cia.
- 8 As. Dalat.
- 9 Angolar.
- 10 Areio. Chia.
- 11 Doera. Açoro.

Provérbio: QUEM VAI NAO VOLTA.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9896

HORIZONTAIS:

- 1 Morca. Patas.
- 2 Apear. Ugar.
- 3 Gamela.
- 4 Inata. Amado.
- 5 Aaro. Sol.
- 6 Magia. Se.
- 7 Colas. Cia.
- 8 As. Dalat.
- 9 Angolar.
- 10 Areio. Chia.
- 11 Doera. Açoro.

VERTICAIS:

- 1 Maria. Circo.
- 2 Op. Na. Ocelo.
- 3 Remar. Sás.
- 4 Cá. Tomas.
- 5 Arga. Asas.
- 6 Ag. Cepo.
- 7 Puma. karas.
- 8 Ager. Airar.
- 9 Talas. Aas.
- 10 Arados. Mós.
- 11 Sã. Olecosos.

cartaz de cinemas e teatros

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 13.45, 16.30, 19 e 21.30
- M. 6 a.
MARY POPPINS
8.ª Semana

ÁVILA 539930

Av. Duque d'Ávila, 92A

Às 14.30, 17, 19.15, 21.45 e 24
- M. 12 anos
Yentl
c/ Barbra Streisand

AVIS 547153

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
UMA MULHER PARA DOIS HOMENS

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 anos
LAÇOS DE TERNURA
6.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
Para todos
HERBIE, UM CAROCHA DOS DIABOS

CASTIL 530194

R. Castilho

Às 14.30, 18 e 21.30
Não ac. men. 13 a.
UNS... E OS OUTROS

CINE BLOCO 556824

R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.
WARGAMES, JOGOS DE GUERRA
Às 24
HISTÓRIA DO

CINE CAMÕES 324194

R. do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
BRUCE LEE E EU

CINE 222 579460

Av. P. da Vitória, 37 (a. Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
FINALMENTE DOMINGO
Às 24
007 CONTRA GOLDFINGER

CINESTÚDIO LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30
Maiores 12 anos
JOGOS DE GUERRA

CINE-PLAZA 930119

Av. Santos Matos, 2 - Amadora

Às 15.30 e 21.30 - M. 12 a.
O ESTRANHO MUNDO DE GARP

CONDES 322573

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
Um filme escalante
O CONSUL HONORÁRIO
c/ Richard Gere e Michael Caine

2000 2100055

Av. B. Voluntários, lts. 113/4

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
OFICIAL E CAVALHEIRO

EDEN 320768

P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
OS LUTADORES DA NOITE

ESTÚDIO 555134

Al. Alfonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
N. ac. men. 13 anos
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
94.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 16 a.
A MULHER DO AVIADOR

HOLLYWOOD 802859

Centro Comercial Alvalade

SALA 1

Às 14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 24
GANGSTERS DAS 4 RODAS

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 23.45
- Int. men. 18 a.
EU TE AMO
c/ Sônia Braga

IMPÉRIO 555134/5

Al. Alfonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.30 e 21.30
- M. 16 a.
A ESCOLHA DO DEVER

LIDO 936593

P. D. João I, Amadora

Às 21.30 - M. 12 a.
OS GLADIADORES DO FUTURO

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- Int. men. 13 a.
A FRONTEIRA DA VERGONHA
c/ Jack Nicholson
Às 24
O CALIFÓRNIA

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
STAR 80, A TRAGÉDIA

ODEON 328283/4

R. dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
SANDOKAN CONTRA O LEOPARDO DE SARATAK

PATHÉ 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30 e 21.30 - M. 16 a.
FORÇA MORTAL
c/ Wings Hauser e Joyce Ingalls
Colorido



Uma cena do filme «A Mulher do Aviator» realizado por Eric Rohmer em exibição no ESTÚDIO 444

POLITEAMA 326716

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30 e 19
- M. 12 a.
IMPACTO SÚBITO
Às 21
OS CANHÕES DE NAVARONE

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14.30, 16.45, 19 e 21.15
- M. 12 a.
DINHEIRO DO CÉU
de Herbert Ross
Às 23.30 - M. 18 a.
O SARGENTO NEGRO

SALA 2

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 16 a.
PAIXÃO
de Jean-Luc Godard
Às 23.30 - M. 18 a.
VERÃO 42

SALA 3

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 18 a.
A MULHER EM CHAMAS
de Robert Van Ackeren
Às 23.30 - M. 18 a.
A CULPA FOI DO MACACO

SALA 4

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.15
- M. 12 a.
O CONTRATO
Às 23.30 - M. 18 a.
O PROCESSO

QUINTETO 573407

R. Actor Taborda, 27-B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.
THE DAY AFTER, O DIA SEGUINTE
10.ª Semana
Às 24 - N. ac. men. 13 a.
CHARLIE CHAN E A MALDIÇÃO DA RAÍHA

ROMA TEL. 727778

Av. de Roma, 14-M-N

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 16 a.
CHRISTINE, O CARRO ASSASSINO

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
A TURMA DOS TARADOS
c/ Renzo Montagnani e Carmen Russo
Colorido

SÃO JORGE 579144/579344

Av. da Liberdade, 175

SALA 1
Às 21.45 - N. ac. men. 13 a.
SAFARI 3000
c/ David Carradine
Às 15.15 e 18.30
PROJECTO BRAINSTORM

SALA 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
YENTL
c/ Barbra Streisand

SALA 3

Às 14.30, 16.30, 18.45 e 21.45
- M. 12 a.
ZELIG
c/ Woody Allen e Mia Farrow

7.ª ARTE 730715

Av. República à E. Entre Campos junto ao n.º 63

Às 14.45, 17, 19.10, 21.45 e 23.45
- M. 12 a.
PROJECTO BRAINSTORM
c/ Natalie Wood e Christopher Walken
Domingo às 15.15
FESTIVAL POPEYE

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C

Às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
A EDUCAÇÃO DE RITA

TURIM 706666

E. de Benfica, 723-A

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
STAYING ALIVE
c/ John Travolta

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreras, lote 879

Às 15.00, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
A CONSPIRAÇÃO DE LONDRES

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 18 a.
Suspense e ineditismo no melhor de John Carpenter
CHRISTINE, O CARRO ASSASSINO
1.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «Laços de ternura», às 21.30 (16 anos)
ALFA-2 - «A Força do Poder», às 21.15 (18 anos)
ALFA-3 - «Os Marginais», às 21.30 (12 anos)

OLÍMPIA - «Convulsões Eróticas», sessões permanentes (18 anos)
MUNDIAL - «Laços de Ternura», às 21.30 (16 anos)

CITY-CINE - «Fanny e Alexandre», às 21.00 (13 anos)
CAPÍTULO - «Bocas Gulosas», às 21.00 e 23.00 (18 anos)

ALFA-CLUB - «Jogos de Guerra», às 21.30 e 24.00 (12 anos)
LONDRES - «O Consul Honorário», às 21.30 (16 anos)

ESTÚDIO ACS - «Rocky I», às 21.30 (13 anos)
APOLO 70 - «Os Marginais», às 21.30 (12 anos)

TIVOLI - «Amor e Compaixão», às 21.30 (12 anos)
TERMINAL - «Star 80, a Tragédia», às 21.30 (16 anos)

RESTELO - «Loucuras de um Casal», às 21.30 (12 anos)
CINEMATECA PORTUGUESA - «A Última Ordem», às 21.30 (13 anos)
PROMOTORA - «O Xerife Indomável», às 21.30 (18 anos)

ZODIACO - «Esmeraldas Sangrentas», às 21.30 (16 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS - Stadium - «A Caçada dos Duros», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL - Casino - «O Cristal Encantado», às 21.15 (6 anos)
ESTORIL - Palácio - «3 Horas Decisivas», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS - Oxford - «A Turma dos Repetentes», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS - Impeto - «O Bom e os Maus», às 21.30 (18 anos)

Outra Banda

ALMADA - Incrível - «O Último Tubarão», às 21.15 (18 anos)
ALMADA - Académia - «M.A.S.H.», às 21.15 (13 anos)

ALMADA - Cine-Estúdio - «Jogos de Guerra», às 21.30 (12 anos)

SETÚBAL - Júpiter - «Festival Disney de Verão», às 21.15 (6 anos)

Linha de Sintra

CACÉM - Cineestúdio Flores - «Reds», às 21.30 (13 anos)
MESE MARTINS - Cine-Club - «Violação duma Adolescente», às 21.30 (13 anos)

SINTRA - Carlos Manuel - «Tudo Boa Gente», às 21.30 (13 anos)

ERICEIRA - Cineestúdio - «Os Mistérios da Cidade Maldita», às 21.15 (18 anos)

Porto

CARLOS ALBERTO - «Feios, Porcos e Maus», às 21.30 (18 anos)
COLISEU - «O Último Comboio de Gun Hill», às 21.30 (13 anos)

AGUIA - «20 000 Léguas Submarinas», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-A - «Armadiha Mortal», às 21.30 (13 anos)

CHAPLIN - «Gelado de Limão IV», às 21.30 (12 anos)
OLÍMPIA - «O Herdeiro de Kung Fu», às 21.30 (13 anos)

JÚLIO DINIS - «Uma Mulher Chamada Apache», às 21.30 (18 anos)
SÃO JOÃO - «Laços de Ternura», às 21.30 (12 anos)

RIVOLI - «A Câmara Secreta», às 21.30 (16 anos)
PEDRO CEM - «Os Malucos Contra os Gangsters», às 21.30 (13 anos)

FOCO - «Apocalypse Now», às 21.30 (18 anos)
SALA BEBÉ - «Zelig», às 21.45 (12 anos)

LUMIÈRE-L - «Yentl», às 21.45 (12 anos)
PASSOS MANUEL - «Os Marginais», às 21.45 (12 anos)
VALE FORMOSO - «As Aprendizagens do Sexo», às 21.30 (18 anos)

CHARLOT - «Sem Deixar Rasto», às 21.30 (12 anos)
TRINDADE - «A Educação de Rita», às 21.30 (12 anos)

Lisboa

PERMANENTE

ALCANTARA: Proibido, R. de Alcântara, 15-A-B (T. 638589); AREIRO - APEADEIRO: Nova Lisboa, R. Guilhermina Suggs, 12 (T. 887721); CHILE - ARCO CEGO: São Jorge, L. do Leão, 3-A-B (T. 534027); ESTRELA: Aurélio Rego, C. da Estrela, 139 (T. 661758); GRAÇA: Almeida Dias, L. da Graça, 38-39 (T. 862904); LARGO DO CAMPO PEQUENO: Miranda, L. do Campo Pequeno, 36-B-C (T. 770776); LUMIAR: Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942); OLIVEIRA VELHO: Oliveira, R. Alves Gouveia, 19 (T. 311237); PALHAVA: Curle, Av. Madeiro Curle, 15-A (T. 778439); RESTELO: Restelo, R. Daurte Pacheco Pereira, 11-C (T. 600741); SÃO JOSÉ - TI-VOLI: Fernandes, R. de São José, 187 (T. 326476); OVELAS: Monserrate, R. Guilherme Gomes Fernandes, 31-A (T. 911139); PONTINHA: Leão Ribeiro, R. A do Falcão, 3-A (T. 993912).

REFORÇO

ALAMEDA - FONTE LUMINOSA: Maria, R. Barão de Sabrosa, 235-235-A (T. 888277); ALVALADE: Alvalade, Av. da Igreja, 18-A (T. 892070); AMOREIRAS - ESTACÃO DA CARRIS: Ivone, R. Silva Carvalho, 232-C (T. 650760); AMOS - LISBOA GINÁSIO CLUBE: São José, R. dos Anjos, 41-A (T. 570730); BARRIO ALTO: Várzea, R. da Misericórdia, 135 (T. 327564); BENFICA - CHARQUINHO: Macedo, R. da República da Bolívia, 69-C (T. 703697); ESTRELA - POSSIDÃO DA SILVA: Tague, R. Possidão da Silva, 162-A (T. 669485); MADRE DE DEUS - POÇO DO BISPO: Grilo, R. do Grilo, 12 (T. 285264); OLIVEIRA VELHO: Higien, R. Cidade de Vila Cabral, lote 43 (T. 3210026); SÁLADA: Cruz Nunes, P. Duque de Saldanha, 14-15 (T. 41845); BRANDAO - AMADORA: Teófilo, R. 8, lote 308 (T. 993220); BURACA - AMADORA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); OLIVAL BASTO: Nova, R. Açores, 11-A (T. 910305); PROR VELHO: Matos, T. Priors (T. 2519939).

Outra banda

ALMADA: Megalhães, R. Capitão Leitão, 8-B (T. 2750242), até às 22 horas; COVA DA PIEDADE: Cerqueira, L. 5 de Outubro, 18 (T. 2750254), Permanente; COSTA DE CAPARICA: Higien, Av. da República, 23 (T. 2400020), até às 19 horas; FELJO: Feljo, R. Borges Rego, 7 (T. 2290911), até às 22 horas; SESIMBRA: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); LAVRADIO: Pereira, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016), até às 19 horas; BARRIEIRO: Normal, Av. Alfredo Silva, 116 (T. 2073035), Permanente; BAIXA DA

teatros

Lisboa

TEATRO ABERTO - «A Boa Pessoa», às 21.30 (13 anos)
TEATRO IBÉRICO - «Gardel, el Dia que Me Quieras», às 21.30 (13 anos)
COMUNA - «Marat», às 21.30 (13 anos)
D. MARIA II - «Memórias de Sarah Bernhardt», às 21.30 (12 anos)

ABC - «É Tudo a Roubar», às 20.30 e 23.00 (16 anos)
VARIADADES - «Eu Desço na Próxima, e você?», às 21.45 (12 anos)

VILLARET - «Super Silva», às 21.30 (12 anos)
TRINDADE - «Diário de uma Criada de Quarto», às 21.45 (18 anos)

PORTO

CAMPO ALEGRE - «Um Cálice de Porto», às 21.45 (13 anos)
MODESTOS - «Lázaro», às 21.45 (13 anos)
POVO PORTUENSE - Selva Trupe - «O Amor de uma Mulher», às 21.45 (13 anos)
REALEJO - «Memórias no Espelho», às 21.45 (13 anos)
TEP - «Eles não Usam Smoking», às 21.45 (13 anos)

farmácias

Linha de Sintra

AMADORA: Girassol, R. Elias Garcia, 17-C (T. 974161), Permanente; Helenica, R. Elias Garcia, lote 28 (T. 933613), até às 22 horas; DAMAIA: Confiança, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 9710231), até às 22 horas; QUELUZ: Correia, L. do Mercado, 3 (T. 950906), até às 22 horas; CAMARATE: Batalha, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2518669), até às 19 horas; CACÉM: Araújo e Sá, E. de Paço de Arcos, lote 1-B (T. 9240781), Permanente; ALGUEIRÃO: Vitor Manuel, E. de Algueirão, 123, Permanente; MERCÊS: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275), até às 22 horas; RINCHOA: Araújo, até às 22 horas; SINTRA: Gomes Silva, L. D. Alfonso, 3-A (T. 9232747), Permanente; COLARES: Abreja (T. 9290088).

MOSCAVIDE: Pedro Gomes, B. 25 de Abril, lote 13 (T. 2519670), Permanente; SACAVÉM: Lourenço, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151), até às 22 horas; LOURES: Saraiva, Av. da República, 86 (T. 2530027), Permanente.

PORTO

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS
PEREIRO, R. da Preciosa, 35; ORDEM DA TRINDADE, R. Heróis e Mártires de Angola; CARNEIRO BARBOSA, R. Firmeza, 99-A; DA AREOSA, R. D. Alfonso Henriques, 1-5, Areosa; ALMEIDA, R. Castelo de Numão, 37.

DE DIA E TODA A NOITE

HERCULANO, R. Alexandre Herculano, 384; TERREIRO, R. da Reboleira, 21; BARROS, R. do Bonjardim, 1292

Coimbra

CRUZ VIEGAS, R. do Brasil, 154 (T. 74821); MIRANDA, P. do Comércio, 41 (T. 23261).

DL

PORTE
PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
Administração, Redacção, Publicidade
e Serviços Técnicos:
RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3
Publicidade: 398740
Serviço de correio (depois das 21h)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico: DISDA
Telex: 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGACÃO DO PORTO
Rua do Almada, 30-2.º - 4000 PORTO
Telefones: 20954/5
Distribuição: INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º - 1200 LISBOA
Telefones: 322100-322204-320784



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

4.24 3,9 m 9.54 1,0 m
16.42 4,0 m 22.20 1,0 m
Dia 18
5.07 3,7 m 10.32 1,1 m
17.24 3,9 m 23.02 1,2 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS SEIS HORAS:

VIANA DO CASTELO 10°
BRAGANÇA 5°
VILA REAL 7°
PORTO 10°
COIMBRA 11°
CABO CARVOEIRO 12°
PORTALEGRE 8°
LISBOA 11°
ÉVORA 10°
BEJA 10°
FARO 13°
SAGRES -
PONTA DELGADA 15°
FUNCHAL 15°

últimas

HOMENAGEM A ZECA AFONSO que se realiza em Évora no dia 26 do corrente mês terá a presença, como convidados especiais de Vasco Gonçalves, Otelio Saraiva de Carvalho e Rosa Coutinho. Da comissão organizadora fazem parte, entre outros, os centros culturais Bento de Jesus Caraça, de Montemor-o-Novo e de Borba, a Associação de Poetas Populares Alentejanos e o cine-club de Évora.

O ABORTO ILEGAL constitui um dos problemas de saúde mais graves para as mulheres, afirmaram participantes nas jornadas «Saúde e Mulher», que começaram hoje em Madrid. O objetivo das jornadas, segundo Carlota Bustelo, directora do Instituto Espanhol da Mulher, é destacar os problemas relacionados com a maternidade, planeamento familiar, saúde no trabalho e mental e papel da mulher como agente social de saúde. Entre os problemas de saúde, que afectam especificamente as mulheres, os participantes salientaram o aborto ilegal como um dos mais graves. Sessenta e oito mil mulheres morreram em 1977, em países em desenvolvimento, por terem feito abortos clandestinos.

A POLÍCIA JUDICIÁRIA alemã federal receia nos próximos anos um aumento em flecha do tráfico e consumo de cocaína no mercado europeu — declarou um porta-voz policial ao diário conservador «Die Welt». Os especialistas estabelecem um paralelo entre a actual abundância de cocaína no mercado europeu e o afluxo de heroína no mercado norte-americano nos anos 70. «Os EUA foram sempre um excelente indicador da orientação do mercado de estupefacientes na Europa» disse o porta-voz da Polícia Judiciária da RFA. No decorrer dos anos 70, a cocaína foi crescentemente conquistando mercado à heroína nos EUA, sendo hoje a proporção de 50 por cento para cada.

UM VIOLENTO INCÊNDIO deflagrou numa fábrica e armazém de móveis em Esmoriz, no concelho de Ovar. Várias casas de habitação estiveram ameaçadas pelas chamas que, segundo um responsável dos Bombeiros Voluntários de Esmoriz, pode ter tido «origem criminoso». Os bombeiros mobilizaram a totalidade dos seus efectivos para o combate ao sinistro.

O VEREADOR DA CÂMARA de Valpaços, Júlio Albada, faleceu no Porto vítima de doença e na sequência de uma operação. O extinto era vereador do PSD pela freguesia de Carrazedo do Montenegro, à qual pertencia.

UM GRUPO DE ESCUTEIROS de Sintra foi parar à cadeia — não como prisioneiro, mas como inquilino e pelo prazo de 50 anos. A Câmara Municipal de Sintra informou que cedeu a título gracioso a antiga cadeia comarcã ao grupo 93 da Associação de Escuteiros de Portugal. O imóvel, cedido pelo prazo de 50 anos, servirá de sede, local de convívio, secretaria e armazém do material de campo deste grupo de escuteiros.

“Evolução favorável” nas negociações Maputo-Pretória

Delegações de Moçambique e do governo da África do Sul reunidas ontem na Cidade do Cabo constatarem que se regista «uma evolução positiva» na aplicação dos termos do acordo de Nkomati, apesar de ainda subsistirem «alguns problemas» e escreve o AIM.

De acordo com declarações de Jacinto Veloso, ministro moçambicano na Presidência para os Assuntos Económicos, que liderou a delegação de Moçambique que tratou-se de um encontro regular para avaliar o grau de cumprimento e de implementação do acordo. A contraparte sul-africana foi liderada pelo mi-

nistro dos Negócios Estrangeiros, Roelof Botha.

Jacinto Veloso foi ontem recebido pelo primeiro-ministro Pieter Botha, tendo este reafirmado que o governo da África do Sul se opõe a que grupos armados desestabilizem Moçambique a partir do território sul-africano ou de qualquer outro.

Trata-se do cumprimento de um dos artigos do acordo de Nkomati que prevê que os dois Estados «eliminam dos seus respectivos territórios bases, centros de treino, lugares de abrigo, acomodação e trânsito» para pessoas ou grupos que planeiam levar a cabo actos de vio-

lência ou terrorismo contra o outro Estado.

A delegação moçambicana que integrava altos funcionários ligados a vários sectores, entre eles portos e caminhos-de-ferro e trabalho, manteve encontros separados com elementos da delegação sul-africana de diversas áreas económicas.

De acordo com uma fonte próxima da delegação moçambicana, durante as presentes conversações foi acordado que o porto de Maputo será usado pela África do Sul como um porto natural sul-africano, isto quer dizer com facilidades e prémios de concessão.

Eleições hoje à tarde

Angelo Correia desiste do Conselho de Defesa

Angelo Correia desistiu de se candidatar ao Conselho Superior de Defesa. O deputado Cardo so Ferreira substituiu o dirigente social democrata na lista do PSD, nas eleições que hoje se realizam.

Também Nandim de Carvalho desistiu de ir para o Conselho de Comunicação Social. Os sociais-democratas vão propor hoje a eleição de Maria de Lourdes Breu, enquanto o CDS insiste em Paulo Portas, que tal como aconteceu com Angelo

Correia e Nandim já foi recusado quatro vezes.

Por sua vez, Vaz Portugal, também já recusado quatro vezes, insiste em ser eleito para presidente do Conselho Nacional do Plano.

Todos estes elementos têm de receber pelos menos dois terços dos votos para assegurarem a eleição.

Enquanto o Conselho Nacional do Plano continua a funcionar com Cavaco e Silva como presi-

dente demissionário e o Conselho Superior de Defesa funciona com a presença de apenas um representante da AR — José Luis Nunes, do PS — o Conselho de Comunicação Social só entrará em funções quando estiverem eleitos todos os seus membros.

Pode ser que hoje à tarde se consiga desbloquear a situação em S. Bento se os deputados rebeldes à disciplina partidária — diz-se que a maioria é do PSD — aceitarem finalmente as indicações da direcção do partido.

Banco de investimentos árabes

Um grupo de banqueiros do Bahrein, Emirados Árabes Unidos e Omã podem abrir em Lisboa um banco com capitais exclusivamente árabes — revelou hoje um porta-voz do grupo.

Abdullah Rashid Ali afirmou que se trata de um banco visando financiamento de projectos industriais e turísticos de portugueses em Portugal.

O grupo de banqueiros, ao qual se juntam também quatro empresários, um do Bahrein, dois dos Emirados Árabes Unidos e outro de Omã, está interessado, igual-

mente, em investir em Portugal nas áreas do turismo, em hotéis de categoria média e nas indústrias agro-alimentares, confecções e calçado para exportação.

O grupo, que devia chegar hoje a Lisboa para contactos com entidades oficiais e empresários portugueses, preferiu reunir-se durante dois dias com árabes com interesses em Portugal e homens de negócios, em Marbella, no Sul de Espanha.

Rashid Ali disse que os banqueiros e empresários estão já

munidos de «dossiers» completos sobre as suas áreas preferidas de actuação em Portugal.

Os banqueiros e empresários árabes devem deslocar-se a Lisboa dentro de dois meses para contactos oficiais, que podem incluir o próprio Primeiro-Ministro, acrescentou Rashid Ali.

O porta-voz do grupo notou que os banqueiros e empresários confiam na política económica do Governo de Mário Soares, mas «necessitam de maiores garantias».

Ocupantes salvos pelos bombeiros estão internados

Automóvel caiu ao Douro com casal e dois filhos

Um automóvel, em que seguiam quatro pessoas, caiu esta manhã ao rio Douro, entre a Foz e o Porto, depois de se ter despedido e embatido numa árvore.

Pessoal do Batalhão de Sapadores Bombeiros conseguiu

retirar com vida os quatro ocupantes, conduzindo-os em seguida para o Hospital de Santo António, onde ficaram internados.

O veículo era conduzido por António Silvestre Catarino, de 43

anos, director empresarial, que viajava acompanhado da sua mulher, Liliana Fuertes de la Lave Catarino, da mesma idade, e dos seus dois filhos, Miguel, de 10 anos e Liliana, de cinco.

Sindicatos não confirmaram ainda É portuguesa a tripulação do barco atacado pelo Irão?

Os EUA garantem que os aviões que ontem bombardearam um petroleiro saudita no Golfo Pérsico eram iranianos. Mais importante que esse facto, para nós, é o da tripulação do «Yanbu Pride» poder ser portuguesa. De qualquer modo, sabe-se que não houve vítimas.

Nenhum dos sindicatos de algum modo ligados à Marinha Mercante, e vários são, estava ao corrente da situação, e muito menos sabia que a tripulação daquele petroleiro saudita poderia ser portuguesa. Um informador do Sindicato dos Maquinistas Práticos manifestou ao «DL» a sua estranheza face à notícia, enquanto no Sindicato dos Capitães e Oficiais Pilotos nunca se ouviu falar de um barco da Arábia Saudita com tripulação portuguesa.

No entanto, a NP diz hoje num despacho datado de Manama, no Bahrain, citando o comandante do «Yanbu Pride», que a tripulação é portuguesa. O navio seguia para o porto saudita de Jubail, para reabastecimento, antes de

concluir o carregamento nas instalações petrolíferas de Ras Tanura. Foi atingido por disparos a 100 quilómetros a nordeste de Ras Tanura.

A Secretaria norte-americana de Estado disse entretanto que os ataques constituem «uma perigosa escalada da guerra e uma ameaça para a liberdade de navegação no Golfo Pérsico».

Observadores políticos norte-americanos consideram estes ataques uma tentativa iraniana para interromper o tráfego no Golfo, particularmente dos países que apoiam o Iraque na guerra que mantêm há três anos contra o regime do ayatollah Khomeiny.

O «Yanbu Pride», propriedade da companhia petrolífera norte-americana Mobil e de interesses privados sauditas, foi o terceiro petroleiro saudita a ser atacado na zona do Golfo Pérsico.

O Conselho de Cooperação do Golfo convocou para hoje, em Riade, uma reunião de emergência para analisar as ameaças à navegação naquela área.

Concurso

Continuação da pág. 1
Praia da Vitória.

Autor de um texto intitulado «Numa madrugada distante», António José Guerreiro Caeiro, morador em Queluz, Praceta Tomás da Anunciação, n.º 2, Cv. Esq. obteve o 3.º Prémio

(10 000\$00). Nasceu em 20 de Fevereiro de 1956 em Alqueva, Portel.

Os leitores do «Diário de Lisboa» vão ter a possibilidade de, nas próximas edições, conhecerem as respostas que os três premiados deram à nossa pergunta: «Que significa para si o 25 de Abril?».

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO — 56 346 — 36 000 CONTOS
2.º PRÉMIO — 10 713 — 6 000 CONTOS
3.º PRÉMIO — 20 272 — 3 000 CONTOS

O 2.º Prémio foi vendido aos Balcões da CASA DA SORTE

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA — BRAGA — PORTO — AVEIRO — COIMBRA — SETUBAL — FARO

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

56 345 — 285.000\$00
56 347 — 285.000\$00

PRÉMIOS DE 120 CONTOS

4 772; 8 901; 10 790; 10 947; 11 090; 14 296; 15 032; 15 079; 15 107; 20 433; 21 854; 22 188; 22 647; 23 280; 27 857; 30 087; 31 160; 32 509; 35 614; 37 700; 39 730; 40 142; 43 256; 44 523; 44 718; 45 185; 49 298; 49 942; 51 188; 51 603; 51 860; 52 263; 53 972; 54 130; 56 139; 56 640; 56 829; 57 084; 59 550; 60 240; 60 795; 63 459; 68 460; 69 143; 71 191; 75 988; 76 181; 77 103; 77 607; 77 646; 77 907; 79 434 e 79 929.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

15.000\$00 — 272; 346 e 713.
15.000\$00 — 088; 255; 259; 375; 805; 842; 880; 926; 959; 986 e 993.
6.000\$00 — 18; 34 e 60.
3.000\$00 — 6 (terminação)

PRÉMIOS DE 6.000\$00 (CENTENAS)

10 701 a 10 800; 20 801 a 20 900; 56 301 a 56 400.

NOTA: O direito aos prémios prescreve em 18/11/84

ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEMPLA A ACUMULAÇÃO DE PRÉMIOS, NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

Lisboa, 17/5/84

Poetas alentejanos
do século XXPOETAS ALENTEJANOS
DO SÉCULO XX

- ANTOLOGIA

Quando se persiste na caminhada, por mais longa ou difícil que ela seja, há sempre um dia em que chegamos ao fim. Isto é um lugar comum e uma vontade lapalissiana. Mas é também uma verdade muito rica de sentido. Há mais de trinta anos (é a idade dos nossos sonhos) que nos acompanhava o projecto desta antologia. E, com ele, outro: o de um cancionero popular alentejano. A antologia aí está levando com ela a exigência (e a necessidade) de um segundo volume, complementar, já na mira, onde a pesquisa das fontes e a exploração delas não de trilhar novos caminhos, decerto ainda mais onerosos mas também mais férteis e seguros. Realizámos a intenção de, sobretudo, dar a conhecer um vasto panorama da poesia alentejana do séc. XX, levando a público muitos dos nomes dos poetas do Alentejo que escreveram em o nosso século e uma amostra, embora limitada, da sua obra. Talvez que essa amostra não seja a mais feliz do ponto de vista valorativo. (...) O que quisemos, foi dar a conhecer o maior número possível de poetas sem descer no mínimo de dignidade estética, linguística e humanística abaixo do qual se perde a seriedade. Conforta-nos propiciar, assim, ao leitor, um íntimo contacto com a extensão e a profundidade da poesia de Alentejo... — assim se expressa, ao longo de um prefácio, Francisco Dias da Costa, organizador da antologia a que alude (e também ele poeta).

Intitula-se a antologia «Poetas alentejanos do século XX» — e de entre os poetas antologados (alguns dos quais não nasceram no Alentejo...) figuram, por exemplo, os nomes de Luís Amaro, Mário Beirão, Ruy Belo, António Botto, Francisco Bugalho, Raul de Carvalho, Afonso Cautela, Maria Rosa Colaço, Francisco Dias da Costa, José Cutilheiro, Florbela Espanca, Manuel da Fonseca, Natércia Freire, Sebastião da Gama,

Manuel João Manços, Fernando Martinho, Conde de Monsaraz, Joaquim Namorado, Eduardo Olímpio, Predo Oom, Cristóvam Pavia, António de Matos Pereira, Joaquim Pessoa, José Régio, Travanca-Rego, Júlio Roberto, Armindo Rodrigues, Urbano Tavares Rodrigues, Mário Saa, António Sardinha, Vultos Sequeira, Antunes da Silva, etc.

E muitos outros, não conhecidos do grande público (melhor: do público que se debruça sobre a leitura de poesia), mas que merecem atenção e não destoam da antologia agora organizada e publicada por Francisco Dias da Costa.

De José Régio, transcrevemos um poema. Ei-lo:

Fantasia erótica

A mulher que eu amo, que impressão me faz!
De cabelos rasos, parece um rapaz.
Mas os olhos dela, sem ela o querer,
É que dizem coisas que só de mulher
As suas narinas vibram, a chamar
Os turvos eflúvios vagabundos no ar;
E os seus dentes, frios no sorriso moço
Sinto-os, só de vê-los, contra o meu pescoço.
A mulher que eu amo, que impressão me faz!
Seu sorriso é triste, seu perfil minaz.
Os seus seios hirtos, pequeninos, túmidos,
Bastam a que os olhos se me façam húmidos.
Suas mãos felinas, logo que me tocam,
Meus nervos agudos todos se deslocam.
Suas ancas — taças do prazer — transbordam
De ópios que adormentam, mas que logo acordam.
Suas pernas magras de desenho fino
São como suspensos arcos de violino.
Quando as beijo, cego! e esse beijo corre
Como a onda solta que só longe morre.
Com seu riso aéreo nos lábios vermelhos,
Ela, então, recebe-me, entre os nus joelhos,
Sobre o longo corpo inteiramente franco...
E os seus olhos mortos boiam só em branco.

Sagan humor, ímpar, aposta

Sagan é sempre aquele olhar admirado e indeciso de rapariga, que come o rosto todo; é sempre aquele falar com palavras que se atropelam e que um riso abafa. Trinta anos depois de Bonjour tristesse, Sagan é um corpo delgadinho e frágil mas que a tudo resiste: à insónia, ao álcool, à velocidade, ao acidente, à droga e à doença.

O «monstrozi-nho encantador» de que falava François Mauriac em 1954 soube conservar o ar brincalhão e a estranha maneira de sorrir com a cabeça inclinada. Sagan com milhões de exemplares já vendidos, Sagan estrela e autora de êxito aos 19 anos, nada tem de sobrevivência dos anos 50. Sagan é a antinostalgia.

O seu nome aparece agora, pela primeira vez, na capa da famosa colecção branca da Gallimard. Está contente com isso sem, contudo, ter a sensação de entrar para um museu ou para o Panthéon. O seu último livro, *Avec mon meilleur souvenir*, nada tem a ver com umas memórias: «Como é que eu as poderia escrever, se não tenho memória nenhuma?»

Os dez textos que ela aí reuniu são fragmentos, pedaços de recordações e de ternura, quer por Bille Holiday quer por Jean-Paul Sartre, Orson Welles, Tennessee Williams e alguns outros — uma homenagem atenciosa, inteligente e modesta a pessoas que a autora soube encontrar, compreender ou não compreender, mas, de qualquer maneira, soube estimar.

Sagan tem o dom do amor e

da admiração — como todos aqueles que nunca serão velhos, azedos nem pretensiosos. Fala de si — quando lhe pedimos — sem afectação, sem construir com a sua pessoa uma personagem de grande escritor: «Já tive projectadas à minha frente tantas imagens de mim própria que não tenho necessidade de inventar outras; seria ridículo.» Nunca deixa de lado a cortesia nem o humor, que afirma dever aos pais e à educação que recebeu mas que também sabe que lhe pertencem pessoalmente, tal como a lucidez e a simplicidade.

«Sonhei-me escritora desde que comecei a ler — explicou —. Certamente que nisso não sou original. Depois de acabar o liceu senti-me aborrecida, estava a fazer o ano propedéutico na Sorbonne. Comecei a escrever *Bonjour tristesse* nos cafézinhos de bairro. Cheguei ao fim e enviei-o aos editores. A Julliard aceitou-o. Depois, foi o artigo de Mauriac, foi o prémio dos críticos, e tudo começou... um êxito gigantesco e desproporcionado.»

«Eu sei bem muito bem o que valem os meus romancesinhos. Não devo envergonhar-me deles, não são má literatura, são trabalhos honestos. Mas sei ler. Li Proust (foi bus-

car o nome à duquesa de Sagan, personagem da *Recherche*) e li *Stendhal*. E gente dessa é de nos fazer baixar a grimpada...»

Rir pelos cantos
dos olhos

Fala de si com pudor e retrai-se um pouco «por delicadeza», mas anima-se um pouco mais ao dizer-nos da sua «impressão de cavalgar na vida a toda a brida». A morte? «Quando se arrisca a vida está-se persuadido de a não ir perder... não tenho medo de morrer... enfim... não faço caso...» Iludir as coisas graves, eis a extrema delicadeza de Françoise Sagan. Põe-se ainda mais titubeante e mais comovida.

Nesse momento, de repente, as coisas escangalham-se: ajustamos a nossa voz ao ritmo da de Sagan e ela, esquecendo a entrevista, semelhante a milhares de outras que já deu, começa a tomar gosto à conversa. E vamos falando, como que a fazer passar de trás para diante um filme com estranha banda sonora, todo feito de confidências e cumplicidades.

Quem saiba rir pelos cantos dos olhos terá, com certeza, uma história comum com Françoise Sagan. Terá com certeza alguma coisa a partilhar com ela, alguma coisa para com ela brincar. Tal como no livro dela,

veremos passar Saint Tropez e aquilo a que as pessoas chamavam «juventude dourada»: as noites do acelerador a fundo, em que a velocidade «fazia os plátanos achatam-se ao longo das estradas (...), fazia alongar-se e distorcer-se as letras luminosas das bombas de gasolina (...) e despentear os desgostos». Abandonamo-nos à vertigem dos casinos e das manhas de tontura. Acompanhamos Sagan nas suas paixões políticas — na sua alegria de ver a esquerda no poder —, na sua felicidade por escrever, nas suas dificuldades de dinheiro. Maravilhamo-nos com o seu máximo privilégio de saber trocar dos seus azares no teatro, fazendo pouco de tudo isso sem ostentação — é o humor, o ímpar e a nova aposta.

E quando Sagan fecha a porta depois de dizer, com um último sorriso e sacudindo mais uma vez a cabeleira loira, «obrigado pela visita», voltamos com todo o optimismo possível. Françoise Sagan, depois de trinta anos de loucuras e de generosidade, contra uma época que só fala de segurança e quando a maior parte das pessoas gostaria, certamente, de saber que tempo fará no dia em que morrerem, continua à espera das surpresas de amanhã, cheia de curiosidade e de impaciência. Continua a queimar a vida com alegria e, nestes tempos de mesquinhez, dá um exemplo de elegância.

JOSYANE SAVIGNEAU



Desenho de Bérénice Cleve

SAHARA SPRINGS II

Ramiro Osório

Mau hálito, erros nossos

Porquê *Sahara Springs*? Por que não? Dêem-me uma razão para mudar de título e eu não o farei.

Porquê achar natural a pergunta «Porquê?» em relação a *Sahara Springs* e não a outros títulos?

Essa pergunta faz-me lembrar uma história que é o negativo desta. Quanto a mim, Godard roubou-a a Katharine Ann Porter, mas talvez isso não tenha importância.

A história (que não é uma história) é assim: Imaginem o holocausto judeu (refiro-me ao praticado contra) mais uma vez abordado numa reunião mundana. Alguém deixa então cair como quem não quer a coisa:

— Na verdade, o genocídio dos judeus foi absurdo. É como se de hoje para amanhã decidíssemos exterminar os judeus e os barbeiros.

A cada vez que assisti a este jogo, ouvi sempre uma boa alma perguntar:

— Porquê os barbeiros?

Na verdade, círculos há, em que a variante «árabes e barbeiros» tem direito à *mesmíssima* segregacionista pergunta.

Fica assim demonstrado que uma mesma pergunta (Porquê os barbeiros?) não atesta do sionismo ou não-sionismo do inquiridor.

Porquê *Sahara Springs*? Longe de mim simular in-

sensibilidade face à magia de Tombuctoo. Não obstante, concedam-me a banalização operada sobre esse lugar não comum. Não quer isto dizer que me caíssem os anéis se tivesse baptizado esta rubrica com o banal nome de *Tombuctoo*. Simplesmente, pareceu-me exercício da mais elementar justiça virar o projecto para *Sahara Springs*, irmão gémeo da estrela, na sombra.

Enfim — uma contradição. Mais uma. Porque habitualmente o meu olhar vai para as estrelas, e nunca lamento suficientemente que se não fale delas o suficiente. Só a luz me encandeia. As sombras não me cegam. Na sombra já sou cego.

Por que falar de sombra? se *Sahara Springs* é tão luminosa. Tão solar como ela só Tombuctoo. Nunca vi cidades tão sobre-expostas — cheguei inclusive a pensar que eram só uma, a tal ponto me era impossível avaliar qual a mais cegadora, a tal ponto se afigura impossível ao humano a igualdade.

Talvez desse terror seja prova a popularidade de Tombuctoo e a amnésia relativa a *Sahara Springs*. Porque o esquecido da nossa infância não faz ninguém duvidar de o ter vivido — enquanto que em *Sahara Springs* não encontrei quem acredite. Não sei por-

quê. Ninguém o quer confessar. Os de melhor fé acordam-se tão-só a existência metafórica de *Sahara Springs*.

De entre todas, é essa atitude paternalista a que mais me humilha. Então fecho-me em mim. Desaparece a vontade de despertar nos outros o interesse por *Sahara Springs*.

Qual metáfora! *Sahara Springs* não é como se eu fuisse de paraíso perdido. *Sahara Springs* não é como se. *Sahara Springs* é.

Acontece que me pareceu necessário alargar a relação entre título e intitulado. Por isso desprezei, entre outros: «*Cartas de outro mundo*», «*Cassettes de outros mundos*», «*Outros mundos, outras gentes*», «*Outro mundo, gente fina*», «*Do outro mundo — Ao vivo*», «*Cartas a Nónimas*», «*Für Nónimas*», «*Certamente cartomante*», «*A arte de cartear*», «*Encartes e Descartes*», «*Encaretar*», «*Cartas em castelo*», «*Cartas de crocodilo*», «*Carta de Tombuctoo*», «*Carta de Cacilhas*», «*Carta da Malveira*», «*Carta de Unhais da Serra*», «*Crónicas doentias*», «*Doenças, crónicas, outros caprichos*», «*As cartas do noland's man*», «*Miss Iva's regal*», «*Liberty Prada*».

O que está num nome? — pergunta Romeu. Cheirariam pior as minhas palavras se lhes tivesse chamado «Mau

hálito, erros nossos»?

Há uma forma benigna de loucura (ainda sem nome) em que os contemplados se fecham no seu funcionário e etiquetam dentro de um rígido horário o espólio (obviamente) alheio, assim: em cima de um livro de ersos colam uma etiqueta que diz versos.

Vi também, num filme de Ferreri, o último homem da Terra colocar palavras por toda a parte. Em cima da mesa o letreiro *Mesa*, sentado numa cadeira o letreiro *Cadeira*. Para a posteridade da guerra nuclear saber que nomes dávamos às coisas. O busilis é acreditar eternamente em sobreviventes, tentar informá-los.

Nisso são peritos tantas vezes os pintores. *Pintura sobre tela, 102 x 98 cm* — a informação do suporte faz suportar o silêncio do não-dito, francamente assumido neste caso.

Muito mais cinico é chamar ao seu romance *Bouvard et Pécuchet* porque os dois protagonistas assim se chamam. E o que pensar de *La Jalousie*? que é persiana e também ciúme. O autor até parece um amigo, mastigando-nos a papinha.

Afinal, algo que parece tão inocente — poupar às obras a eternidade límbica — pode levar o autor a passar as passas do inferno e ser preso por

ter cão ou o não ter. O primeiro passante se sente livre de atirar-lhe a primeira pedra, ora porque o título o informa de mais, ora de menos.

Não é por acaso que sempre pensei que ainda gostaria mais de *Pierrot le Fou* se esse filme se chamasse *La Charge des Tuniques Bleues*. Evidentemente, esse título não melhora não importa qual filme. Aliás, esse é o título de um filme que continua tão mau apesar de se chamar assim. Quanto a *Persona* ficaria pior se não se chamasse *Persona*. Mas — insisto — *Pierrot le Fou* melhoraria.

Não me agrada nada o que acabo de expressar, porque me faz ver que não quebrei o cordão entre título e intitulado. «Un coup de dés jamais n'abolira le hasard». Afinal (como o sabia desde o princípio) não é por acaso que *Sahara Springs* se chama *Sahara Springs*.

Com o mal-estar que me provoca o imperialismo da língua escolhida, com o bem estar provocado pela pluralização das nações *sim/não/nem sim/nem não* que vejo implicadas nesse título (*Sahara Springs existe/não existe/nem deixa de existir/nem não deixa de existir*), tanto na provação como na prosperidade, *Sahara Springs* é o nome desejado — contra



essa desrazão não há felizmente nada a fazer.

Sei de um lugar que se não é verde vai sê-lo, no meio do infinito amarelo do deserto. As

raiz não Nota O a pe

em 2.ª edição

«O Camarate de Lucifer», do nosso camarada de Redacção Manuel Geraldo, encontra-se nos escaparates em 2.ª edição. A primeira edição foi lançada em Novembro de 1983 — e logo a crítica distinguiu o livro sob diversos aspectos. Tudo somado, tratava-se de um passo em frente na carreira de Manuel Geraldo. Ouçamos a opinião de Baptista-Bastos: «Este texto radica-se numa das melhores tradições da cultura portuguesa: aquela que, partindo da realidade vistoriada, segue para os labirintos da imaginação.» E também de Urbano Tavares Rodrigues: «De Manuel Geraldo continuamos a esperar a valentia quotidiana e a honradez do repórter de choque, mas também o romance entre o facto e a conjectura, entre o acontecido e o imaginado, entre a denotação e a conotação, que este seu livro anuncia e prefigura.» E, ainda, de Fernando

Assis Pacheco: «Uma fábula de cinquenta páginas, um 'não' do jornalista ao fechar do

'dossier'. Pormenor picante. Kid continua vivo no mundo dos não fictos.» — Edições Caso.



MANUEL GERALDO

MÁRIO DE CARVALHO

“O Livro Grande de Tebas, Navio e Marina”

Mário Avelar

1. Naturalmente, um manuscrito, ou, naturalmente, um autor, e as narrativas nascem do prazer pelo contar num diálogo interminável entre autor e leitor, entre personagens que se desdobram em múltiplas vozes, em múltiplas histórias que são, aliás, instantes de uma história que se recusa, de um ponto

de vista que enfrenta a sua unicidade.

1.1. Diferentemente de um texto-síntese do seu Texto, Mário de Carvalho propõe-nos aqui um diálogo com esse Texto:

1.1.1. o espaço inicial de *Contos da Sétima Esfera* é constantemente evocado, sugerido, ao longo da(s) narrativa(s), desta(s) constituindo atmosfera privile-

giada [além da referência óbvia àquele título (Cf. p. 164)º;

1.1.2. a necessidade de «não confundir os tempos» (p. 67), isto é, que «os tempos não se confundam» (p. 203) para que uma ordem e uma lógica se conservem, não é senão o receio tornado verdade na experiência vivida em «A Inaudita Guerra da Avenida Gago Coutinho»;

1.1.3. as fábulas de «moralidade duvidosa», ensaiando momentos particularmente curiosos nesta narrativa são levadas à última consequência em *Fabulário*, aí assumindo estatuto de sujeito;

1.1.4. a ideia de viagem que justifica o texto renasce no *nonsense* deambulatorio de Cat a Gat;

1.1.5. a ironia decepçionante em vários momentos, assim como algumas referências ficcionais espelham-se nos *Casos do Beco das Sardinheiras*.

Estes são somente alguns elementos que abrem esta narrativa para outras do mesmo autor e que são passíveis de definir a unidade existente nesse Texto constituído por cinco títulos até agora publicados.

1.2. Seria, no entanto, ilusório considerar este diálogo do texto com o Texto, como o único existente. Facilmente se constata outras referências detonadoras de outros diálogos e informadoras da obra:

1.2.1. diálogo com a literatura assumido explicitamente nas epígrafos retiradas de *Da Rosa Fixa*, de Maria Velho da Costa, que não possuem um carácter decorativo, como habitualmente sucede, antes representando

che rati me (Cf. nav A. Po 1 dig (C 1 ma cor olh 1 ent privi que vivi me -na leit gre cor paq tóri sos 2 log pré tur ria 15 tra pel tor sei na: res fur na: tex na: ras me ref eni

inconstance • désastreux

19

La Tour

Discorde • Séparation



raízes das suas nascentes não dormem

Nota: O texto está incompleto. Valerá pena saber porquê?

A 4 de Maio de 1978, em Paris, Henri Curiel, militante «terceiro-mundista», era assassinado no elevador do prédio onde vivia. O assassino nunca foi identificado.

Antes disso, Henri Curiel, personagem discreta, fora trazido à luz do dia por uma campanha de imprensa que o apresentava como um chefe do terrorismo internacional. As causas políticas do assassinio, as dificuldades da instrução do processo, as reticências da D.S.T. francesa e as actividades mal conhecidas de Curiel vieram adensar o mistério deste dramático caso.

Gilles Perrault foi ver tudo mais de perto. Reuniu os resultados de um demorado inquérito num livro intitulado *Un homme à part* e Eric Rouleau vem dar-nos conta dessa obra apaixonante que bom merece um êxito igual ao de *L'Orchestre Rouge* e *Le Pull-over rouge*.

Gilles Perrault reconstitue com talento a humanidade de Henri Curiel: a sedução e as múltiplas facetas de um homem aparte. Mas não era ele, sempre pronto a rachar de meio a meio a injustiça, um ser também muito especial? Era, seguramente, um homem tranquilo — responde Bernard Alliot, que o conheceu numa aldeia do Cotentin...

Henri Curiel, missionário terceiro-mundista

No dia 4 de Maio de 1978, dois homens de luvas, com ar desportivo, entraram num prédio burguês da Rue Rollin, no 5.º «arrondissement» de Paris. Eram 14 horas em ponto. Nesse mesmo instante, um morador saía de sua casa e entrava no elevador. Dois minutos depois, quando o elevador chegou ao rés-do-chão, um dos dois homens abriu a porta articulada e o outro disparou quatro balas à queima-roupa que mataram

Henri Curiel. Assim, findava a vida de uma das mais misteriosas e mais controversas personagens do pós-guerra.

No decurso dos dois anos anteriores ao seu assassinio, Henri Curiel, cuja vida era tão regular como a de um relógio suíço, tinha sido denunciado por certa imprensa — *Minute*, *L'Aurore*, *Le Crapouillot*, *Le Point*... — como chefe de orquestra do terrorismo internacional. Em contrapartida, os que o conheciam bem, tal como os seus adversários políticos, elogiavam nele o humanista, o partidário da não-vio-

lência por natureza e por ideologia.

Esse homem, que com rara teimosia, a roçar o ridículo, se apresentava como «comunista ortodoxo», era na realidade repudiado pelo movimento comunista internacional. Um alto responsável do PCF tinha-o em tempos classificado como «agente do 2.º Bureau»; os serviços cubanos estavam convencidos de que ele pertencia à contra-espionagem francesa (SDE CE); um cronista soviético

Continuação pág. 4



Gilles Perrault visto por Bérénice Cleve

chaves para o enigma das narrativas; referenciando implicitamente as narrativas fantásticas (Cf. Craft von Hollenstein e o navio fantasma em *Narrative of A. Gordon Pym*, de Edgar Allan Poe, por exemplo);

1.2.2. diálogo com outros códigos narrativos, como a BD (Corto Maltese, p. 131);

1.2.3. com o real, nas suas mais óbvias representações, como a política (*O que dizem os olhos do morto*, p.176);

1.2.4. diálogo com o onírico, entendido este como espaço privilegiado de motivação ficcional no momento pré-textual e que invade o texto na atmosfera vivida, de uma forma aparentemente circular, pelo autor-narrador e experienciada pelo leitor. Justificam-se estas digressões pelo erro possível de considerar o texto como um espaço fechado, formado em histórias que se ocultam em universos densos, «fantásticos».

2. De viagem se fala, de diálogo se forja a história. A viagem pré-existe à(s) história(s) nas leituras por narrar na «fresca livraria do convento Saint-Saëns» (p. 15); de diálogos silenciosos se trata, de viagens (in) formadas pela leitura que traçam os contornos do saber protagonista. Do seio das viagens por narrar nasce o «chamamento de algures», o apelo à viagem que é, fundamentalmente, um apelo à narrativa, a razão de existir do texto. Ao convento «voltará» o narrador no final de suas aventuras, num percurso aparentemente circular, como antes se referiu (1.2.4.): aparente porque, entretanto, ficaram as histórias,

ficou o texto, motivo primeiro da existência daquele autor pelo Autor encontrado, talvez, em Ashitueba.

2.1. Tebas funciona como esse espaço outro utopicamente anseado: Tebas é o lugar que os outros não alcançam, que apenas ao narrador pertence, o mesmo possível que se julga, caindo nas malhas da ironia, alcançável algures, mas que, na realidade acompanha as narrativas não só nos instantes especulativos ou descritivos, a ela claramente referentes, mas também nas próprias narrativas: Tebas é esse universo de prazer narrativo alheio às falsas explicações do senhor do cachimbo (p. 20); Tebas é o espaço em que o saber se dilui em múltiplas vozes evocadoras de outras tantas histórias.

2.2. Mais do que um dado adquirido, o Real é o lugar da dúvida, da verdade que se oculta. Logo na Jamaica se configura um espaço diferente resultante da confluência de diferentes tempos (o avião, os piratas, as galeras), que são, simultaneamente, portadores de diferentes códigos: não se focaliza a acção num espaço temporalmente definido, com os seus valores e as suas normas próprias, antes se deixa no ar uma intemporalidade em que o autor-narrador viaja sem que se conheçam as «orientações normativas» que o limitam.

2.2.1. É nesse espaço diferente que as vozes se dissimulam num jogo constante de aproximação ao conhecimento. A focagem das situações oscila consoante o sujeito efabulador,

e, de um objecto único, restam as diferentes perspectivas, a verdade fragmenta-se: durante *A Assombração* (pp. 25 a 35), o narrador é todas as personagens, o ponto de vista desdobra-se, mas as focalizações não oferecem uma verdade final, totalizante; o tom especulativo, a incapacidade de abarcar a globalidade do Real, afirmam-se como a única verdade possível.

2.2.2. Esse desdobrar de sujeitos narrativos frequentemente utilizado é apenas um dos métodos de representar essa fragmentação. Atente-se nos três «tipos» de discurso acentuados no texto: aquele que enuncia «a história»; um outro, em itálico, à primeira vista ligado ao monólogo interior e relacionado com o primeiro; um último, em caracteres mais carregados, «definidor» de Tebas (CF. PP. 70 e 71, onde os três «tipos» confluem). Estes três discursos definem três vozes, três formas primeiras de abordagem do Real que se multiplicam em muitos outros. Tal como o autocarro cujas «janelas de um lado não condizem com as do outro, nem sequer alinhadas estão» (p. 89), os pontos de vista identificam o Real segundo perspectivas parcelares, insuficientes, porque desgarradas. Competirá ao leitor descobrir, nesses espaços por preencher, um (e nunca o) sentido unificador. Competirá ao leitor alcançar um conhecimento oculto num discurso em metamorfose, mutável como o aspecto do comandante do *Maria Speranza* (p. 40) que, à semelhança de outras personagens, joga com o destinatário a possibilidade da verdade.

António Franco Alexandre prémio de poesia

Por um dia de Abril, discretamente, António Franco Alexandre viu distinguida a sua obra de poeta com o Prémio de Poesia do Pen-Club.

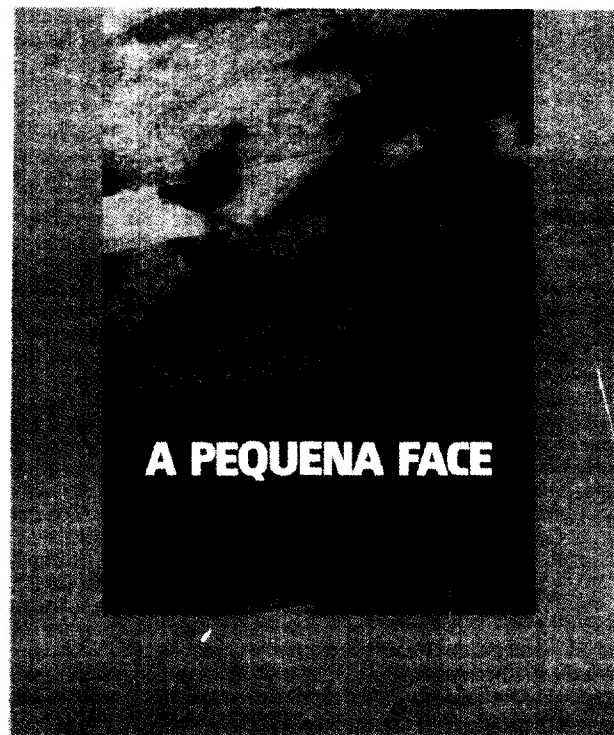
Obra, sim: em 1969, numa edição de autor, publicou «A Distância»; em 1974, «Sem palavras nem coisas», através das Iniciativas Editoriais; em 1976, em colaboração com outros, «Cartucho»; em 1979, «Os Objectos Principais», pela Centelha/Coimbra; em 1983, «Visitação», via Gota de Água; e ainda no mesmo ano, pela Assírio e Alvim, «A Pequena Face».

Deste último livro, um poema:

É no meu corpo que morreste. Agora temos o tempo todo ao nosso lado, como um lodo onde dormitam as conhecidas maneiras. Algumas nuvens se aproximam, e depois se afastam, numa duvidosa manifestação de imperícia;

os animais falantes atravessam corredores iluminados, embarcam na

sossegada lembrança dos sonetos, o leve sono que pesou no dia, É no meu corpo que morreste, agora.





Continuação da pág. 3

escreveu, depois da sua morte, que ele trabalhava para o «Mosad» israelita. Alguns dos seus antigos companheiros do Partido Comunista egípcio, entre cujos fundadores ele se contava, viam nele um «sionista». Quem teria interesse em suprimir esse pára do movimento revolucionário? Dez hipóteses foram formuladas, dez pistas se perderam nas areias...

A maneira de Hitchcock

O enigma tinha o bastante para provocar a curiosidade de Gilles Perrault. Era um assunto que se adaptava bem ao temperamento do autor de *L'Orchestre rouge* e de *La Longue traque*, que calhava bem com a sua paixão de justiceiro (*Le Pull-over rouge*, *L'Erreur*). Curiosamente, Perrault nunca ouvira falar de Curiel antes do atentado da Rue Rollin. Inicialmente, solicitou, começou por recusar-se a analisar o caso; mas as suas hesitações acabaram por ceder aos atractivos de um tenebroso universo que ele perscrutou, rebuscou e explorou durante vários anos a fim de engendrar *Un Homme à part*, um livro que virá, certamente, a figurar entre as suas melhores obras.

Gilles Perrault faz-nos pensar em Hitchcock. A monumental investigação que ele realizou em colaboração com Sylvie Braibant mergulha na angústia que envolve os militantes clandestinos, os agentes de informações, as perseguições policiais, as evasões de presos; o ritmo da narração, sóbrio e incisivo, é de tirar o fôlego; e um humor estridente, veiculado por estranhos episódios, atravessa todo o drama. O leitor é interpelado, espicaçado, obrigado a juntar com Perrault as peças do puzzle. O investigador deslinda a meada aos poucos para tecer o fresco da intriga.

Uma vida de dandy

A habilidade do narrador confunde-se com a técnica do historiador. Perrault, tal como Michelet, alarga o seu campo de visão até à base geográfica das suas personagens, até à sua pátria, o Egipto, cuja evolução política, económica e social esboça de Napoleão a Nasser. E, com esse pano de fundo, reanima o Cairo dos anos 30 e 40 para nos mostrar em grande plano a burguesia judaica de que prevêm Henri Curiel e os seus companheiros. Os impressionantes retratos que Perrault nos dá de todos eles, colodindo-os ao longo dos vários capítulos da sua obra, explicam e ilustram o destino pouco vulgar de um «milionário judeu e comunista» que iria causar a exasperação de diversos Estados.

Ao apontar os projectores para a personagem central, Gilles Perrault ilumina também os bastidores da história. Neto de um usurário, filho de um banqueiro, educado numa família francófona e furiosamente francófila — igual a numerosas outras famílias judaico-egípcias daquela época —, Henri Curiel levava, aos vinte e quatro anos, uma vida de dandy, frequentando as casas nocturnas e os bordéis do Cairo até que «a miséria do povo egípcio o empurrou para a política».

para usar as palavras de Joseph Harzan, um dos seus companheiros mais chegados. No início da última guerra mundial, Curiel era militante antifascista e em 1943 os «canhões de Stalingrad» converteram-no ao comunismo.

Abandonando a família e a fortuna, iria dedicar a partir de então a sua vida à acção revolucionária: primeiro no Egipto e depois — por ter sido expulso do país pelo rei Faruk — na Europa e no chamado terceiro-mundo.

Tinha sido educado pelos jesuítas — que nele deixaram a sua marca indelevel — e possuía a atitude espiritual, o comportamento modesto e até o aspecto de um pároco ou de um pastor protestante. Magro como um fakir, de silhueta delgada e levemente inclinada, com o olhar meigo dos miopes e um eterno sorriso nos lábios, tinha um poder de persuasão que era proverbial.

A luta pela independência da Argélia

Embora falando um árabe pouco correcto e com uma pronúncia abominável, Curiel dedicava-se, e com certo êxito, ao proselitismo nos mais inesperados ambientes: entre os operários dos arrabaldes industriais de Chubrah, entre os irmãos Muçulmanos, entre os militantes sionistas, entre os simpatizantes do nazismo, com os quais privava durante as suas múltiplas estadias na prisão, entre os magistrados do Ministério Público encarregados de inculpá-lo, entre os oficiais do exército que ainda se deixavam levar pela bandeira do marxismo-leninismo... Eram muitos os que, trinta anos depois de ele ter saído do Egipto, ainda lhe dedicavam um culto inalterável.

Dois postulados guiavam a conduta daquele a quem fora dado o cognome de «abouna» (em árabe: o paizinho): quaisquer que sejam as suas convicções, todos os seres humanos são honestos até se provar o contrário e podem, portanto, ser recrutados; e nos países do terceiro-mundo o nacionalismo serve, mais que em qualquer outro lugar, de locomotiva da História embora seja verdade que a luta de classes é o seu motor. Henri Curiel e os seus companheiros foram os primeiros a saudar em 1952 a revolução nasseriana — numa época em que o movimento comunista internacional não via nela mais que um «putsch fascista». De maneira que o «judeu cosmopolita», que como tal fora excluído do PC egípcio, tinha analisado melhor e tinha compreendido melhor que os seus ex-camaradas locais a composição social e a vocação plebeia do exército egípcio.

Nada há, pois, de espantoso em que Henri Curiel e o seu grupo de egípcios se tenham empenhado perdidamente, em Paris na luta pela independência da Argélia. Arriscando-se a confirmar a sua reputação de «aventureiros» aos olhos do PCF, alguns deles entraram em 1957 para a organização de «transportadores de malas» da rede Jeanson, na qual predominavam os esquerdistas, os padres e os pastores. Ao longo de toda a sua carreira de militante — observa o

autor de *Un Homme à part* —, Henri Curiel entendeu-se muito melhor com os cristãos que com os comunistas franceses. O padre dominicano Kaelin confirma essa opinião ao confidenciar: «Era um homem profundamente bom, delicado, generoso... Conserve dele a recordação de um missionário, de um apóstolo...».

Um funcionário

Henri Curiel tinha ainda outra faceta: a do funcionário. A pedido dos argelinos, iria assumir pouco a pouco as funções de direcção da rede de auxílio à FLN em vez de Francis Jeanson. Também viria a «abandonar» Ben Bella, que fora sucessivamente seu devedor, benfeitor e amigo, logo a seguir ao golpe de Estado que em Junho de 1965 o derrubaria. Na realidade — comenta Gilles Perrault —, «a actividade política tem as suas exigências e Curiel tinha dela uma ideia demasiado elevada para a deixar atascar-se nas inclinações pessoais». Mas, apesar disso, a sua generosidade continuava intacta: Henri Curiel e seu irmão Raoul doaram, por escritura notarial assinada em Paris a 27 de Outubro de 1964, a sua herança — uma sumptuosa propriedade familiar no valor de mil e quinhentos milhões de francos antigos — para servir de Embaixada da República Argelina no Cairo...

A «Internacional do Terceiro-Mundo»

Terminada a guerra da Argélia, Curiel passou, se assim se pode dizer, do amorismo à indústria. A «Solidarité» — que ele fundou juntamente com gente da Igreja e com socialistas e marxistas de todas as tendências — ofereceu os seus serviços, sem distinção, a todos os movimentos de libertação nacional de todo o Terceiro-Mundo e, excepcionalmente, aos resistentes antifascistas de Espanha, de Portugal e da Grécia dos coronéis. Mais de quarenta desses movimentos, em África, na Ásia e na América Latina, beneficiaram do auxílio da «Solidarité».

Inicialmente financiada pela Argélia de Ben Bella e depois pelos próprios movimentos de libertação nacional, essa organização preparava e realizava a travessia de fronteiras e o alojamento dos militantes clandestinos, fornecia passaportes falsos, imprimia materiais de propaganda, enviava para os combatentes roupas e medicamentos. Melhor ainda: uma escola de quadros — semelhante àquela que Curiel criara no Cairo nos anos 40 para formar os futuros animadores do partido comunista egípcio — oferecia aos guerrilheiros anticolonialistas cursos de formação sobre organização e segurança contra a repressão, de escrita simpática e codificada, de fotografia e cartografia, de maneio de armas, de guerrilha, de tratamentos médicos, etc...

A «Solidarité» evitava cuidadosamente intervir nos Estados membros da OUA, especialmente nos da esfera de influência francesa, e funcionou durante quinze anos sem o mínimo atrito até ao assassinio de Henri Curiel. No entanto, nem a DST nem o SDCE ignoravam nada — ou quase — das suas actividades ocultas. Ao ler as entrelinhas do livro de Gilles Perrault, julgamos entrever as relações e mesmo as amizades do «abouna» com as personalidades gaulistas, às vezes, «no vértice do Estado» relações que ele deve ter estabelecido na época da «France Libre».

O hérculeo inquérito de Gilles

Perrault permite-nos concluir que Henri Curiel nem era «agente do KGB» nem animador do terrorismo mundial, ao qual tinha horror. O chefe da insólita «Internacional do Terceiro Mundo» foi, entre outras coisas, o iniciador dos contactos secretos entre pacifistas israelitas e palestinos que se realizaram sob a égide de Pierre Mendès-France. O papel que ele desempenhou nisso e noutras coisas valeu-lhe inúmeras amizades e gratidão e, ao mesmo tempo, outros tantos inimigos cheios de ódio, entre os defensores da ordem estabelecida — colonial ou fascista.

O assassinio de Henri Curiel, segundo tudo indica, foi obra de indivíduos que dispunham de meios técnicos de um Estado. Qual? Quando o inquérito oficial chegar ao fim — mas chegará ele ao fim? —, será preciso ler *Un Homme à part* para experimentar o embaraço da escolha...

ERIC ROULEAU

«Un Homme à part», de Gilles Perrault, Ed. Bernard Bataillon, 588 p., 98f.

As maratonas de um homem tranquilo

Rua Gilles Perrault, escritor, 1931-? Um dos filhos do escritor pregou esta falsa placa numa parede da sala do pai. «No dia da festa da aldeia — diz Gilles Perrault —, os rapazes inauguraram a nossa rua com a cumplicidade do pai. Eu não esperava essa brincadeira... Uma pausa. «Esse ponto de interrogação perturbou-me... a incómoda impressão que ele me dava de completar a data...». Sob a mão do escritor, a madeira do corrimão corria pesada e maciça: o desejo furtivo de escorregar por ele abaixo com todo o peso do corpo... No rés-do-chão, dois degraus conduziam a outra casa mais pequena. «Comprei-a há vinte e dois anos. Quería escrever o meu livro longe de Paris. Conduzido por um aborrecimento sentimental, Perrault viera sozinho para esta aldeia do Cotentin chamada Sainte-Marie-du-Mont. Seiscientos almas, uma praça, uma igreja — uma aldeia como qualquer outra mas cujos segredos nem em toda uma vida poderiam ser desvendados.

Aqui «somos reservados» — diz Gilles Perrault. Ele, o «escritor», que criou raízes neste recanto do Bocage que conhece melhor que ninguém e cuja micro-história já reconstituiu, continua a ser o «forasteiro», o não-nativo. Aos olhos de quem venha de fora, nada o distingue das pessoas de terra, cujas atitudes e cujo tom bronzeado pelos ventos do mar já adquiriu por uma espécie de mimetismo.

Na parede está presa com «punais» uma fotografia em que o vemos apanhado em pleno movimento, de músculos salientes, o peito num bloco, o rosto um pouco retorcido numa careta. A fotografia não lhe agrada, pois lhe dá de si próprio uma imagem crispada, ligeiramente deformada pelo esforço e pela vontade... «De três em três dias faço uma maratona de hora e meia» — diz ele, mostrando-nos uma medalha. «Ganhei-a por ter completado a maratona de Paris. Foi Alain Giraud quem me incitou a inscrever-me ao contar em Le Monde como fizera a de Nova Iorque. Durante o percurso, eu amaldiçoava-o dizendo de mim para comigo: «se eu falhar nisso, Giraud, saberás que a culpa foi tua...» Mas, assim que passei a linha de chegada, já não sabia como exprimir-lhe a minha satisfação...» Há ainda outras fotografias à mistura como «posters»: ténis, carros de corrida, etc.

«Cendrars deu-me o gosto da escrita»

Na outra ala da casa, no primeiro andar, está o gabinete de trabalho. É uma sala minúscula, com pastas a abarrotar de papel em prateleiras. De lado, uma janela estreita — não para olhar para o campo mas apenas para deixar entrar a luz. Perrault escreve numa mesa vulgar, colocada em

frente de uma parede lisa a fim de nada o perturbar. «A redacção de *Un Homme à part* valeu-me um ano nesta cela... Os vizinhos julgavam que eu não estava cá». Cada um dos livros-inquérito — *La Longue traque*, *L'Orchestre rouge*, *Le Pull-over rouge*, *Un Homme à part* — levou-lhe dois anos de pesquisa e um de escrita. «Depois disso tenho de voltar a assentar os pés na terra». E Thérèse, sua esposa, sorri: «Os filhos falam com ele e não lhes respondem, ou responde de soslaio: não está cá». A família adaptou-se a esses períodos de gestação, a essas «ânsias» do criador? A celebridade do escritor acaba à entrada do lar? «A notícia de eu ter quebrado a caneta não provocaria uma emoção especial nos meus filhos» — verifica Gilles Perrault.

Em baixo, na grande sala de estar, há prateleiras de livros até às vigas do teto. Milhares de livros, uma biblioteca ideal em que se alinham, em filas duplas, todos os grandes nomes. Nesse exército há um pelotão de Cendrars. «Encantou-me a infância. Foi ele quem me deu o gosto da escrita. Porque diabo dizem agora que ele nunca viajou no Trans-siberiano? Que importância tem isso?». Sig, o enorme «épagneul-breton», indiferente à história da literatura, encosta-se ao dono e depois deita-se no chão, misturando as suas malhas às do tapete de pele de vaca.

O vento projecta gotas de chuva no vidro do postigo. Gilles Perrault põe mais uma acha na chaminé e prossegue: «Quando tinha dez anos, queria ser escritor. Um amigo meu queria ser aventureiro: é...». Mas Perrault estava «programado» para ser advogado como o pai. Um dos seus dois irmãos é engenheiro e o outro é homem de negócios — como sucede em qualquer família burguesa séria. De modo que Gilles Perrault foi advogado durante cinco longos anos, mas depois renunciou à toga. Pode-se escapar à «programação»? Perrault, na maior parte dos seus livros, pede justiça. Os pais estiveram na Resistência? Ele foi pára-quedista na Argélia e foi aos seus companheiros de armas que dedicou o seu primeiro livro — ele, que tão longe estava do «mito dos páras». E, a propósito de Henri Curiel, o terceiro-mundista assassinado de *Un Homme à part*, Gilles Perrault fala de «verdade contraditória»...

Parou a chuva. Sig sobe com dificuldade para o carro. «Está a ficar velho». Já tem os cantos dos olhos a ficar enevoados. O céu carrega-se de nuvens vindas do mar. Árvores de inverno, nuas. O verde líquido do Bocage. Na praia de Utah-Beach há recordações e vestígios militares do desembarque aliado de 1944, destinados aos turistas. Sig rebusca, coxeando, pela praia adiante. O mar cobre quase por completo o enorme lodaçal dos Veys. Um homem, sentado num «sulky», vai orientando o cavalo na maré que sobe. «É para fortalecer os tendões ao animal» — diz Gilles Perrault. Às vezes, um ou outro criador deixa um cavalo amarrado a uma estaca e só vem tirá-lo quando a maré já está bastante alta. Mas o animal não sabe nada e, evidentemente, põe-se a puxar pela corda e fica assustado.

«Encontro por vezes homens perigosos que têm medo»

O vento agudo pica-nos os olhos. Voam gotas de água e grãos de areia. Ao longe, Sig anda em correrias com outro

cão. Falar da paranóia dos serviços secretos naquela extensão arenosa e varrida pelo vento tem o seu quê de absurdo. E como é que Gilles Perrault consegue chegar aos agentes? Porque é que eles aceitam falar com ele? O vento leva uma parte da resposta. «...mais simples que o que se julga. São homens como os outros. Quando envelhecem apetece-lhes falar, falar tanto dos casos bons como dos maus». Um caminho empedrado vai perder-se no lodaçal, que aqui é pouco profundo. «São restos de uma estrada romana. Noutros tempos, os ingleses combateram aqui com os guerreiros franceses, a quem os camponeses deram boa ajuda com os seus chuços. Os ingleses que escaparam foram engolidos pela maré enchente...». O ex-parisiense sabe tudo a respeito do Bocage... De repente começa a cair uma chuva gelada que nos esbofeteia.

Nova acha na chaminé. Gilles Perrault enche o cachimbo. Thérèse, de silhueta flexível e rápida, vai ver a televisão para outra sala: ela é que é a apreciadora de fórmula 1.

O escritor afunda-se num cadeirão. Nunca faz gravações durante as pesquisas. «O gravador, com aquele aspecto técnico e irrefutável, incomoda as pessoas. Tomo apontamentos depois das entrevistas. O meu interlocutor e eu começamos por conhecer-nos mutuamente e eu vou ouvindo. Muitas vezes, dizem-me assim: você tem de cá voltar para se falar mais disto. Mas eu tenho o trabalho feito...». Com aquele sorriso juvenil, aquele olhar limpo, aquela maneira aberta de ir escutando, aquela atenção espontânea para os outros, deve ser um interlocutor temível...

Thérèse voltou: foi um desastre, Prost falhou a saída... «Às vezes encontro homens perigosos, que têm medo, e entro em zona vermelha; é preciso manter-se vigilante. Ou então receio que estejam a impingir-me alguma mistificação. Já houve tentativas... Mas, num inquérito que demora dois anos ou dois anos e meio, as mistificações desfazem-se por si próprias». Thérèse estremece retrospectivamente. Teve medo na Polónia, quando andavam na pegada de Trepper, o chefe da «Orquestra vermelha». E no Egipto, na pista de Curiel? «Descobri a ternura do Egipto. E Curiel, o homem das luzes e das sombras, era todo feito de ternura». Mas há os loucos que aparecem de repente. Thérèse lembra aquele que veio de Toulouse de mala na mão, que se julgava perseguido e queria que Gilles Perrault lhe tratasse do caso. Foi a seguir a *Le Pull-over rouge*. Ou então, a seguir a *L'Orchestre rouge*, aquele estranho casal que ora se dizia holandês ora alemão, que apareceu numa bela noite e queria expulsar o pobre Sig da sala!

Graças às revelações (2) e à ajuda de Gilles Perrault, Eugène Rousseau, um agente do SDECE que fora condenado a 15 anos de prisão por causa de uma loda e absurda história de traição, foi posto em liberdade. Todos os anos, no dia do aniversário da sua libertação, telefona ao «eu defensor para lhe repetir votos de felicidade.

A chuva bate impiedosamente no postigo. Uma chama salta na chaminé. Está-se bem. Aparentemente, tudo está calmo, nada tem mistérios...

BERNARD ALLIOT

1. Les Gens d'ici, de Gilles Perrault, Ramsay, 486 p. (1981).
2. L'Erreur, de Gilles Perrault, Fayard, 225 p.